

Universidade Federal de Ouro Preto  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem  
Linha de Pesquisa 2: Tradução e Práticas Discursivas

**INTERPRETAÇÃO INDIVIDUAL E EM EQUIPE:  
ANÁLISE DE PERFIL DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE  
SINAIS E UMA PROPOSTA DE ESTUDO EXPERIMENTAL**

Johnny César dos Santos

**JOHNNY CÉSAR DOS SANTOS**

**INTERPRETAÇÃO INDIVIDUAL E EM EQUIPE:  
ANÁLISE DE PERFIL DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE  
SINAIS E UMA PROPOSTA DE ESTUDO EXPERIMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Linha de pesquisa: Tradução e Práticas Discursivas

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Norma Barbosa de Lima  
Fonseca

Mariana-MG  
2020

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237i Santos, Johnny Cesar dos .  
Interpretação individual e em equipe [manuscrito]: Análise de perfil de tradutores e intérpretes de língua de sinais e uma proposta de estudo experimental. / Johnny Cesar dos Santos. - 2020.  
121 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila real Gonçalves.  
Coorientadora: Profa. Dra. Norma Barbosa de lima Fonseca.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.  
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Tradutores-intérpretes de Libras (TILS). 2. Esforço Processual na Interpretação Intermodal. 3. Língua brasileira de sinais - Tradução e interpretação. 4. Língua brasileira de sinais - Estudo e ensino. 5. Interpretação Simultânea em Equipe. I. Fonseca, Norma Barbosa de lima. II. Gonçalves, José Luiz Vila real . III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 808.1 /5

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela S. L. Mesquita CRB:1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Johnny Cesar dos Santos**

**"Interpretação Individual e em Equipe: Análise de Perfil de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais e Uma Proposta de Estudo Experimental"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem

Aprovada em 28 de setembro de 2020

### Membros da banca

Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP  
Dra. Norma Barbosa de Lima Fonseca - Coorientadora - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
Dr. Carlos Henrique Rodrigues - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Dr. Giacomio Patrocínio Figueredo - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 28/09/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Jose Luiz Vila Real Goncalves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2020, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0116546** e o código CRC **563E8013**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008675/2020-46

SEI nº 0116546

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: - [www.ufop.br](http://www.ufop.br)

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto do empenho conjunto de professores, amigos e colegas sem os quais seria impossível o início, o percurso e a finalização deste estudo. Sendo assim, gostaria de agradecer diretamente às pessoas imprescindíveis neste processo.

Agradeço, primeiramente, ao meu professor e orientador Dr. José Luiz Gonçalves, que me acompanhou durante todo esse processo e, que, além de me agraciar com toda sua bagagem teórica, se mostrou um aliado me ajudando a vencer os momentos de desespero e incertezas que acabaram por ocorrer ao longo da pesquisa. Em especial, gostaria de agradecer sua extrema humildade que, por vezes, o fez dar atenção às minhas falas e necessidades. Isso, sem dúvida, foi um diferencial e sou imensamente grato.

À querida Dr<sup>a</sup>. Norma Fonseca, minha coorientadora neste estudo, por ter aceitado o convite de coorientação, por compartilhar comigo o seu conhecimento; sem sua constante disponibilidade e boa vontade – em especial no processo das coletas exploratórias – essa pesquisa não seria a mesma.

Ao professor Dr. Giacomo Figueredo, pelas excelentes contribuições como membro da minha banca na qualificação e por aceitar participar da banca de defesa.

Ao professor Dr. Carlos Rodrigues por aceitar participar da banca de defesa da dissertação.

À minha mãe, e ao meu pai, por quem tenho um amor incondicional, responsáveis pela minha existência e por me proporcionar uma boa educação mesmo em fases difíceis da vida, agradeço-lhes por serem incentivadores da minha curiosidade e meus apoiadores em muitas decisões. Todos os meus esforços para concluir esta dissertação é dedicado a vocês.

À minha irmã, a quem eu amo tanto e com quem tenho uma ligação inexplicável, agradeço-lhe a paciência, por me acolher nos maus momentos e por compreender os momentos de ausência inerentes à dedicação a esta pesquisa. Consequentemente, agradeço ao meu cunhado, um homem incrível, que para mim é como um irmão, sua chegada à família veio nos proporcionar o equilíbrio que faltava.

Ao Pedro, que além de ser meu grande amigo e parceiro, foi minha inspiração como pesquisador, agradeço por revisar meus primeiros projetos e por ter sido a pessoa que me inspirou e que me mostrou meu potencial para a pesquisa. Agradeço-lhe a ajuda e tempo gasto com as leituras dos textos em inglês, sem os quais minha pesquisa não teria prosseguido.

Agradeço por compartilhar seus conhecimentos sobre tradução e interpretação e por compartilhar bons momentos profissionais e pessoais na minha estada em Ouro Preto.

À Camila, minha primeira parceira de atuação em equipe, agradeço por ser tão amiga, ainda que distante, e por ter compartilhado comigo os seus conhecimentos em nossas atuações como TILS na UFOP. Você também é fonte de inspiração para a idealização desta pesquisa.

Aos meus demais colegas TILS da UFOP, que em 2014 me proporcionaram experienciar pela primeira vez uma atuação em equipe, e que indiretamente me motivaram a pesquisar esta temática.

A todos os meus amigos e às minhas amigas que me deram estabilidade emocional e força para conseguir finalizar esta pesquisa e que se fizeram presentes - ainda que on-line - em tempos de pandemia e isolamento com risadas e incentivos. Àqueles que me ajudaram de forma prática com este trabalho, deixo-lhes meus sinceros e profundos agradecimentos.

À Sol, que chegou com suas quatro patas para encher minha vida de amor.

Por fim, agradeço a todos os participantes desta pesquisa sem os quais ela se tornaria inexecutável.

## RESUMO

O trabalho de interpretação simultânea em equipe é o tema central desta dissertação, que parte de um mapeamento de perfil de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) atuantes no Brasil. Neste mapeamento, feito através da aplicação de um questionário, levantamos o perfil linguístico, acadêmico e profissional dos TILS em uma análise comparativa com outros estudos de perfil (LACERDA; GURGEL, 2011; SILVA; FERNANDES, 2018). Conseguimos averiguar também, de maneira geral, as concepções dos TILS sobre o trabalho em equipe tendo como base de análise os três modelos de interpretação em equipe de Hoza (2010a): (1) o *on/off*, (2) o de monitoramento/apoio e (3) o interdependente. Aprofundamos essa análise das concepções dos TILS sobre a atuação em equipe por meio de uma sessão de entrevistas feitas com alguns dos informantes do questionário de perfil. Os resultados de ambos os instrumentos de coleta de dados possibilitaram a averiguação de marcas de perfis dos TILS brasileiros, bem como viabilizaram relacionar a atuação em equipes com aspectos de formação, tempo de experiência e condições de atuação desses profissionais. Por fim, com intuito de estimular mais discussões sobre essa temática de atuação em equipes, fizemos a proposição de um desenho experimental que visa possibilitar, em futuras pesquisas, uma investigação comparativa do dispêndio de esforço cognitivo em tarefas de interpretação simultânea feitas em equipe e individualmente. Com o auxílio de um rastreador ocular, a proposta de experimento visa ao uso do princípio da ligação olho-mente, de Just e Carpenter (1980), o qual afirma que quanto maior for o tempo de fixação do olhar em algum elemento na tela do computador, maior será o esforço cognitivo dedicado àquele elemento. O desenho experimental proposto foi construído e aprimorado com a aplicação de suas coletas exploratórias. Neste sentido, este estudo visa não somente levantar discussões sobre o processo de interpretação em equipes, como também viabilizar que futuras pesquisas aprofundem as discussões sobre essa temática, abordada de forma pioneira no Brasil por Nogueira (2016).

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais; Interpretação Simultânea em Equipe; Perfis de TILS; Estudos da Tradução; Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais; Esforço Processual na Interpretação Intermodal.

## ABSTRACT

The simultaneous interpreting teamwork is the central theme of this dissertation, which starts with a profile mapping of Sign Language Translators and Interpreters (TILS) working in Brazil. This mapping was carried out through the application of a questionnaire that surveys the linguistic, academic and professional profile of TILS, in a comparative analysis with other profile studies (LACERDA; GURGEL, 2011; SILVA; FERNANDES, 2018). We were also able to check TILS' conceptions about teamwork, based on Hoza's (2010a) three models of team interpreting as a basis for analysis: (1) on/off, (2) monitoring/support and (3) interdependent. The analysis concerning TILS' conceptions about teamwork was deepened through a session of interviews with some of the informants from the profile questionnaire respondents. The results of both data collection instruments made it possible to investigate the brands of Brazilian TILS' profiles, as well as making it possible to relate the teamwork performance with aspects of training, professional experience and performance conditions of these professionals. Finally, in order to stimulate further discussions on this subject, we proposed an experimental design that aims to enable future research to carry out a comparative investigation focusing on cognitive effort in simultaneous interpretation tasks under two experimental conditions - as a teamwork and individually. Using eye-tracking technology, the experiment proposal builds on the principle of eye-mind connection, by Just and Carpenter (1980), which states that the longer the gaze on any segment in the computer screen, the greater the cognitive effort dedicated to that segment. The proposed experimental design was built and improved with the application of two exploratory data collections. Thus, this study aims not only to raise discussions about the teamwork interpretation process, but also to make it possible for future research to deepen the discussions on this subject, pioneered in Brazil by Nogueira (2016).

**Keywords:** Sign Language Translation and Interpretation Studies; Simultaneous Interpreting Teamwork; TILS' profiles; Conceptions of Teamwork; Processing effort in the Libras-Portuguese intermodal interpreting.



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Gênero .....	46
<b>Gráfico 2</b> - Escolaridade .....	47
<b>Gráfico 3</b> - Áreas de formação dos informantes graduados .....	48
<b>Gráfico 4</b> - Formação em curso superior .....	49
<b>Gráfico 5</b> - Graduação em andamento .....	51
<b>Gráfico 6</b> - Formação no nível de pós-graduação.....	52
<b>Gráfico 7</b> - Áreas de formação (Especialização) .....	53
<b>Gráfico 8</b> - Áreas de formação (Mestrado).....	54
<b>Gráfico 9</b> - Áreas dos mestrados em andamento .....	54
<b>Gráfico 10</b> - Declaração de L1.....	56
<b>Gráfico 11</b> - Declaração de L2.....	56
<b>Gráfico 12</b> - Formas de contato e aprendizado da Libras .....	57
<b>Gráfico 13</b> - Como você começou ou se tornou TIL .....	58
<b>Gráfico 14</b> - Onde Aprendeu Libras? .....	58
<b>Gráfico 15</b> - Certificação do Prolibras.....	60
<b>Gráfico 16</b> - Porcentagem de renda advinda da atuação como TILS .....	61
<b>Gráfico 17</b> - Carga horária semanal dedicada à atuação como TILS .....	61
<b>Gráfico 18</b> - Níveis de atuação .....	62
<b>Gráfico 19</b> - Atuação em equipe.....	63
<b>Gráfico 20</b> - Experiência com interpretação simultânea em equipe .....	64
<b>Gráfico 21</b> - Frequência de atuação em equipe na instituição em que os TILS trabalham ...	65
<b>Gráfico 22</b> - Justificativa de preferência pelo trabalho em equipe .....	67
<b>Gráfico 23</b> - Agrupamento de palavras-chave aos modelos de Hoza (2010a) .....	69
<b>Gráfico 24</b> – Abordagem da temática “Atuação em equipe” na formação acadêmica.....	75

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Perfil dos entrevistados .....	77
<b>Quadro 2</b> - Módulos e perguntas da entrevista.....	79
<b>Quadro 3</b> - Concepções sobre o trabalho em equipe .....	80
<b>Quadro 4</b> - Experiências com o trabalho em equipe .....	83
<b>Quadro 5</b> - Observações adicionais .....	85
<b>Quadro 6</b> - Enquadramento aos modelos de interpretação em equipe de Hoza (2010a) .....	94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language – Língua americana de sinais
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
CODAS	<i>Child of Deaf Adults</i>
CT	Competência Tradutória
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ET	Estudos da Tradução
FALE	Faculdade de Letras
ICHS	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
IFEs	Instituições Federais de Ensino
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
LETRA	Laboratório Experimental de Tradução
LEXEL	Laboratório Experimental de Estudos da Linguagem
PACTE	Pesquisa de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação
PCCTAE	Plano de Carreira dos Cargos Técnicos-Administrativos em Educação
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TAPs	<i>Think aloud-protocols</i> = Protocolos verbais concomitantes
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TILS	Tradutor e Intérprete de Língua e Sinais
TIT	Teoria Interpretativa da Tradução
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>17</b>
1.1 Estudos do Processo Tradutório .....	17
1.2 Estudos da Tradução e da Interpretação em Línguas de Sinais .....	20
1.2.1 Estudos de Perfil de Tradutores e Intérpretes de Libras-português .....	23
1.2.2 O Trabalho em Equipe no Processo de Interpretação Simultânea .....	25
1.3 Competência Tradutória.....	28
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>32</b>
2.1 Instrumentos de Coleta para Investigação de Perfil.....	32
2.1.1 Questionário de Perfil e Conhecimentos sobre Trabalho em Equipe.....	32
2.1.2 Entrevista Semiestruturada.....	33
2.2. Desenho Experimental .....	34
2.2.1 Métodos de Coletas de Dados .....	34
2.2.2 Materiais.....	36
2.2.3 Tarefas e Instruções.....	37
2.2.4 Coletas Exploratórias .....	40
2.2.4.1 Coleta Exploratória I .....	40
2.2.4.2 Coleta Exploratória II .....	42
2.3 Metodologia de análise .....	44
<b>3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>46</b>
3.1 Perfil dos TILS.....	46
3.1.1 Perfil sociodemográfico .....	46
3.1.2 Perfil Linguístico (L1 e L2) .....	55
3.1.3 Perfil de Atuação.....	61
3.1.4 Atuação e concepções sobre trabalho em equipe .....	62
3.1.5 Abordagem da temática “Atuação em equipe” na formação acadêmica .....	75
3.2 Entrevistas – uma análise mais aprofundada sobre as concepções do trabalho em equipe .....	76
3.2.1 Concepções sobre o Trabalho em Equipe .....	86
3.2.2 Experiência com Atuação em Equipe .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO A — Questionário de perfil .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO B — Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO C — Questionário de satisfação .....</b>	<b>117</b>

<b>APÊNDICE A — Entrevista de conhecimento e concepções sobre interpretação simultânea em equipe .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE B — Questionário de conhecimento sobre interpretação simultânea em equipe.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICE C — Orientações para a implementação do protocolo retrospectivo livre .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE D — Orientações para a implementação do Protocolo Retrospectivo Guiado .....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação vincula-se aos Estudos da Tradução (ET), campo assim nomeado por Holmes (2000) em seu clássico ensaio *The Name and Nature of Translation Studies*, considerado texto fundacional da área e que organiza os ET como campo de investigação científica.

Naquele ensaio, Holmes (2000) faz um mapeamento com subdivisões que compõem o campo dos ET. Ele subdivide, primeiramente, os ET em estudos *puros* e *aplicados*. O ramo puro é subdividido em outros dois ramos, o descritivo e o teórico. Dentro do ramo descritivo, Holmes (2000) propõe três subdivisões: enfoque no produto, enfoque na função e enfoque no processo, sendo esses dois últimos aos quais esta pesquisa se filia. Sendo assim, a presente pesquisa alinha-se ao ramo *puro* de cunho descritivo, tendo como enfoque a função e o processo de interpretação simultânea.

Por se propor a investigar os aspectos relacionados à função e ao processo tradutório por meio de uma análise de perfil e concepções dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) sobre o trabalho em equipe e, os aspectos cognitivos envolvidos em tarefas de interpretação simultânea por meio de uma pesquisa empírico-experimental, esta pesquisa se adequa à linha de pesquisa Tradução e Práticas Discursivas do Programa de Pós Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (POSLETRAS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), visando contribuir com reflexões sobre o trabalho de interpretação simultânea individual e em equipe, objeto de estudo que ainda carece de maiores aprofundamentos teóricos, metodológicos e empíricos (HOZA, 2010a).

Esta pesquisa filia-se de maneira específica ao ramo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (RODRIGUES; BEER, 2015), que se vincula ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução. De acordo com Rodrigues (2013), as pesquisas sobre tradução e interpretação de línguas de sinais destacam-se desde 2008 no Brasil (COSTA, 2008; PEREIRA; 2010; SEGALA, 2010; AVELAR, 2010; RIGO; 2015). Esse fato deve-se a avanços legais em torno da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com seu reconhecimento estabelecido pela Lei nº 10.436/2002 e mais tarde regulamentado pelo Decreto nº 5.626/2005. Outro destaque é o reconhecimento da profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS), estabelecido pela Lei nº 12.319/2010.

Nesse cenário, cresce significativamente o número de TILS, principalmente nos espaços educacionais (ROMEIRO; OLIVEIRA; SILVÉRIO, 2014). Assim sendo, as práticas tradutórias dos TILS passam a demandar cada vez mais reflexões teóricas, com destaque para o campo da

interpretação simultânea, modalidade de maior atuação por parte desses profissionais (SANTOS, 2015).

Trabalhar em equipe em uma tarefa de tradução simultânea já é uma rotina entre intérpretes de línguas vocais (PAGURA, 2003). Autores como Hoza (2010) e Brück (2011) constataram em suas pesquisas que o trabalho de interpretação simultânea em equipe é ainda pouco compreendido pelos próprios intérpretes de Libras-português e que esses, ainda que atuantes em equipe, desconhecem, muitas vezes, as razões e as finalidades dessa desse tipo de atuação. Nogueira (2016), por sua vez, ao fazer um estudo descritivo sobre a atuação de TILS em cabines, no contexto de conferências, confirmou a utilização de diversas formas de atuação em equipe; algumas delas até intuitivas por parte dos TILS.

Diante disso, este estudo tem como objetivo geral mapear o perfil sociodemográfico, linguístico e de atuação de Tradutores e Intérpretes de Libras-Português e tem como objetivos específicos: (1) verificar a concepção dos intérpretes acerca do trabalho em equipe; (2) analisar a relação da formação acadêmica e do tempo de experiência com o trabalho de interpretação simultânea em equipe com a preferência pela atuação individual ou em equipe; e (3) propor um desenho experimental para investigar o esforço cognitivo despendido em dois contextos experimentais (trabalho individual e em equipe). Para cumprir esses objetivos, esta pesquisa parte das seguintes perguntas:

1. Como os intérpretes compreendem o trabalho em equipe, quais são as suas concepções e conhecimentos acerca do trabalho de interpretação simultânea em equipe?
2. O perfil linguístico, a formação acadêmica e a experiência com o trabalho em equipe influenciam a preferência dos TILS pelo trabalho individual ou em equipe?
3. Quais são os principais aspectos a serem considerados na configuração de um desenho experimental que possibilite a análise do esforço cognitivo na interpretação simultânea individual e em equipe?

Com base nessas perguntas, as seguintes hipóteses foram formuladas, respectivamente:

- i. Dentre os modelos de interpretação em equipe descritos por Hoza (2010a), os TILS devem se enquadrar mais numa perspectiva de atuação em monitoramento/apoio, tendo em vista a condição ainda incipiente do tema nos cursos de formação.

- ii. TILS com formação na área da tradução e interpretação de Libras-português, com maior nível de proficiência linguística e que têm experiência com o trabalho em equipe tendem a preferir a interpretação em equipe, em vez do trabalho individual (BRÜCK, 2011).
- iii. No desenvolvimento de uma proposta de desenho experimental, utilizando o rastreador ocular, entende-se ser necessário repensar o posicionamento e o distanciamento entre o TILS do turno, que está posicionado diante do rastreador, e o TILS de apoio, para que possa ser garantida a validade ecológica do experimento sem a interferência do intérprete de apoio no campo de rastreamento do intérprete do turno.

Conforme abordado anteriormente, as discussões atuais sobre o trabalho de interpretação em equipe no Brasil, especificamente os que envolvem línguas de sinais, citam principalmente os estudos de Hoza (2010a), Brück (2011) e Nogueira (2016). No entanto, tais pesquisas, apesar de investigarem fenômenos relativos ao trabalho de interpretação em equipe, não o fazem experimentalmente e não se vinculam aos Estudos da Tradução a partir de uma perspectiva cognitiva, o que motivou primeiramente a proposição desta pesquisa, que, além da análise de perfil e de concepções sobre o trabalho em equipe, visa à proposição de um desenho experimental.

A carência de estudos sobre o trabalho em equipe na interpretação simultânea impacta diretamente na formação dos TILS, o que, por consequência, justifica o fato de muitos não conhecerem a influência do trabalho em equipe em uma tarefa de interpretação simultânea. Além disso, não há, na literatura dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais no Brasil, pesquisas que investiguem o trabalho em equipe em relação aos aspectos cognitivos, sendo essa abordagem relevante para descrever e explicar os fenômenos relacionados à atuação em equipes com base em dados qualitativos e quantitativos substanciais, contemplados na proposta experimental desenhada e testada nesta pesquisa em ensaios exploratórios.

A insuficiência de abordagem da temática *Interpretação em Equipe na formação de TILS* pode ser confirmada com as respostas fornecidas para a pergunta do questionário de perfil, conforme o Anexo A, que indaga aos informantes se, durante a sua formação, houve alguma disciplina ou discussão acerca da atuação em equipe de tradutores e intérpretes de Libras-português e solicita que eles discorram brevemente sobre esse fato. As respostas a essa pergunta indicaram que cerca de 44% dos informantes não tiveram abordagem da temática em nenhum momento de sua formação ou tiveram de forma superficial.



Tais aspectos são justificativas para o desenvolvimento desta pesquisa e vêm ao encontro da minha própria experiência como TILS, pois trabalhei com interpretação simultânea, por cerca de sete anos, em tarefas longas de interpretação no contexto educacional, sem o apoio de outro TILS. Após esse período, comecei a trabalhar como TILS na UFOP, onde pude ter a primeira experiência de trabalhar como TILS em equipe, já que nessa instituição é uma regra a realização de tarefas de interpretação simultânea aos pares em todas as atividades propostas ao grupo de intérpretes. Tendo vivenciado ambas as experiências, pude perceber empiricamente os benefícios de um trabalho de interpretação simultânea realizada em equipe em comparação com a interpretação individual. Percebi também as diferentes compreensões de trabalho em equipe por parte dos integrantes do grupo de trabalho; essas percepções serviram como motivação adicional para a presente pesquisa, porém essas impressões encontram-se meramente no campo das percepções subjetivas, não podendo até então serem postuladas com base em argumentos científicos.

Tendo em vista essa trajetória profissional e as discussões teóricas apresentadas anteriormente, destacamos que a pesquisa em tela, assim como as pesquisas de Hoza (2010a), Brück (2011) e Nogueira (2016), objetiva compreender o processo de interpretação em equipe, diferenciando-se dos autores citados por vincular-se, além da análise dos perfis de TILS, a uma perspectiva descritiva e cognitiva de tradução, voltada ao processo tradutório, com a finalidade de propor um desenho experimental para analisar indícios do que se passa na mente do TILS quando ele realiza tarefas de interpretação (HVELPLUND, 2014).

Com isso, na esteira dos estudos cognitivos (ou processuais) da tradução que investigam o processo tradutório (KRINGS, 1986; ALVES, 1995; DANKS et al., 1997; GONÇALVES, 2003), esta pesquisa propõe um desenho experimental que possibilitará uma análise qualitativa e quantitativa de dados sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe e individual, utilizando-se, para isso, de métodos de coleta como o rastreamento ocular e os protocolos verbais retrospectivos, conforme será detalhado no capítulo metodológico. O uso do rastreador justifica-se, em especial, por permitir a obtenção de dados ricos e precisos relativos à leitura e à interpretação de insumos visuais na tradução, de ordem quantitativa (HVELPLUND, 2014), fato importante para a complementação de estudos como os de Hoza (2010a) e Nogueira (2016), que obtiveram dados consistentes e forneceram uma base conceitual e metodológica para esta pesquisa, porém com um cunho unicamente qualitativo.

Portanto, esta pesquisa pretende contribuir para os estudos descritivos da tradução com foco na função tradutória no contexto de interpretação de línguas de sinais e também no processo

cognitivo, analisando o perfil de TILS e propondo um experimento que possibilite observar a atuação de TILS enquanto realizam tarefas de interpretação simultânea intermodal (i.e., aquela que se dá entre uma língua vocal e outra gestual) Libras-português em dois contextos distintos: individual e em equipe. Com isso, foram aprofundados os estudos sobre tradução e interpretação intermodal com enfoque no processo cognitivo e nas suas diversas interfaces com os Estudos da Tradução e da Cognição, por meio de contribuições metodológicas, empíricas e, eventualmente, práticas e teóricas para temas conexos. Estes estudos poderão, inclusive, servir de subsídio para a discussão da temática “interpretação simultânea em equipe” em cursos de formação de TILS, uma vez que, aqui, propõe-se a ampliar a discussões sobre modelos de interpretação em equipe, suas principais relações com a experiência e a formação dos TILS (BRÜCK, 2011; HOZA, 2010b; NOGUEIRA, 2016).

Em sequência a esta Introdução, o Capítulo 1 apresenta a fundamentação teórica utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. No Capítulo 2, são descritos, em pormenores, os procedimentos metodológicos utilizados para a execução da pesquisa, incluindo os métodos de coleta e a execução de duas coletas exploratórias. O Capítulo 3 é dedicado às análises de dados e discussão dos resultados referentes ao questionário de perfil e às entrevistas. Por fim, apresentamos as Considerações finais.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, é apresentado o arcabouço teórico que oferecerá fundamentação para as questões levantadas e discutidas nesta pesquisa. Ele é descrito em três seções: 1.1 O Processo Tradutório; 1.2 A Tradução e a Interpretação de Línguas de Sinais (subdividida em 1.2.1 Estudos de perfil de tradutores e Intérpretes de Libras-Português e 1.2.2 Trabalho em Equipe no Processo de Interpretação Simultânea); e 1.3 Competência Tradutória.

### 1.1 Estudos do Processo Tradutório

Retomando os estudos de Holmes (2000) em *The Name and Nature of Translation Studies*, já comentado na introdução deste trabalho, encontramos um mapeamento do campo dos Estudos da Tradução, o qual os subdivide em estudos *puros* e *aplicados*. Os estudos de cunho puro abrangem os ramos dos estudos *teóricos* e *descritivos*. Dentro dos descritivos, destacam-se as pesquisas direcionadas *ao produto*, *ao processo* e *à função*. Nesta perspectiva, esta pesquisa investigará o processo de interpretação simultânea intermodal no par linguístico Libras-português, além de aspectos relativos à função tradutória, ao descrever e discutir aspectos do perfil do profissional e sua relação com a concepção de trabalho em equipe. Esses últimos serão discutidos na seção 1.2.

Os estudos sobre o processo de interpretação tiveram início com Danica Seleskovitch (1968), com sua prática como intérprete de conferências, docente e pesquisadora, propondo a Teoria Interpretativa da Tradução (TIT), também conhecida como Teoria do Sentido. A TIT tem como enfoque os três estágios do processo de interpretação, desverbalização, transferência e a reverbalização, citados pela primeira vez em sua obra *L'interprète dans les conférences internationales*, de 1968, e que formam o arcabouço básico da teoria, que ela consolidou na tese de doutorado defendida em 1973 e, posteriormente, publicada em 1975 (PAGURA, 2012).

Os estudos sobre o processo de interpretação simultânea ganham robustez com o trabalho de Daniel Gile (1995). Em *The Effort Models of Interpreting*, o autor descreve o processo de interpretação simultânea através da Teoria dos Modelos dos Esforços da Interpretação. Nela, o autor propõe que o processo de interpretação simultânea compreende três tipos de esforço: (i) esforço de audição e análise; (ii) esforço de produção; (iii) esforço de memória de curto prazo. Gile (1995) aponta que a coordenação vem como elemento agregador de forma a moderar os três tipos de esforço.

Indo além, Gile (1995) destaca que cada evento de interpretação requer do intérprete uma capacidade total de processamento (CTP), ao passo que os intérpretes se deparam com um limite, que é a capacidade de processamento disponível (CPD). Essa relação evidencia a potencialidade de problemas interpretativos quando, por exemplo, a CTP necessária supera a CPD. Isso de fato pode ocorrer, pois, segundo o autor, “(1) A interpretação requer algum tipo de 'energia' mental que só está disponível em um suprimento limitado; (2) a interpretação “consome quase toda essa energia mental, e às vezes requer mais do que está disponível, quando o desempenho se deteriora” (GILE, 1995, p. 161)<sup>1</sup>.

Os estudos sobre o processo de tradução escrita, por sua vez, tiveram como marco inicial o estudo de Krings (1986). Em sua tese de doutorado intitulada “*Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht*” (O que se passa na cabeça dos tradutores), Krings inicia uma investigação sobre o comportamento e processamento da mente durante o ato tradutório. Desde então, houve avanços significativos em pesquisas que tenham como escopo uma abordagem processual da tradução, a exemplo de Jääskeläinen (1989, 2008, 2006), Schimdt (1994), Alves (1995) e Rodrigues (2002).

Os estudos processuais da tradução têm como objetivo a investigação do processamento cognitivo durante uma tarefa de tradução e examinam quais variáveis exercem influência sobre esse processo (RODRIGUES, 2002), que demanda um esforço mental advindo da dinâmica de verter de uma língua para a outra levando em conta aspectos linguísticos, culturais, conhecimento de mundo e fatores sociais (SHREVE; KOPY, 1997). Por isso, uma das variáveis possíveis de serem analisadas é o esforço cognitivo despendido no processo tradutório, objeto desta pesquisa.

Neste sentido, Sjørup (2013) aponta que esforço cognitivo é aquele necessário para a realização de uma tarefa mental qualquer. Mensurar o dispêndio de esforço cognitivo durante um processo tradutório tem sido o objetivo de pesquisadores da área (O'BRIEN, 2006; 2009; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009; HVELPLUND, 2011; SJØRUP, 2008, 2013). Com o auxílio de um rastreador ocular, tais autores têm usado o princípio da ligação olho-mente, de Just e Carpenter (1980), o qual afirma que quanto maior o tempo de fixação do olhar em algum elemento na tela do computador, maior o esforço cognitivo dedicado àquele elemento. Esta pesquisa parte desse princípio teórico-metodológico para observar, descrever e analisar o esforço cognitivo no processo de interpretação individual e em equipe.

---

<sup>1</sup> Nossa tradução para: “interpretation requires some sort of mental ‘energy’ that is only available in limited supply”; interpretation “takes up almost all of this mental energy, and sometimes requires more than is available, at which times performance deteriorates”.

Investigar os processos mentais em uma tarefa de tradução é um dos objetos de estudo em pesquisas sobre o processo de tradução e interpretação. O uso de protocolos verbais tem sido uma ferramenta comum de pioneiros em pesquisas voltadas ao processo (KUSSMAUL; TIRKKONEN-CONDIT, 1995; ALVES, 2002; RODRIGUES, 2002). Os protocolos verbais fazem parte de um conjunto de métodos que visam levantar informações sobre os processos mentais durante uma tarefa de tradução, por exemplo, processos esses não observáveis diretamente, mas que influenciam as escolhas dos tradutores e intérpretes em sua atuação. Essa ferramenta metodológica também foi utilizada na execução desta pesquisa e está detalhada na seção Procedimentos metodológicos.

Como pesquisas processuais dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, destaca-se o estudo de Rodrigues (2013). Em sua tese de doutorado, Rodrigues (2013) investiga, à luz da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995), a interpretação do português para a Libras com vistas à compreensão do processo interpretativo e, conseqüentemente, de aspectos que envolvem os processos inferenciais presentes na interpretação. Para tal, o autor utiliza protocolos verbais retrospectivos, com o objetivo de investigar os processos mentais de intérpretes durante uma tarefa de interpretação Libras-português. Sua pesquisa enfoca a comparação entre dois grupos: intérpretes ouvintes filhos de surdos e nativos em Libras (CODAS) e intérpretes ouvintes filhos de ouvintes e, portanto, não nativos em Libras. Rodrigues (2013) destaca a relevância do uso de protocolos verbais retrospectivos para a coleta de dados de ordem subjetiva e não observáveis no processo de interpretação simultânea, técnica que contribui significativamente para os resultados da pesquisa.

Além dos protocolos verbais como método para investigar processos mentais, o rastreador ocular, que monitora os movimentos e as fixações do olhar, tem-se destacado como uma ferramenta eficiente na investigação de dados relacionados ao esforço cognitivo em tarefas de tradução (O'BRIEN, 2006; GÖPFERICH et al., 2008; EMMOREY; THOMPSON; COLVIN, 2009; HVELPLUND, 2014; WEHRMEYER, 2014). Com essa técnica, é possível investigar o dispêndio de esforço cognitivo por meio da análise de dados pautados na dilatação da pupila, duração e contagem das fixações oculares na tela, em tarefas de tradução e interpretação, dentre outras, sendo utilizada na gravação das tarefas exploratório-experimentais realizadas por alguns dos participantes desta pesquisa, além de ser incluída na proposta de desenho experimental elaborada para desenvolvimento posterior. Mais detalhes sobre o método e os indicadores de esforço cognitivo serão fornecidos no Capítulo 2, Metodologia.

O uso de rastreamento ocular como ferramenta metodológica tem se destacado em algumas pesquisas com línguas de sinais, como, por exemplo, o estudo de Wehrmeyer (2014). Nessa pesquisa, ela investiga a visualização de telejornais por pessoas surdas que utilizam a língua de sinais sul-africana, em comparação com pessoas ouvintes. Com análise das fixações e a leitura do mapa de calor fornecido pelo rastreador, a pesquisadora constatou que o foco dos participantes surdos era a janela com o intérprete de língua de sinais; já os ouvintes atentavam-se prioritariamente para as imagens transmitidas na tela, mas não deixavam de dar atenção também às legendas e à janela de interpretação para a língua de sinais.

Com base nos estudos apresentados, a pesquisa, ora proposta, visa analisar esforço cognitivo de TILS durante uma tarefa de interpretação simultânea no par linguístico Libras-português, comparando dois contextos de interpretação: em equipe e individual.

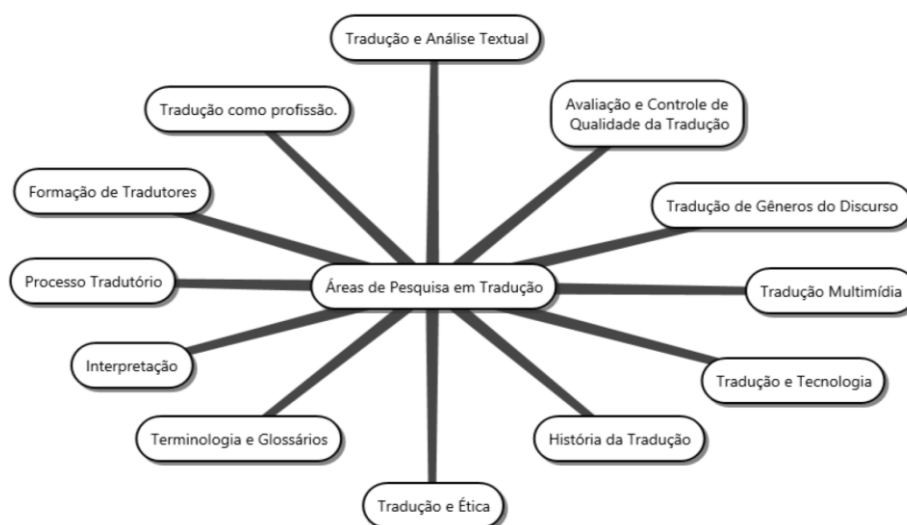
## **1.2 Estudos da Tradução e da Interpretação em Línguas de Sinais<sup>2</sup>**

Mapeamentos dos ET, posteriores ao de Holmes (1972/2000), representam novas possibilidade de subáreas de pesquisas, possibilidades essas que não eram vislumbradas à época do mapeamento inicial proposto por Holmes. Williams e Chesterman (2002 apud RODRIGUES, 2013), por exemplo, propõem um novo mapeamento, dividindo os Estudos da Tradução em 12 áreas de pesquisa. Nessa nova subdivisão, incluiu-se “Interpretação” conforme a Figura 1.

---

<sup>2</sup> A inserção dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) se consolidou, no Brasil, como parte integrante do campo disciplinar dos ET no I Congresso de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais, diante da constatação de sólidas pesquisas da área de línguas de sinais publicadas até então (RODRIGUES, 2013).

**Figura 1-** Tradução do mapa de Williams e Chesterman (2002)



Fonte: Williams e Chesterman (2002 apud RODRIGUES, 2013, p. 20)

Ao analisar os diversos tipos de trabalhos produzidos e alocados dentro da área dedicada à “Interpretação”, Vasconcelos (2010) salienta que os autores de pesquisas sobre o processo de interpretação agrupam os diferentes tipos de interpretação em tópicos, dentre eles os *Tipos especiais de interpretação*, no qual se encaixa a interpretação de línguas de sinais e interpretação para surdos, que começa a ganhar destaque (VASCONCELOS, 2010).

Vasconcelos (2010) faz ainda um levantamento sobre a filiação da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. Dentre os vários apontamentos feitos pela autora, além do já citado, destaca-se o levantamento feito no *site* da editora que a autora chama de “a mais importante editora de obras vinculadas aos Estudos da Tradução no mundo ocidental – St. Jerome Publishing” (VASCONCELOS, 2010, p. 129). Na pesquisa realizada em 2008, a autora analisa uma lista de 27 áreas representadas no *site* da St. Jerome Publishing e chama a atenção para o item 18 da lista, “Interpretação de Línguas Sinalizadas”.

Referindo-se a essa classificação de subáreas das publicações, definidas pela editora St. Jerome Publishing, Sacks (1991) faz uma ressalva acerca dessa subárea 18, “Interpretação de Línguas Sinalizadas”, uma vez que há uma diferença muito grande entre uma língua sinalizada e uma língua de sinais. Sacks (1991) salienta que, em uma língua ‘sinalizada’, os sinais básicos seguem as categorias da língua oral do país/região onde a comunicação ocorre. Sendo assim, uma “língua sinalizada” é composta por uma sequência de gestos e sinais que seguem a estrutura de uma língua oral, enquanto uma “língua de sinais” é uma língua formal com uma estrutura própria

e independente (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997). A possível falta de entendimento dessa distinção é evidenciada pela própria editora St. Jerome Publishing, que em 2007 lança uma série intitulada *The Sign Language Translator and Interpreter*, o que ressalta a importância da emergência de um novo ramo de investigação – “‘*Sign language*’ e não ‘*Signed language*’”. (VASCONCELOS, 2010, p. 131).

No Brasil, o ano de 1980 marca o início de atuação de intérpretes de línguas de sinais (RODRIGUES, 2013), motivado por um maior engajamento político da comunidade surda, bem como seu acesso cada vez mais extensivo à educação. Essa demanda inicial por TILS fez com que muitos ouvintes bilíngues assumissem, *a priori*, o papel de intérpretes educacionais, ainda que não tivessem uma formação específica para isso (RODRIGUES; SILVÉRIO, 2011).

Essa atuação profissional seguiu sem mais formalizações e formações específicas até o início dos anos 2000, década de destaque por uma série de marcos legais que são firmados no sentido de legitimar a Libras como língua de uso das comunidades surdas, primeiramente por meio da Lei nº 10.436/2002, que, mais tarde, é regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. Uma vez reconhecido e garantido o direito dos surdos ao uso e ao acesso a informações e conteúdos em Libras, surge, neste cenário, a necessidade cada vez maior da presença de TILS.

No Brasil, a área de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais ganha expressividade também na década de 1980. Em 1988, por exemplo, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) organizou o 1º Encontro Nacional de TILS. Nesse encontro, além do intercâmbio entre os intérpretes de várias partes do país, começou-se a discutir e desenhar questões relacionadas à ética profissional do TILS. O Segundo Encontro Nacional, também organizado pela FENEIS, aconteceu em 1992. Nesse encontro, além das trocas de experiências sobre como ocorria a atuação dos TILS pelo Brasil, foi discutido e aprovado regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes (QUADROS, 2004)

Segundo Rodrigues (2013), dois eventos foram marcos nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais no Brasil, após as conquistas legais dos anos 2000. O primeiro foi a criação do Curso de Letras Libras na modalidade Bacharelado, em 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que visa à formação dos intérpretes que vinham atuando sem uma profissionalização específica na área da tradução. Como segundo marco, destaca-se o I Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais, realizado na UFSC, em outubro de 2008, que possibilitou a implementação e a discussão de temáticas em torno da tradução e da interpretação de Libras-português bem como das principais demandas para a legitimação e padronização da profissão dos TILS de todo o Brasil.



Por fim, a profissão dos tradutores e intérpretes de Libras-português é regulamentada pela Lei nº 12.319, em 1º de setembro de 2010. Somente a partir dessa data é que ganha corpo a implementação da exigência de TILS nos diversos espaços públicos educacionais, com destaque para as universidades (SANTOS, 2015).

Esse levantamento histórico sobre o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais evidencia o quanto as temáticas e as pesquisas na área ainda são recentes e emergentes, a exemplo dos estudos de perfil dos TILS, apresentados na subseção a seguir.

### ***1.2.1 Estudos de Perfil de Tradutores e Intérpretes de Libras-português***

Com a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete de Libras-português, explicitada na seção anterior, a atuação desses profissionais começou a se expandir e TILS de diversos perfis começaram a atuar por todo o Brasil. Alguns estudos de perfil de TILS desenvolvidos na última década possibilitam uma análise comparativa de dados sociodemográficos, graus de formação e áreas de atuação (LACERDA; GURGEL, 2011; SILVA; FERNANDES, 2011; MARTINS; NASCIMENTO, 2015; ZAMPIER; GONÇALVES, 2018)

Lacerda e Gurgel (2011) realizaram uma investigação de perfil dos TILS atuantes no ensino superior nas diversas regiões do Brasil. O levantamento de dados ocorreu entre os anos de 2008 e 2009 e contou com a participação de 37 intérpretes. Algumas entrevistas ocorreram em meio digital, via MSN (Web Messenger, um navegador da Web que permitia que as pessoas conversassem em tempo real e on-line), e algumas entrevistas foram realizadas pessoalmente, com TILS residentes próximos às pesquisadoras. As perguntas visavam investigar parâmetros de ordem sociodemográfica, grau de formação e áreas de atuação.

Dentre os participantes, 70% eram do sexo feminino e 30% do sexo masculino, de acordo com as declarações. A maioria dos informantes da pesquisa eram moradores das Regiões Sudeste e Sul. Minas Gerais e São Paulo foram os estados com o maior número de informantes. Sobre o grau de formação, 64% dos informantes declararam ter curso superior completo e 23% estavam com um curso de nível superior em andamento, sendo essas formações, concluídas ou em andamento, nas mais diversas áreas do conhecimento. Dentre os graduados, a área de formação mais citada foi a Pedagogia (35%), seguida pela fonoaudiologia (13%) e pelos cursos de formação específica na área de interpretação de línguas de sinais, citado por apenas (10%). O restante do percentual de participantes (42%) se divide nas áreas de Psicologia, Matemática, Ciências da Religião, Letras-Português/ Espanhol, Educação Especial, Odontologia, Relações internacionais,

Comunicação Social, Tecnólogo em Comunicação Assistiva Libras e Braile e Educação Artística (LACERDA; GURGEL, 2011).

As autoras também constataram que maioria dos entrevistados não contava com o apoio de outro intérprete em sua atuação, gerando nesses profissionais altos índices de estresse e dores musculares, intensificados por atuações em cursos das diversas áreas do conhecimento, que exigiam maior tempo de pesquisa e estudo, pré-interpretação (LACERDA; GURGEL, 2011). Sendo assim, a pesquisa aponta para uma heterogeneidade no perfil dos TILS no que tange aos aspectos sociodemográficos, de formação e de atuação profissional.

Por sua vez, Martins e Nascimento (2015) desenvolveram um estudo com o objetivo de resgatar a trajetória histórica de atuação e formação dos TILS, perpassando os aspectos legais (BRASIL, 2002; BRASIL, 2005; BRASIL, 2010) e as políticas públicas consequentes dessas legislações, chegando até uma análise do perfil de ingressantes no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Os autores coletaram informações por meio de um questionário que, dentre outros aspectos, investigava a motivação do ingressante para a escolha do curso e relação dos informantes com a Libras e com a comunidade surda (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

Martins e Nascimento (2015) relatam que, ao serem questionados sobre o nível de conhecimento de Libras antes do ingresso no curso, 54% dos 13 informantes declararam que não possuíam conhecimento linguístico sobre a Libras, 31% informaram que possuíam pouco conhecimento e 15% declararam ser fluentes.

Outro fator importante investigado foi a motivação de ingresso dos informantes no curso. Segundo os autores, 23% afirmaram ter ingressado devido à divulgação do curso feita pela universidade na *internet*, 15% disseram que seu ingresso deveu-se ao contato prévio com a língua e 62% informaram ter ingressado no Curso porque constataram que a sua nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) era compatível com a nota de corte, segundo o catálogo de opções disponível na plataforma do Sistema de Seleção Unificada (SISU).

Os autores analisaram comparativamente esse perfil de ingressante da UFSCar com os primeiros estudantes do curso de Letras Libras na modalidade de ensino a distância, ofertado pela UFSC, com polo na Unicamp, no ano de 2006. Neste caso, a maioria dos ingressantes eram pessoas que já atuavam na área da Libras. Logo, ao comparar os ingressantes da UFSC, em 2006, com os da UFSCar, em 2015, os autores constatam uma mudança no perfil desses ingressantes e fazem uma previsão de que os TILS que atuarão profissionalmente na área nos próximos anos

não serão necessariamente pessoas que tiveram contato com a língua ou com a comunidade surda e que ingressaram no curso apenas para a diplomação de uma atuação pré-existente. O perfil de atuação e formação deixa de ser predominantemente comunitário e passa a ser mais acadêmico (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

Silva e Fernandes (2018) também realizaram uma investigação de perfil de TILS atuantes na rede pública estadual paranaense diante da Política Nacional de Educação Inclusiva Brasileira, em contextos bilíngues para estudantes surdos. A pesquisa utilizou um questionário com 25 perguntas para coletar dados sobre a formação e a atuação de 45 TILS nesse contexto. Dentre os 45 TILS que responderam ao questionário, 73% eram do sexo feminino.

Com relação à formação acadêmica, 42% possuíam uma graduação, 49% já tinham especialização concluída e 9% não tinham formação em nível superior. Dos graduados, 34% eram formados em pedagogia, 18% em Letras e suas diversas habilitações e 12% com formação em Letras Libras, os demais (36%) com expressividade menor, formados nas mais diversas áreas do conhecimento como teologia, análise e desenvolvimento de sistemas, artes visuais, educação física e engenharia da produção. Dos informantes da pesquisa, 76% dos participantes tinham ou algum curso (graduação ou especialização) na área da Libras ou uma certificação de proficiência emitida pelo MEC ou pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná. No entanto, 24% possuíam apenas uma declaração de apoio pedagógico emitida por órgãos como o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas Surdas (CAS) e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) SILVA; FERNANDES, 2018).

Tais estudos, que traçam perfis de TILS atuantes nas diversas regiões brasileiras, possibilitaram cruzamentos de alguns dados levantados na presente pesquisa. Como um adendo às questões investigadas nas pesquisas de perfil, até aqui, investigamos também o conhecimento dos TILS sobre a atuação em equipe durante a interpretação simultânea, conforme será explanado na subseção a seguir.

### ***1.2.2 O Trabalho em Equipe no Processo de Interpretação Simultânea***

O processo de interpretação simultânea pode ser definido como o ato de traduzir “quase que simultaneamente” de uma língua-fonte para uma língua alvo. Afirma-se “quase que simultaneamente” por se considerar que o intérprete necessita de tempo, ainda que curto, para processar uma informação em uma certa língua e reorganizá-la em outra (PAGURA, 2003). Esse tipo de interpretação remonta ao pós-guerra, mais especificamente ao Julgamento de Nuremberg,

em que, segundo Pagura (2003), eram utilizados quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) para ouvir e questionar os envolvidos no processo de investigação. Na atuação dos intérpretes, já naquela época, tinha-se por hábito o trabalho em duplas, conforme ressalta o autor:

Nessa modalidade, os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita. (PAGURA, 2003, p. 211).

Sendo uma tradição entre os intérpretes de línguas da modalidade vocal-auditiva, trabalhar em equipe, no entanto, não é uma prática costumeira entre os TILS (NOGUEIRA, 2016). Nesta pesquisa, com base em Silva (2013), em vez de usarmos o termo interpretação em dupla, usaremos o termo **interpretação em equipe**, pois ele diz respeito a uma maior qualidade no trabalho da dupla: eles não somente estão juntos, mas realizam um trabalho de cooperação e interdependente. Segundo o autor,

o trabalho de interpretação em duplas consiste em um trabalho de equipe onde um intérprete apoia o outro quando necessário. Enquanto um dos profissionais realiza a interpretação o outro, no papel de apoio, continua atento ao discurso proferido e ao colega, apoiando-o caso tenha dúvidas em relação à interpretação de algum termo por não conhecê-lo ou por não tê-lo ouvido de forma correta, por exemplo. (SILVA, 2013, p. 78).

A recente regulamentação da profissão de TILS e a recente implementação de serviços de tradução e de interpretação nos espaços educacionais, como é o caso das universidades, faz com que o trabalho em equipe ainda não seja uma realidade comum à profissão (SANTOS, 2015).

Embora haja um número reduzido de estudos que abordem o trabalho em equipe de TILS, pesquisas como as de Hoza (2010a), Brück (2011) e Nogueira (2016) contribuíram significativamente para a reflexão teórica, assim como para a prática, sobre essa temática. Sendo assim, essas são as fontes mais usadas por TILS ao recorrerem ao tema.

Hoza (2010a), no livro *Team Interpreting: as Collaboration as Interdependente*, apresenta os resultados de dois estudos realizados com enfoque no processo interpretação simultânea em equipe, incluindo a pré e a pós-interpretação, no par linguístico Inglês-ASL (*American Sign Language* – Língua de sinais americana). O autor averiguou também a coerência entre o que os intérpretes acreditavam ser um trabalho em equipe e o que de fato faziam durante uma interpretação simultânea nesse formato. Para o autor, um estudo sobre esse tema é oportuno e essencial, tendo em vista que, em muitos casos, a compreensão do que seja a interpretação em equipe tem sido arbitrária (HOZA, 2010a).

Hoza (2010a) destaca a existência de pelo menos três modelos de interpretação em equipe. No primeiro modelo, os intérpretes são caracterizados como intérpretes *on/off* ou, em outras palavras, intérprete ativo/passivo. Nessa atuação, um intérprete fica na função ativa da interpretação enquanto o outro se encontra em uma posição de descanso, não exercendo uma atividade de colaboração, aguardando apenas o tempo estipulado para que as posições sejam trocadas novamente. Em um segundo modelo de interpretação simultânea em equipe, Hoza (2010a) destaca o que podemos chamar de intérprete de apoio. Nesse modelo, enquanto o intérprete do turno<sup>3</sup> atua, o intérprete na posição de descanso não se anula do seu papel de colaborador, ou seja, ele continua participando do processo de aferição da precisão da mensagem interpretada, contribuindo com *feedbacks* vocabulares ou auxiliando o seu parceiro de interpretação em possíveis erros cometidos. O terceiro modelo, chamado de interpretação colaborativa e interdependente, é o que autor considera modelo ideal de interpretação/trabalho em equipe, pois a pré-interpretação, a interpretação e a pós-interpretação devem ser pensadas e decididas em equipe (HOZA, 2010b, p. 13). Para ele, nesse modelo, o revezamento não é apenas para proporcionar um alívio ao companheiro de interpretação. O apoio vai além de correções de possíveis erros do parceiro; os intérpretes trabalham em unidade, tendo como objetivo principal a excelência na interpretação da mensagem. Basicamente, a diferença entre o segundo modelo e o terceiro está na ideia de colaboração para um trabalho único, ou seja, o intérprete que está na posição de apoio não somente fornecerá o *feedback* para o intérprete do turno para corrigi-lo ou ajudá-lo, mas o fará, sobretudo, por entender que a colaboração contribuirá para um bom processo de interpretação e, conseqüentemente, para um bom resultado; por isso o nome *colaborativa e interdependente*.

Brück (2011) também trouxe grandes contribuições práticas com um estudo em que analisa as percepções de estudantes universitários surdos e de intérpretes da língua de sinais austríaca sobre a interpretação em equipe. Em sua pesquisa, por meio de entrevistas com intérpretes de língua de sinais e com surdos universitários que recebiam tais interpretações, suscitam-se questões como características positivas e negativas do trabalho em equipe, com ênfase no processo de interpretação simultânea e na qualidade dessa. A partir das entrevistas com os surdos, público da interpretação, Brück (2011) constatou que a maioria deles não percebia os intérpretes atuando em equipe como uma unidade; os surdos caracterizavam e percebiam os intérpretes trabalhando individualmente ainda que estivessem atuando aos pares.

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Nogueira (2016) para definir o intérprete que, em uma equipe, ocupa a posição principal na interpretação entre os revezamentos.

Para Brück (2011), isso reflete bem o que Hoza (2010a) classifica como a modalidade *on/off*, ou seja, os intérpretes apesar de trabalharem em duplas, faziam um trabalho individual e usavam o momento de não atuação — *off* — para se desligarem da tarefa e unicamente descansarem. Em entrevista com os intérpretes, Brück (2011) constata que esses profissionais, no geral, não conhecem como se deve trabalhar em equipe, nem mesmo sua finalidade na perspectiva de interdependência, conforme descrito por Hoza (2010a).

A compreensão do trabalho em equipe e a relação dos TILS com esse tipo de procedimento, na prática, é abordado por Nogueira (2016). Em sua pesquisa, o autor analisa o trabalho em equipe de seis intérpretes de Libras-português em conferências e atuando em cabines. Analisar a forma como se dava o trabalho no processo de interpretação em equipe, bem como a percepção de trabalho em equipe dos TILS, foi um dos objetivos de sua pesquisa. Para essa análise, o autor acompanha e descreve em pormenores a atuação de seis TILS em uma equipe, em um trabalho de interpretação simultânea em cabine no IV Congresso de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, realizado na UFSC, em 2014. Ao apresentar conclusões de suas observações sobre a atuação desses intérpretes, o autor destaca um dos aspectos positivos do trabalho em equipe: “[p]odemos inferir que omissões ocorreriam em menor número durante o processo de interpretação” (NOGUEIRA, 2016, p. 29).

Os estudos citados, anteriormente, são de fato instigantes para a realização e o andamento desta pesquisa, pois trazem argumentos substanciais que evidenciam a importância de investigar o processo de interpretação simultânea em equipe, o dispêndio de esforço cognitivo observado em uma tarefa de interpretação simultânea, comparando-se os dois tipos de atuação, em equipe e individual, e averiguar como os TILS as entendem na teoria e na prática. Na próxima seção, relacionamos o processo de interpretação simultânea em equipe com o conceito de Competência Tradutória (CT).

### **1.3 Competência Tradutória**

O trabalho em equipe, com base no que se espera de um modelo de interpretação colaborativa e interdependente, conforme indicado anteriormente, não é simples; ele vai além de meramente juntar-se a um ou mais intérpretes para efetuar uma tarefa de interpretação. Hoza (2010b) salienta que é necessária a reflexão teórica, bem como a prática, para que o trabalho em equipe funcione de forma significativa, o que, por consequência, causará bons resultados no processo e no produto.

Diante disso, pode-se afirmar que saber trabalhar em equipe trata-se de um conhecimento que pode ser adquirido pelo tradutor profissional, o que conseqüentemente nos remete ao conceito de Competência Tradutória (CT) (HURTADO ALBIR, 2005). Referência nos estudos sobre CT, o grupo de Pesquisa Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação (PACTE), formado na Universidade Autônoma de Barcelona, em 1997, procurou sistematizar os diversos elementos envolvidos num processo de tradução. De acordo com os estudos de Hurtado Albir (2005) e PACTE (2003), para ser um bom tradutor, o sujeito necessita muito mais do que apenas ser falante de duas línguas; ele deve passar por um processo de especialização para adquirir o que os autores definem como Competência Tradutória. Nas palavras da autora, “[...] nem todo mundo possui a competência tradutória — diferentemente de outras competências como, por exemplo, a comunicativa — sendo, portanto, um *conhecimento especializado*” e que “o desenvolvimento da CT é um processo [...]” (HURTADO ALBIR, 2005, p. 30). Essa competência é, portanto, composta de subcompetências, que vão além da competência comunicacional, inerente aos bilíngües.

Sendo assim, o grupo PACTE (2003) propõe um modelo holístico de Competência Tradutória, de caráter componencial, no qual a CT é formada pelas seguintes subcompetências: subcompetência bilíngüe, subcompetência extralingüística, subcompetência conhecimento sobre tradução, subcompetência instrumental e subcompetência estratégica. Além dessas subcompetências, também contribuem para a atuação do tradutor experiente os fatores psicofisiológicos (PACTE, 2003).

A primeira é a subcompetência bilíngüe, que se refere aos conhecimentos linguísticos necessários para o estabelecimento da comunicação tanto na língua alvo como na língua fonte. Ela é composta de conhecimento pragmático, sociolinguístico, textual, gramatical e lexical nas duas línguas (PACTE, 2003).

A subcompetência extralingüística trata-se dos conhecimentos de mundo e conhecimento especializado em diversas áreas, além de conhecimento do contexto cultural das respectivas línguas envolvidas no processo (PACTE, 2003). A subcompetência conhecimento sobre tradução envolve o entendimento sobre os fundamentos do que é tradução. Abrange o entendimento sobre funções de tradução, tipos de unidades de tradução, os processos necessários, métodos e procedimentos utilizados bem como conhecimento relacionado à prática profissional (PACTE, 2003). A subcompetência instrumental abrange conhecimentos e habilidades referentes às ferramentas de trabalho aplicadas à tradução, podendo incluir novas tecnologias, glossários, dicionários, como se comportar como tradutor profissional etc. (PACTE, 2003)

Por fim, a subcompetência estratégica é responsável pela solução de problemas de tradução. É um conhecimento procedimental que garante a eficiência do processo tradutório. Ela afeta todas as outras subcompetências por controlar o processo de tradução ao: 1) planejar o processo e selecionar o melhor método para o processo de tradução; 2) avaliar o processo em relação ao objetivo final; e 3) por coordenar as outras subcompetências, evitando possíveis falhas (PACTE, 2003).

Há ainda os componentes psicofisiológicos, que dizem respeito à habilidade de dispor recursos psicomotores, cognitivos e atitudinais. Incluem aspectos cognitivos como a memória e a percepção, como também aspectos atitudinais como a perseverança e o espírito crítico. Tais habilidades podem ajudar na tomada de decisões e na solução de problemas de tradução (PACTE, 2003).

Tendo descrito todas as subcompetências propostas pelo PACTE (2003), percebe-se que o trabalho em equipe se relaciona, em maior ou menor medida, com todas as subcompetências. No entanto, destacamos três delas e suas relações com a atuação em equipe num processo de interpretação simultânea, sendo a primeira delas a subcompetência conhecimento sobre tradução, pois trabalhar em equipe, de acordo com Hoza (2010a), exige do intérprete um conhecimento teórico aprofundado sobre o processo de tradução e sobre o esforço despendido nesta tarefa que justifica, por exemplo, o revezamento a cada 20 minutos e o trabalho nomeado como colaborativo interdependente (HOZA, 2010a). O intérprete deve saber o momento em que trabalhar em equipe é oportuno, como esse tipo de trabalho deve ser feito, o que demonstra um conhecimento sobre a prática profissional.

Trabalhar em equipe exige do intérprete, também, subcompetência estratégica, uma vez que ela permite planejar o processo, selecionar o melhor método para o desenvolvimento da tarefa de tradução e avaliar o processo em relação ao objetivo final. Nesse sentido, conhecer os benefícios desse tipo de atuação e saber qual seria a melhor forma de se adequar um trabalho em equipe é muito relevante para alcançar uma interpretação final que seja satisfatória ao público-alvo.

Os componentes psicofisiológicos, apesar de não se enquadrarem como uma das subcompetências, integram o modelo porque “regulam a memória, a atenção, a cognição, além dos aspectos atitudinais de tomada de decisão” (CAMARGO, 2014, p.16). O intérprete deve desenvolver a memória para conseguir interpretar, em especial na modalidade simultânea. Isso se relaciona, por exemplo, ao processo de fazer omissões ou adições, parte do processo de



interpretação, e que, em uma concepção interdependente de atuação em equipe, é responsabilidade de todos os intérpretes envolvidos.

Analisaremos a necessidade de aquisição das subcompetências supracitadas ao discutirmos as respostas ao questionário sobre atuação em equipe e as respostas das entrevistas, analisadas em pormenores no Capítulo 3.

Os temas abordados nesta Fundamentação Teórica forneceram subsídios para o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos descritos detalhadamente no capítulo a seguir.

## 2 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados durante a realização desta pesquisa. Esses procedimentos buscam explorar dados de natureza qualitativa e quantitativa coletados por meio de questionário de perfil, entrevista semiestruturada e coletas experimentais exploratórias, cujo principal desdobramento é um desenho experimental, apresentado na seção 2.2, e que poderá ser implementado em pesquisas futuras. Para coletar e analisar dados de natureza tão diversa e com métodos tão variados, é utilizada a abordagem metodológica da triangulação:

A técnica de triangulação apresenta-se, pois como uma alternativa metodológica para pesquisas empírico-experimentais em tradução que almejam explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva. Procura-se, desta forma, identificar convergências e divergências nas análises de natureza quantitativa e qualitativa e através do cruzamento de dados obtidos por intermédio de abordagens metodológicas múltiplas, chegar a resultados mais confiáveis [...] para elucidar questões cruciais para os Estudos da Tradução. (ALVES, 2001, p. 72).

Com base em uma abordagem metodológica que aplica a técnica de triangulação de ferramentas de coleta e de análise de dados e conforme os objetivos propostos para esta pesquisa, os procedimentos metodológicos são descritos em três seções. Na seção 2.1, apresentamos os instrumentos de coleta para a investigação de perfil, que incluem um questionário prospectivo (Anexo A) e uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) para coletar dados sociodemográficos, de formação, de atuação e de conhecimentos sobre interpretação em equipe de TILS. Na seção 2.2, descrevemos uma proposta de desenho experimental, com vistas a desenvolver um estudo futuro que investigue potenciais relações entre o esforço cognitivo e o perfil dos TILS. Na seção 2.3, detalhamos a metodologia de análise utilizada nesta pesquisa.

### 2.1 Instrumentos de Coleta para Investigação de Perfil

#### 2.1.1 *Questionário de Perfil e Conhecimentos sobre Trabalho em Equipe*

Como principal instrumento de coleta para investigar o perfil dos TILS, aplicamos um questionário de perfil (Anexo A), adaptado de Zampier (2019), que foi respondido por tradutores e intérpretes de Libras-português atuantes em diversas instituições de ensino e de pesquisa do Brasil. Decidimos que o questionário seria aplicado com uma abrangência nacional para que pudessemos investigar os perfis profissionais das diversas regiões brasileiras, fazendo um

levantamento de alguns indicadores, como tempo e local de atuação dos TILS, formação em tradução, nível de fluência em Libras e conhecimento acerca do trabalho em equipe.

O questionário, previamente apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP, foi aplicado on-line, por meio da disponibilização de um *link* via correio eletrônico aos potenciais informantes para preenchimento na plataforma *Google Forms*, de abril de 2019 a junho de 2020. As respostas aos questionários analisadas, no Capítulo 3, “Apresentação e Análise de Resultados”, possibilitaram a seleção de participantes para as entrevistas conforme descrito a seguir.

### **2.1.2 Entrevista Semiestruturada**

Uma vez contempladas as questões de caráter sociodemográfico, de formação e de atuação profissional, estruturamos seis perguntas adicionais em forma de uma entrevista semiestruturada. Por ser esta uma pesquisa de caráter exploratório, as entrevistas possibilitaram um levantamento de informações acerca do que o informante “sabe, crê ou espera, sente ou deseja, pretende fazer, faz ou fez, bem como a respeito de suas explicações ou razões para quaisquer das coisas precedentes” (SELLTIZ, 1967, p. 273).

Neste sentido, as perguntas estruturadas (Apêndice A) possibilitaram identificar as concepções e os conhecimentos dos TILS selecionados sobre a atuação em interpretação simultânea e em equipe e relacioná-los com as respostas ao questionário de perfil à luz dos estudos de Hoza (2010a). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas individualmente de forma virtual, por meio do *Google Meet*, um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google. Nove TILS, informantes do questionário de perfil, foram convidados a participar dessa fase de entrevistas e seis deles aceitaram o convite. As entrevistas ocorreram entre 01/06/2020 e 15/06/2020.

Antes de iniciar a entrevista, o pesquisador enviou ao participante, por e-mail, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Anexo B, concedeu-se um tempo para a leitura e esclarecimento de dúvidas e, em seguida, iniciou-se a gravação. Logo de início, foi solicitado aos participantes a leitura em voz alta do último parágrafo do TCLE, em que declararam sua livre escolha em participar da entrevista e a autorização de uso dela para a execução da pesquisa. Por fim, o pesquisador começou a entrevista. A análise das respostas dos participantes encontra-se no Capítulo 3, “Apresentação e Análise dos Resultados”. A seguir, apresentamos uma

proposta de desenho experimental com o objetivo de possibilitar análises futuras sobre o esforço cognitivo despendido em tarefas de interpretação simultânea em equipe e individualmente.

## **2.2. Desenho Experimental**

Como explicitado na introdução, um dos objetivos desta pesquisa é propor um desenho experimental a fim de possibilitar futuras pesquisas que analisem o esforço cognitivo de acordo com os estudos de Emmorey, Thompson e Colvin (2009), Wehrmeyer (2014) e Zampier (2019). Esta proposta, porém, visa à análise de esforço cognitivo em tarefas de interpretação simultânea, individuais e em equipes, e à verificação de eventuais correlações dessas com algumas das variáveis dos perfis dos TILS.

Inicialmente, a abordagem de um objeto de pesquisa no ramo dos estudos processuais da tradução era o foco principal deste trabalho, que precisou ser reavaliada e, conseqüentemente, adiada em função das restrições a tarefas presenciais em estudos com seres humanos no contexto da pandemia vivenciada desde o início do ano de 2020. As coletas exploratórias ocorreram no ano de 2019, como uma preparação para o experimento definitivo, que não pode ser realizado, mas somente desenhado para estudos futuros.

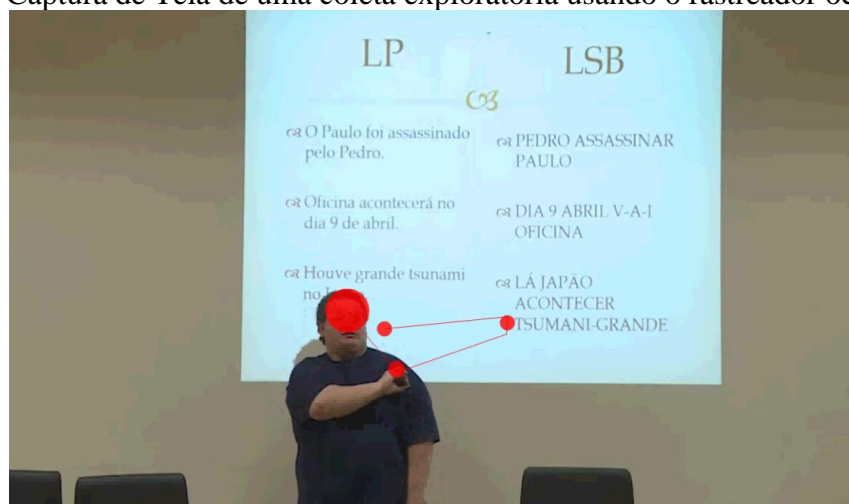
O desenho experimental inclui uma tarefa de interpretação a ser executada de forma individual e uma tarefa de interpretação a ser executada em equipe, as quais serão precedidas de uma tarefa de aquecimento. Apresentamos a seguir os métodos de coleta, bem como os materiais utilizados, as tarefas e as instruções que constituem o desenho experimental proposto nesta pesquisa.

### ***2.2.1 Métodos de Coletas de Dados***

Para a realização do experimento, em conformidade com a abordagem de triangulação já mencionada no início deste Capítulo (cf. Alves, 2001, 2003), propomos a utilização de algumas ferramentas metodológicas. Primeiramente, os participantes selecionados preencherão um Questionário de Conhecimento sobre Interpretação em Equipe (Apêndice B). Esse questionário, semelhante à entrevista, foi elaborado com base em pesquisas sobre interpretação em equipe, como as de Hoza (2010a), Brück (2011) e Nogueira (2016), e sua aplicação antecederá o início das tarefas experimentais de interpretação, por isso ele contém apenas três perguntas.

Outra ferramenta metodológica a ser utilizada para a coleta de dados é o Tobii Studio. Esse *software*, instalado no computador em interface com o rastreador ocular Tobii TX-3000, registrará os movimentos oculares dos participantes (HVELPLUND, 2014). Esse monitoramento possibilita analisar o esforço cognitivo durante a execução de uma tarefa realizada na frente do rastreador. Por esse motivo, com base no princípio da ligação olho-mente (JUST; CARPENTER, 1980), medidas de fixação fornecidas pelo rastreamento ocular, como a duração média das fixações e a contagem de fixações, têm sido utilizadas como indicadores de esforço cognitivo em tarefas de interpretação, leitura, tradução direta e inversa, pós-edição, dentre outras (KOGLIN, 2015; MALTA, 2015; DUARTE, 2017; 2019). Fixações mais longas e em maiores quantidades indicam um maior esforço de processamento, enquanto fixações mais curtas e em menores quantidades indicam um processamento com menor índice de esforço (HVELPLUND, 2014). A forma como essas fixações podem ser medidas em um texto em Libras está exemplificado na Figura 2.

**Figura 2-** Captura de Tela de uma coleta exploratória usando o rastreador ocular



Fonte: Arquivo do autor.

No caso desta pesquisa, o desenho experimental possibilitará em futuras estudos investigar a duração média das fixações, a contagem de fixações e o tempo total das fixações, que serão analisadas como indicadores de esforço cognitivo durante a realização de duas tarefas experimentais de interpretação simultânea de um vídeo em Libras para o português vocalizado, conforme procedimentos de análise descritos na seção Metodologia de análise dos resultados.

Além do rastreador ocular, serão utilizados os protocolos verbais retrospectivos (JÄÄSKELÄINEN, 2008; ALVES, 2001; RODRIGUES, 2013) como ferramenta metodológica. Essa técnica, originalmente utilizada em pesquisas da área da psicologia, possibilita a obtenção de dados dos processos mentais não observáveis diretamente em uma tarefa de interpretação, por

exemplo. A técnica consiste na coleta de dados a partir de relatos dos participantes da pesquisa, por meio dos quais eles expressam suas impressões, sensações e opiniões sobre a tarefa realizada. Esses relatos serão realizados logo após as tarefas experimentais, daí o nome *retrospectivo*. Opta-se pelos protocolos verbais retrospectivos, em vez de concomitantes (TAPs), pois trata-se de uma tarefa experimental de interpretação simultânea intermodal, Libras-português, sendo a verbalização de impressões durante a realização da tarefa inviável (RODRIGUES, 2015), além de, na maioria dos casos em que é possível, representa o aumento expressivo de esforço cognitivo (JAKOBSEN, 2003). Pesquisas com o uso de protocolos verbais retrospectivos o caracterizam como uma técnica eficiente para estudos do processo de interpretação simultânea intermodal—entre uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual— a exemplo do par linguístico Libras-português (RODRIGUES, 2013; ZAMPIER, 2019). Sendo assim, no caso da pesquisa em tela, será solicitado aos participantes que verbalizem suas sensações e reflexões sobre cada tarefa que realizarem. Todas as observações serão gravadas em áudio, com o auxílio de um *software* gravador de voz para *smartphone* e de um gravador do computador.

Por fim, os participantes responderão a um questionário de satisfação (Anexo C), que possibilitará ao participante avaliar o produto da interpretação realizada no experimento feito, tanto na atuação individual como em equipe. Também deverão indicar o tipo de atuação que julgarem mais satisfatório para o público-alvo levando em consideração o resultado das tarefas.

### **2.2.2 Materiais**

Pretende-se realizar o experimento em dois Laboratórios, de acordo com a melhor logística para os participantes selecionados: o Laboratório Experimental de Estudos da Linguagem (LEXEL), localizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da UFOP, na cidade de Mariana, e o Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), localizado na Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. Em ambos os Laboratórios, faz-se necessária a disponibilidade dos seguintes recursos materiais:

- a) um *notebook* ou computador com o programa *Tobii Studio* instalado;
- b) rastreador ocular *Tobii TX-300*, *Tobii T60* ou outro modelo conectado ao *notebook* ou ao computador;
- c) dois formulários digitais: o questionário de conhecimento sobre interpretação em equipe e o questionário de satisfação (Apêndice B e Anexo C);

d) aplicativo de gravação de áudio instalado em *smartphone* e em computador, para registro dos protocolos verbais retrospectivos guiados dos participantes;

e) duas câmeras filmadoras para a gravação das tarefas experimentais a partir de duas perspectivas;<sup>4</sup>

f) TCLE impresso em duas vias a serem assinadas pelo participante e pelo pesquisador (Anexo B);

g) Texto-fonte (vídeos) em Libras disponível em formato digital para reprodução em notebook ou computador durante a tarefa experimental;<sup>5</sup>

h) dicionários e sinalários (Libras-português).

### 2.2.3 Tarefas e Instruções

Os participantes selecionados para as sessões experimentais serão devidamente instruídos quanto aos procedimentos para a realização do experimento. Como estarão em duplas, as instruções iniciais serão dadas para ambos os participantes de cada dupla.

No primeiro momento, os intérpretes deverão preencher um questionário sobre seus conhecimentos acerca do trabalho de interpretação em equipe (Apêndice A). Ele será disponibilizado no *Google Forms* e ficará aberto na tela do computador de coleta para o preenchimento pelo participante. Esse questionário será aplicado antes da realização das tarefas experimentais para que as respostas fornecidas não sejam influenciadas pela execução dessas tarefas.

Após o preenchimento do questionário, os intérpretes executarão tarefas de interpretação simultânea de dois vídeos diferentes, mas com níveis de complexidade semelhantes, o que possibilitará uma posterior comparação. Para garantir essa semelhança, os vídeos sugeridos contemplam discussões sobre a tradução no par linguístico Libras-português e são provenientes de uma mesma fonte, a saber o VI Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação

---

<sup>4</sup> Além da câmera convencional, conforme o *layout* a ser apresentado na seção 2.2.3, “tarefas e instruções”, a câmera do *notebook* sobre a mesa do intérprete de apoio também gravará áudio e vídeo das sessões experimentais.

<sup>5</sup> Os dois vídeos selecionados fazem parte das comunicações orais enviadas ao 6º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, realizados na UFSC no ano de 2018. A escolha pela temática deve-se ao fato de serem os participantes TILS atuantes no nível superior e que possuem familiaridade com a temática apresentada. Cada vídeo terá em média 20 minutos de duração e podem ser encontrados na plataforma de compartilhamentos de vídeos Youtube nos links:

<https://www.youtube.com/watch?v=Xcg-pDimb6A&t=101s> e  
<https://www.youtube.com/watch?v=gEQPqP3Nbro&t=474s>

de Libras e Língua Portuguesa realizado, em 2018, na UFSC. Os vídeos são diferentes, pois o primeiro será utilizado na tarefa em que os TILS atuarão individualmente e o segundo, um vídeo maior, que será dividido em duas partes com tempos proporcionais, será utilizado para a tarefa das duplas, conforme especificaremos mais à frente.

Para a realização do experimento, sugerimos a utilização do rastreador ocular *Tobii TX-300*, disponível no LEXEL, e o *Tobii T-60*, disponível no LETRA. Além de rastrear a movimentação dos olhos, esses equipamentos permitem a gravação de imagens e áudio de todo o processo (O'BRIEN, 2009).

Antecedendo a sessão experimental, os participantes executarão uma tarefa de aquecimento que visa à sua familiarização com o tipo de tarefa, com o ambiente de coleta e com as ferramentas, para que nenhum desses fatores influencie negativamente o processo de coleta e, consequentemente, resulte na perda ou exclusão de dados. Essa tarefa de aquecimento consistirá na interpretação simultânea de um vídeo de 5 minutos, diferente dos vídeos das coletas experimentais.

Cada sessão experimental contará com a participação de uma dupla de TILS. A sessão será constituída de três etapas. Na primeira etapa, um dos TILS da dupla fará a interpretação individualmente, acompanhado, na sala de coleta, apenas por um pesquisador, que entregará o TCLE para o participante ler e assinar, caso este concorde em participar da pesquisa. Em seguida, o pesquisador fornecerá as instruções para a realização da primeira tarefa experimental — a interpretação individual do texto-fonte I, em Libras em vídeo<sup>6</sup>, para o português. Depois de concluída a tarefa, o participante responderá a perguntas do protocolo retrospectivo guiado (Apêndice D). Na segunda etapa, a mesma tarefa será realizada pelo segundo TILS da dupla, seguida do fornecimento de respostas ao protocolo retrospectivo guiado. Na terceira etapa, será realizada a tarefa de interpretação do texto-fonte II, em Libras em vídeo<sup>7</sup>, para o português. Um dos participantes iniciará a tarefa como intérprete do turno e o segundo atuará como apoio, por cerca de 10 minutos. O vídeo será, em seguida, pausado, e os TILS trocarão de posições; o TILS que atuou como intérprete de apoio na interpretação da primeira parte do vídeo será o intérprete do turno na interpretação da segunda parte do vídeo, também por cerca de 10 minutos e vice-

---

<sup>6</sup> Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Xcg-pDimb6A&t=101s>

<sup>7</sup> Link: <https://www.youtube.com/watch?v=gEQPqP3Nbro&t=474s>



versa. Desse modo, o TILS que estiver como intérprete do turno dará continuidade à tarefa de interpretação simultânea até o final do vídeo, com o apoio do outro TILS.

Nas duas primeiras etapas experimentais individuais, antes de começar a tarefa de interpretação, o pesquisador informará ao participante o tema do vídeo, e, neste momento, o participante terá cerca de 10 minutos para, caso queira, fazer consultas prévias em dicionários e em sinalários<sup>8</sup> *on-line* disponíveis no *notebook* ou computador. Em seguida, o participante, devidamente posicionado diante do rastreador ocular, será submetido ao procedimento de calibragem e, em seguida, se iniciará a reprodução do vídeo em Libras para realizar a tarefa de interpretação simultânea para o português. O vídeo em Libras será reproduzido uma única vez, e o participante não poderá retornar, adiantar ou pausar a reprodução. Logo após a finalização da tarefa de interpretação, conforme já apontado, os participantes responderão às perguntas de um protocolo verbal retrospectivo guiado, que o possibilitará expressar suas percepções e dificuldades diante da tarefa.

Na terceira etapa, os intérpretes atuarão em dupla, conforme descrito anteriormente. A temática do segundo texto em Libras será apresentada e as duplas terão então o tempo de 10 minutos para conversarem sobre o que desejarem para a execução da tarefa em dupla, como discussões sobre vocabulário e sobre consulta aos dicionários disponibilizados, e para definirem quem atuará como intérprete do turno e quem atuará como intérprete de apoio no início e no final da tarefa. Após essa conversa, um intérprete será posicionado na função de intérprete do turno, diante do rastreador ocular, e o outro, devidamente posicionado e com alcance visual em relação ao vídeo que estará sendo reproduzido, cumprirá a função de intérprete de apoio e fornecerá ao intérprete do turno o auxílio em português, diante das dificuldades apresentadas no decorrer da tarefa de interpretação. Haverá, conforme mencionado anteriormente, uma pausa programada no vídeo, momento em que ocorrerá a alternância nos papéis de intérprete do turno e de apoio.

Após a realização dessa terceira etapa do experimento, cada membro da dupla relatará livremente sobre seu desempenho por meio de protocolo retrospectivo livre (ALVES, 2001; GONÇALVES, 2001; RODRIGUES, 2013), no qual ele poderá expressar suas percepções e sensações sobre a interpretação realizada e o apoio desenvolvido com a visualização da tarefa realizada. Os participantes receberão instruções antes de começar suas verbalizações, conforme Apêndice C. A retrospectiva será gravada para posterior análise.

---

<sup>8</sup> Dicionário em Língua de Sinais.

Por fim, os participantes farão uma última retrospectiva, desta vez respondendo a perguntas, constituindo um protocolo escrito retrospectivo guiado (Apêndice D). As respostas fornecidas serão analisadas posteriormente.

Antes da proposição final de um desenho experimental, foram realizadas, pelos pesquisadores, duas coletas exploratórias, implementadas no ano de 2019, conforme procedimentos detalhados a seguir, para explorar diferentes possibilidades de condução do experimento. Ressaltamos que chamamos essas coletas de exploratórias, por se tratar de um mapeamento metodológico inicial para um futuro experimento, sendo ainda necessária a realização posterior de uma coleta piloto, na qual será possível identificar a necessidade de adequações, a partir das coletas exploratórias, e refinar o desenho experimental para a realização da coleta experimental definitiva.

#### ***2.2.4 Coletas Exploratórias***

Com o objetivo de verificar a viabilidade e a exequibilidade de um desenho experimental, fizemos duas coletas exploratórias. Após a análise dos procedimentos utilizados em uma primeira coleta, percebemos a necessidade de ajustes e decidimos pela realização de uma segunda coleta exploratória. A seguir, detalhamos as percepções e os ajustes feitos a partir dessas coletas para que, por fim, propuséssemos um desenho experimental, que é apresentado ao final deste capítulo.

##### ***2.2.4.1 Coleta Exploratória I***

A primeira coleta exploratória foi realizada no dia 08 de junho de 2019, no LETRA, localizado na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. Para essa coleta contamos com a presença de dois TILS. Conduzimos o experimento conforme os pormenores descritos na seção 2.2.3 - Tarefas e instruções. Os vídeos utilizados nesta coleta são semelhantes ao proposto nas instruções, trata-se de vídeos relacionados à Linguística da Libras, decorrentes de um evento da área.

A partir da realização das tarefas de interpretação individual e em equipe, nessa coleta exploratória, percebemos a necessidade de alteração no tempo de duração dos vídeos a serem selecionados como texto-fonte para a coleta definitiva a fim de que cada sessão experimental não ultrapasse muito o limite de duas horas. Além disso, foram definidas também as ferramentas a serem utilizadas para gravação de vídeo e áudio durante a execução das tarefas, a localização dessas ferramentas, bem como o posicionamento físico dos participantes quando estivessem

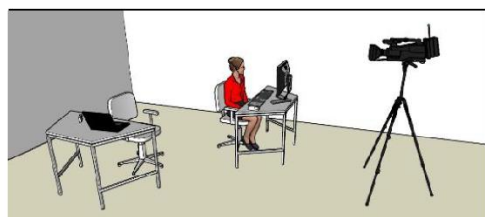
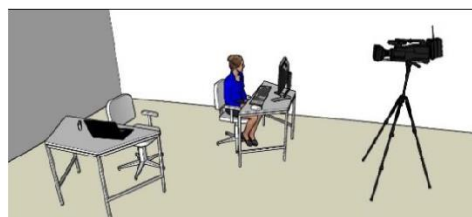
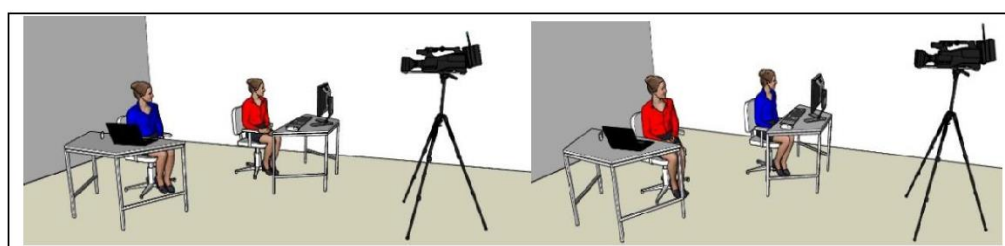
atuando individualmente e em equipe, de modo que não houvesse interferências no rastreamento ocular e fosse possível capturar a imagem e o áudio de todos os participantes no momento da atuação em dupla.

Com a realização dessa coleta exploratória, constatamos a viabilidade de algumas ações, como o revezamento dos TILS. A princípio, havíamos pensado em manter a configuração em que um dos TILS atuaria como intérprete de apoio e o outro como intérprete do turno e não faríamos um revezamento. No entanto, isso poderia gerar incoerência no fornecimento de informações nos protocolos retrospectivos e no questionário de satisfação, uma vez que estes instrumentos visam coletar a preferências dos TILS acerca das tarefas executadas e verificar suas percepções sobre todo processo experimental. Optamos também pelo revezamento, por se aproximar das condições reais do contexto de interpretação simultânea em equipe, no qual esse tipo de procedimento é usual.

A tarefa de aquecimento foi outra necessidade que surgiu a partir da execução dessa primeira coleta exploratória. Nela, percebemos que fatores como o nervosismo, a não familiaridade com o experimento, a calibragem do rastreador e o posicionamento dos TILS no ambiente de coleta influenciaram os processos de interpretação.

Conforme mencionado anteriormente, o *layout* para a coleta experimental foi decidido a partir da realização da primeira coleta exploratória, ocorrida no LETRA. Com isso, determinamos algumas distâncias importantes para que a configuração pudesse ser mantida também nas sessões realizadas no LEXEL. Sendo assim, definimos que deveria haver uma distância aproximada de 60 cm entre o participante que atuaria como intérprete do turno e o rastreador ocular, tanto na tarefa realizada individualmente como na tarefa realizada em equipe, o que é um parâmetro consolidado em pesquisas que utilizam o rastreamento ocular. Na tarefa realizada em equipe, deveria haver uma distância entre os participantes de cerca de 70 cm num ângulo de 45 graus tendo como referência o posicionamento do participante que atuaria como intérprete do turno. Tais medidas são importantes para que o participante que estiver atuando como intérprete de apoio não seja capturado pelo rastreador ocular e, ainda assim, esteja a uma distância suficiente para cumprir com sua atividade de apoio ao intérprete do turno.

Portanto, propusemos a inclusão de uma tarefa de aquecimento. Além disso, após a coleta exploratória, foi definido o *layout* com o posicionamento físico para cada etapa da tarefa experimental, conforme o infográfico apresentado na Figura 3:

**Figura 3-** Infográfico da sessão experimental*Etapa 1 - Intérprete "A" - individualmente**Etapa 2 - Intérprete "B" - individualmente**Etapa 3 - Intérprete "A" e "B" - em equipe e com revezamento de posições.*

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além das adequações do desenho experimental decorrentes do desenvolvimento dessa primeira coleta exploratória, definimos os procedimentos de análise dos dados a serem coletados. Esses procedimentos são detalhados na seção 2.3 e incluem a análise do esforço cognitivo, a identificação das concepções acerca do trabalho em equipe e o nível de satisfação dos TILS com a atuação de interpretação em equipe e individual.

#### **2.2.4.2 Coleta Exploratória II**

A segunda coleta exploratória foi realizada no dia 30 de setembro de 2019 e, assim como a primeira, aconteceu no LETRA, em Belo Horizonte. Essa segunda coleta visou averiguar a exequibilidade dos procedimentos descritos detalhadamente no desenho experimental na seção 2.2.3 - Tarefas e instruções. Ela possibilitou testar os posicionamentos dos participantes, o tempo destinado a cada tarefa, as estratégias de calibragem entre uma tarefa e outra e os momentos de aplicação do questionário de conhecimento sobre interpretação simultânea em equipe. Nesse sentido, como o objetivo não era avaliar as respostas aos questionários, aos protocolos e tampouco a interpretação em si, optamos por convidar duas estudantes com conhecimento avançado de Libras para essa coleta, mas que não atuavam como TILS.

No início da coleta, confirmamos a importância da tarefa de aquecimento, pois neste dia o rastreador apresentou um problema técnico que foi possível ajustar sem prejudicar e perder dados da tarefa principal (a atuação individual e em equipe). Ao término das tarefas individuais, solicitamos que as participantes respondessem, por escrito, às perguntas do protocolo retrospectivo guiado. Essa parte do experimento gerou impasses na primeira coleta exploratória, dadas a dificuldade de estabelecer o melhor momento para que o protocolo fosse respondido. Com essa segunda coleta, constatamos que o ideal é que as respostas do protocolo sejam fornecidas após o encerramento da tarefa individual pelos dois TILS da dupla.

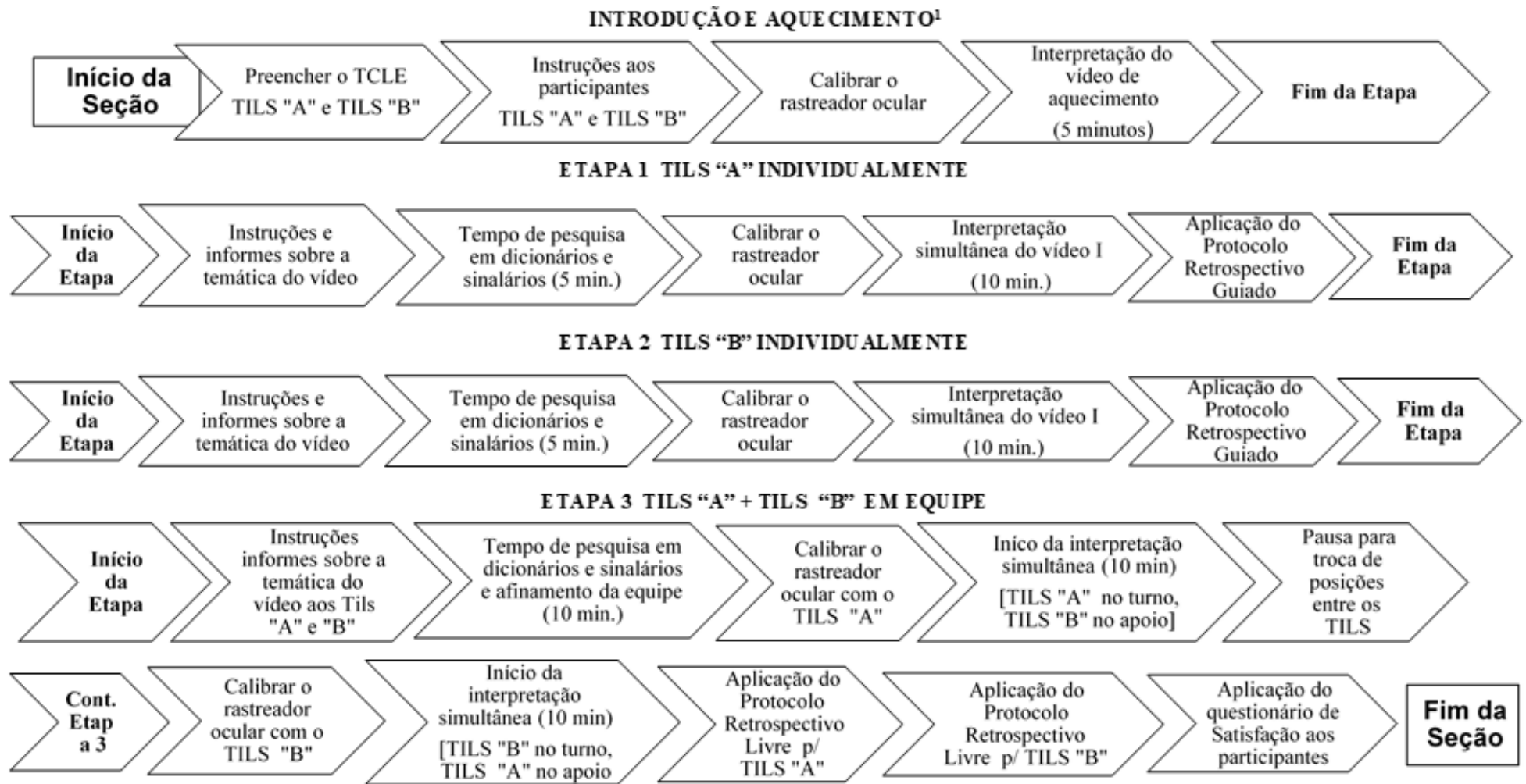
Para a execução da tarefa em equipe, feita pela dupla, além de informar a temática, confirmamos a importância da disponibilização do tempo de 10 minutos, antes do início da interpretação, para que a dupla de participantes possa fazer possíveis consultas a dicionários e a sinalários. Esse tempo possibilitará também o afinamento da dupla sobre como acontecerá o apoio durante a interpretação.

Embora seja usado um único vídeo para a interpretação da dupla, constatamos a necessidade de dividir o vídeo em vez de simplesmente pausá-lo. Assim, no momento do revezamento, será possível fazer a calibragem do rastreador ocular com o segundo participante, não comprometendo a exatidão de sequência do vídeo. Na finalização, aplicamos o protocolo retrospectivo livre de forma individual, mantendo o que estava previsto nas tarefas e instruções.

Ao revisar toda a realização da segunda coleta exploratória e rever os vídeos e gravações de áudio, percebemos a necessidade de informar a todos os participantes, nas instruções iniciais, a importância de manter um tom de voz adequado, pois os microfones não captaram plenamente a voz de uma das participantes durante a execução das tarefas devido ao volume muito baixo da voz. Constatamos também que o experimento tem uma duração total relativamente longa, cerca de duas horas. Para diminuir esse tempo, recomendamos que a coleta seja sempre executada por uma dupla de pesquisadores para que um deles se dedique a realizar a coleta dos dados de protocolo de um dos participantes enquanto o segundo pesquisador coleta os dados de rastreamento ocular do outro participante da dupla.

Feitos todos os ajustes, a partir da realização das coletas exploratórias I e II, chegamos ao desenho experimental detalhado no diagrama da Figura 4.

**Figura 4-** Diagrama dos passos de uma sessão experimental



Fonte: Elaborado pelo autor.

### 2.3 Metodologia de análise

Conforme mencionado na apresentação deste capítulo, usaremos a técnica de triangulação de dados qualitativos e quantitativos coletados com diferentes métodos para a nossa análise (ALVES, 2001). Entretanto, dentro do escopo deste estudo, não serão feitas análises dos dados decorrentes das coletas exploratórias.

Como método de coleta, baseando-se em Zampier (2019), elaboramos um questionário de perfil (Anexo A) para analisar a relação entre a experiência profissional, o tempo de atuação em interpretação em equipe e algumas concepções prévias sobre esse tipo de atuação. Estruturamos também uma entrevista, conforme perguntas apresentadas no Apêndice A, para verificar o conhecimento, as concepções e conhecer os relatos de experiências com a interpretação simultânea em equipe de alguns informantes do questionário de perfil. As respostas dos entrevistados possibilitaram analisar a relação entre a experiência profissional, o tempo de atuação e interpretação em equipe e as concepções sobre esse tipo de trabalho em comparação com os estudos já existentes sobre essa temática (HOZA, 2010a; HOZA, 2010b; BRÜCK, 2011; NOGUEIRA, 2016).

As respostas às perguntas do questionário de perfil foram extraídas para uma planilha gerada automaticamente pelo próprio *Google Forms*. Em seguida, separamos as respostas objetivas e as estruturamos em gráficos. As respostas dissertativas foram analisadas a partir da identificação de palavras-chave correlacionadas com a teoria, especialmente com as três categorias de trabalho em equipe identificadas por Hoza (2010a).

Para análise das entrevistas, utilizamos um modelo semelhante ao utilizado por Silva (2018), agrupando as perguntas em módulos de acordo com os seus objetivos. No caso desta pesquisa, as seis perguntas da entrevista foram divididas em três módulos — (I) Concepções sobre Trabalho em equipe; (II) Experiência com Trabalho em equipe; e (III) Observações adicionais —, conforme o Quadro 1 da seção 3.2 Entrevistas – uma análise mais aprofundada sobre as concepções do trabalho em equipe, do Capítulo 3, as respostas dos entrevistados foram colocadas nos respectivos módulos.

A análise dos dados desses instrumentos possibilitou, por exemplo, averiguar as assertivas de Hoza (2010a) sobre as concepções dos intérpretes acerca do trabalho em equipe e sobre a prática desse tipo de atuação. Possibilitou também discutir a CT e

possíveis subcompetências (PACTE, 2003) necessárias para uma atuação em equipe em um trabalho de interpretação simultânea, além de propiciar o levantamento de discussões iniciais sobre a abordagem da temática “interpretação simultânea em equipe” nos cursos de formação de TILS.

Por fim, citamos aqui a pertinência do desenho experimental proposto nesta pesquisa e apresentado nesta seção. Esta proposta possibilitará que futuras pesquisas investiguem o dispêndio de esforço cognitivo em tarefas de interpretação simultânea (individuais e em equipe), com base nas medidas de fixações (duração média das fixações, contagem de fixações e tempo total das fixações) dos seus participantes, a partir do princípio da ligação olho-mente de Just e Carpenter (1980). A comparação das médias de fixações, da contagem das fixações e do tempo total de fixações nas tarefas de interpretação simultâneas em equipe e individual possibilitarão, por exemplo, analisar em qual dessas tarefas há maior dispêndio de esforço cognitivo e avaliar a qual dos modelos de interpretação em equipe (HOZA, 2010a) os TILS recorrem ao executarem uma tarefa experimental de interpretação simultânea em equipe.

No capítulo 3, a seguir, apresentamos os resultados desta pesquisa e sua análise, bem como os possíveis desdobramentos dela.



### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

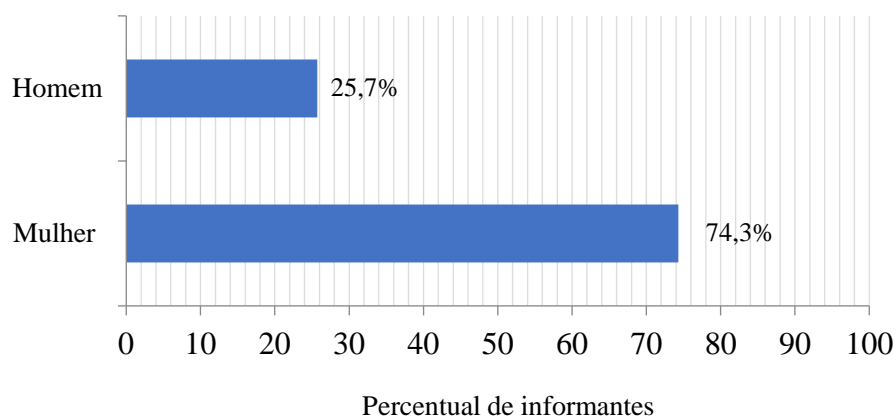
Neste capítulo, faremos a apresentação e a discussão dos resultados desta pesquisa em três seções. Na seção 3.1 - Perfil dos TILS, apresentaremos e discutiremos todos os dados levantados a partir da aplicação do questionário de perfil. Neste aspecto, abordaremos o perfil sociodemográfico, linguístico e de atuação. Discutiremos também as concepções dos TILS sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe. Na seção 3.2 - Entrevistas, reproduziremos as partes mais relevantes das respostas das entrevistas feitas com 6 (seis) TILS sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe e discutiremos as respostas às perguntas dessa entrevista com base nos estudos teóricos que fundamentam esta pesquisa.

#### 3.1 Perfil dos TILS

##### 3.1.1 Perfil sociodemográfico

Participaram como informantes dessa pesquisa 70 TILS de diversos estados do Brasil (São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Amazonas, Pará, Roraima, Rio de Janeiro e Distrito Federal), que aceitaram um convite encaminhado por e-mail, conforme descrito no Capítulo Metodologia. Desse total, 52 (74,3%) são mulheres e 18 (25,7%) são homens, conforme apontado no Gráfico 1.

**Gráfico 1 - Gênero**

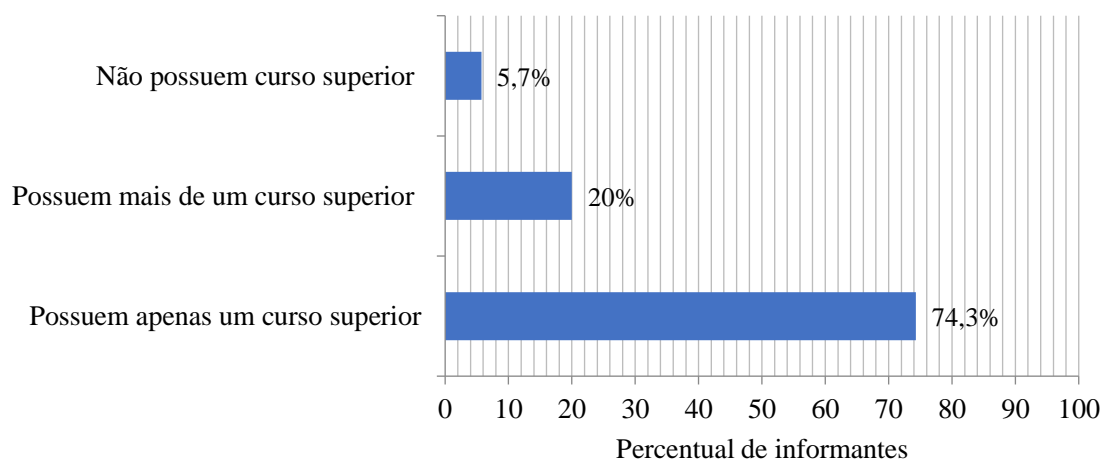


Fonte: elaborado pelo autor.

Estes dados referentes ao gênero, embora não sejam o foco da nossa pesquisa, apontam para uma constante em pesquisas de perfil, que evidenciam uma indiscutível maioria de mulheres atuantes como TILS. Essa tendência pode ser constatada na pesquisa de Lacerda e Gurgel (2011), em que 73% das informantes declararam ser do sexo feminino e 27%, masculino. Já no estudo de perfil feito por Silva e Fernandes (2018), 70% eram mulheres e 30% homens. Comparando-se a presente pesquisa com esses dois estudos, verifica-se a proximidade entre os percentuais, que nos permitem afirmar que, em média, 72% dos informantes TILS em pesquisas de perfil no Brasil são mulheres.

Sobre o perfil de formação, segundo a legislação que regulamenta a profissão (BRASIL, 2005; 2010), a exigência mínima para atuação profissional é o ensino médio completo. Neste sentido, o Gráfico 2 aponta o nível de formação dos informantes dessa pesquisa.

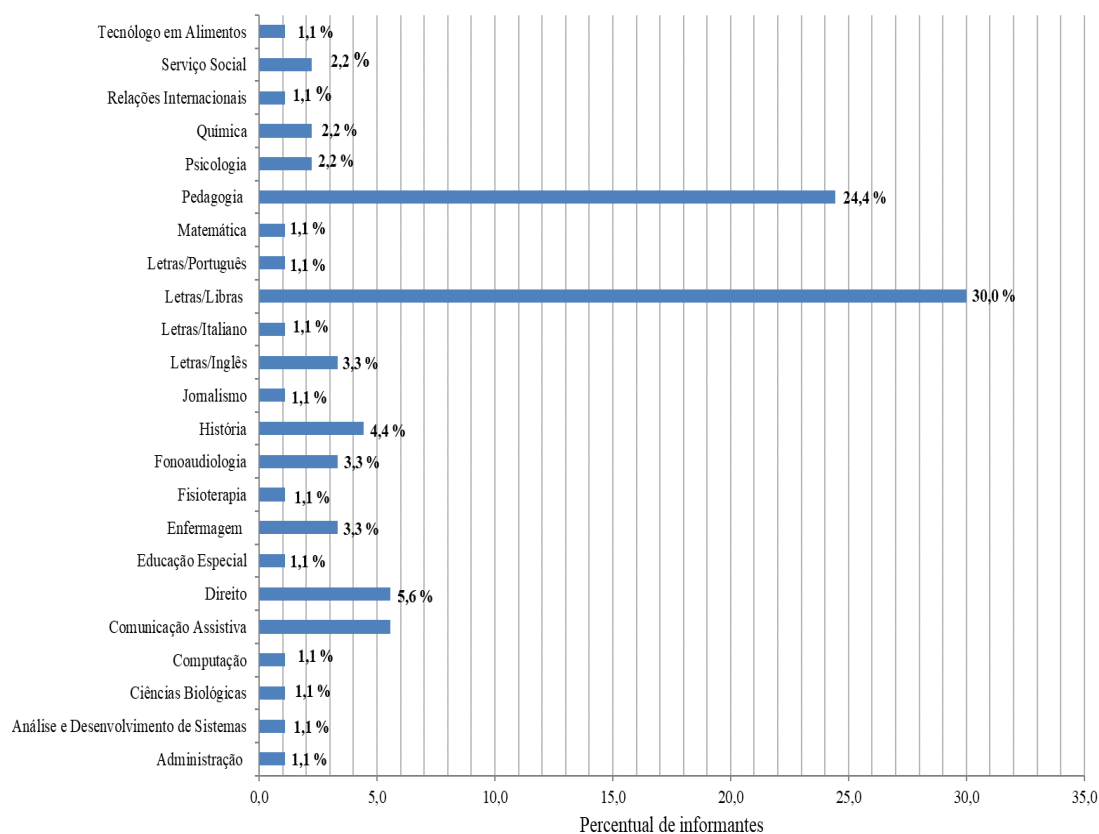
**Gráfico 2 - Escolaridade**



Fonte: elaborado pelo autor.

Esses dados apontam que os TILS têm buscado uma formação para além do ensino médio, pois apenas 5,7% não possuem uma graduação. A expressiva maioria (94,3%) possui formação no nível superior. Constatamos que 20% desses já concluíram também uma segunda graduação. Além disso, outros estão com uma segunda graduação em andamento, conforme veremos mais adiante no Gráfico 3.

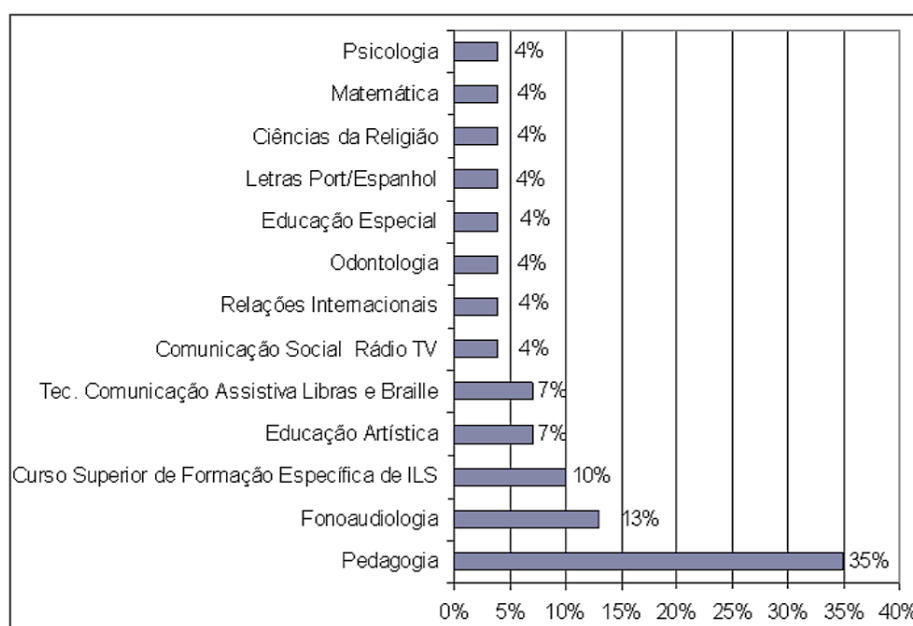
Essa formação em nível de graduação é bem diversificada, e foi listado o total de 23 cursos já concluídos pelos informantes, conforme o Gráfico 3, a seguir.

**Gráfico 3 - Áreas de formação dos informantes graduados<sup>9</sup>**

Fonte: elaborado pelo autor.

Pode-se observar, no Gráfico 3, um destaque para os cursos de Letras Libras (30%) e Pedagogia (24,4%), sendo que, se somados, esses dois cursos representam a área de formação de mais de 50% dos informantes. A Pedagogia representa um reflexo histórico de perfil de profissionais que começaram a atuar com Tradução e Interpretação de Libras-português no Brasil. Esse mesmo curso foi apontado como a formação da maioria dos informantes da pesquisa de Lacerda e Gurgel (2011), conforme aponta o Gráfico 4, a seguir.

<sup>9</sup> Alguns dos informantes possuem mais de uma graduação e esses cursos também entraram na contabilização desse Gráfico.

**Gráfico 4 - Formação em curso superior**

Fonte: Lacerda e Gurgel, (2011).

A Pedagogia ser apontada como a formação da maioria dos TILS em pesquisa de perfil reflete o processo histórico da educação dos surdos. A Declaração de Salamanca (1994) foi um documento internacional assinado por diversos países, incluindo o Brasil, que discutia a inclusão de todos os alunos no ensino regular, independentemente de questões sociais, étnicas ou linguísticas. Essa foi, certamente, uma ação propulsora para a inclusão de alunos surdos no processo de escolarização (MENDES, 2012).

É nesse contexto que alguns surdos começam a ser incluídos nos primeiros anos do ensino fundamental e iniciam-se as atuações de intérpretes educacionais. Cabe ressaltar, porém, que esses intérpretes eram em sua maioria oriundos das comunidades em que se encontravam os surdos (igreja, família e amigos de surdos), ou seja, eram intérpretes comunitários. No entanto, com a demanda por pessoas que conseguiram fazer essa ponte na comunicação entre alunos surdos e a escola, foi crescendo o número de intérpretes que antes faziam uma atuação de caráter comunitário, mais informal, e passaram a atuar em um contexto educacional com um caráter mais profissional, ainda que sem formação específica para isso. Muitos desses intérpretes comunitários acabam por se tornar intérpretes educacionais de modo fortuito (ROSA, 2006).

Consequentemente, por ser a educação a área que mais demandava intérpretes de Libras-português, muitas dessas pessoas, que começaram sua atuação a partir de

experiências comunitárias e sem uma formação, decidiram buscar a Pedagogia como opção de formação. Isso ocorria porque a área “Educação” era a que mais demandava esses profissionais, em especial o Ensino Fundamental.

Com as legislações que mais tarde regulamentaram a Libras (BRASIL, 2002; BRASIL, 2005), o ensino de Libras passa a ser ofertado como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, com destaque para a Pedagogia e Educação Especial. Desse modo, são primeiramente os alunos desses cursos que tiveram um contato mais direto com a Libras em sua formação acadêmica, o que também explica a relação histórica entre a Pedagogia e o ensino de Libras.

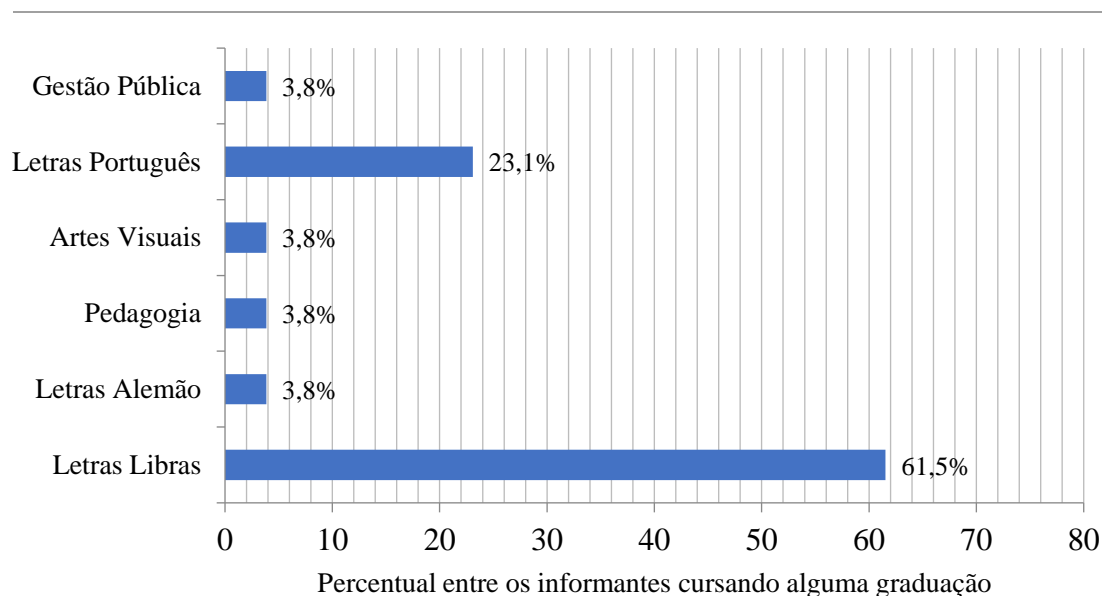
Os dados da presente pesquisa, embora apontem a Pedagogia como a área de formação de muitos informantes, demonstram que Letras Libras é o curso superior concluído pela maioria dos TILS participantes dessa pesquisa (30%). Isso evidencia um perfil de transição no que tange à busca por formação desses profissionais, conforme discutimos a seguir.

Essa mudança fica clara quando comparamos a formação dos informantes da nossa pesquisa (Gráfico 3) com as áreas de formação dos informantes da pesquisa de Lacerda e Gurgel (2011), apontadas no Gráfico 4. Podemos perceber que, há uma década, “cursos de formação específica de ILS<sup>10</sup>” era a formação de apenas 10% dos informantes e a Pedagogia despontava com 35%. No nosso levantamento, percebemos que, embora a Pedagogia ainda seja expressiva na formação de TILS, o curso de Letras Libras é a formação da maioria dos informantes.

Esse perfil formativo em transição torna-se ainda mais claro quando investigamos os cursos escolhidos pelos TILS que estavam com uma graduação em andamento, seja ela a primeira ou a segunda graduação. Os resultados estão no Gráfico 5, a seguir.

---

<sup>10</sup> Intérpretes de Línguas de Sinais.

**Gráfico 5 - Graduação em andamento**

Fonte: elaborado pelo autor.

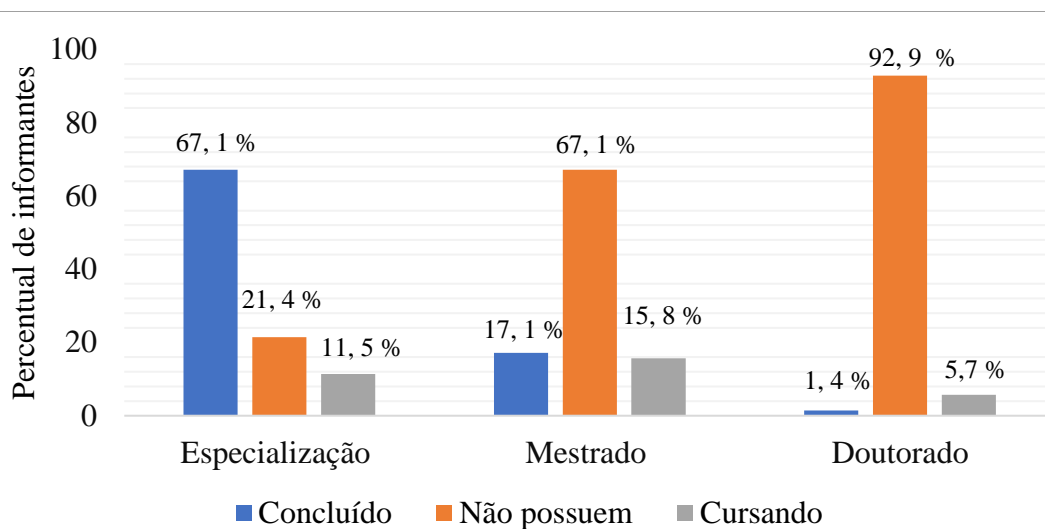
Dentre todos os informantes, 26 estavam matriculados em cursos de graduação, fazendo a sua primeira ou segunda formação superior. Podemos observar mais uma vez que o curso de Letras Libras é a escolha de 61,5% dos informantes que estavam matriculados em um curso de graduação no momento da pesquisa, seguido de Letras-português com 23,1% e a Pedagogia, com 3,8%.

Essa tendência à inversão de preferências por formação deve-se também a um marco histórico, pois, em 2006, temos a oferta do primeiro curso de Letras Libras, pela UFSC, na modalidade de educação a distância com nove polos presenciais por todo o Brasil. Em 2011, ocorreu a formatura dessa primeira turma, sendo 389 licenciados e 342 bacharéis (DALL'ALBA; SARTURI, 2014).

Outros cursos de formação de TILS foram criados, a exemplo do curso TILSP (Bacharel em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais [Libras]/Língua Portuguesa) ofertado pela UFSCar, com o objetivo de formar profissionais especificamente para a atuação como TILS. Esse curso teve sua primeira turma de formandos em 2019. Cursos com discussões específicas na área da tradução e interpretação de Libras-português, como os citados, passam a ser a escolha formativa de muitos profissionais atuantes e começam a despertar o interesse de outras pessoas que não estão diretamente ligadas à Libras ou à comunidade surda (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

Ainda sobre o aspecto formativo dos informantes desta pesquisa, investigamos a formação no nível de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) e os resultados são exibidos no Gráfico 6, a seguir.

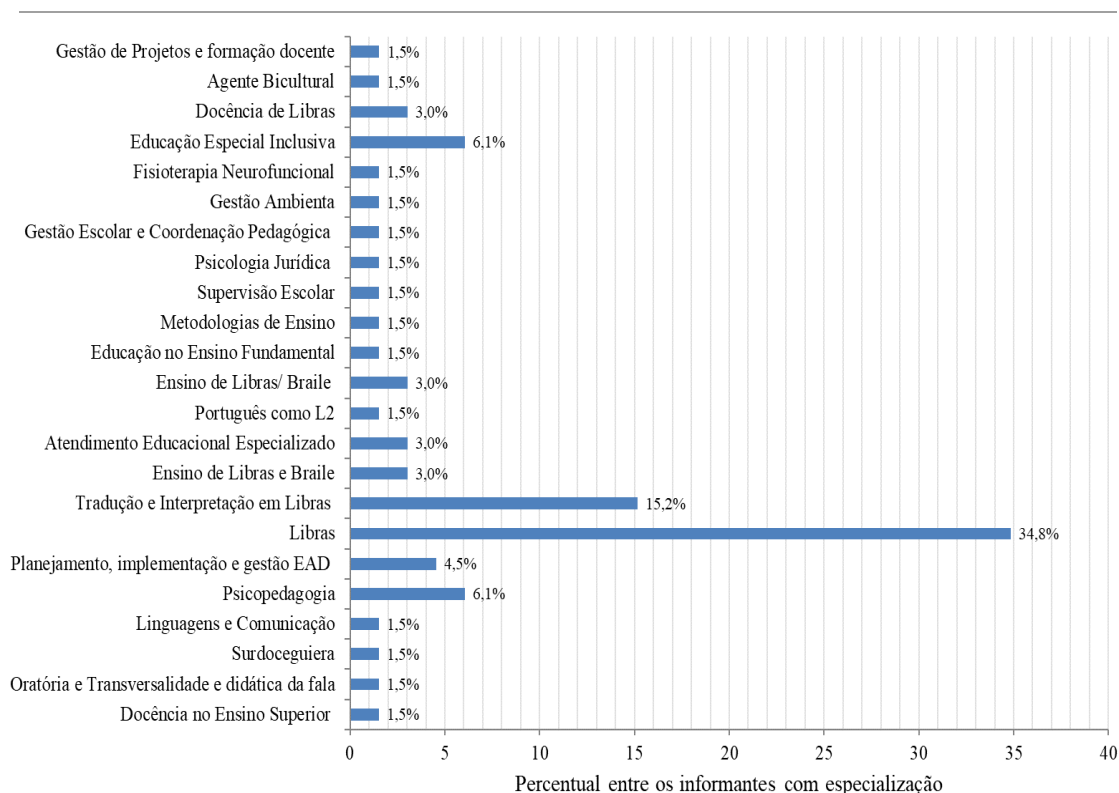
**Gráfico 6 - Formação no nível de pós-graduação**



Fonte: elaborado pelo autor.

A especialização (pós-graduação *Lato sensu*) é a modalidade concluída por 67,1% dos informantes da pesquisa, havendo alguns que concluíram mais de um curso de especialização. O mestrado e o doutorado (pós-graduação *Stricto Sensu*) ainda não são as titulações da maioria dos TILS, mas é perceptível uma gradual busca pela ascensão na formação. A evidência é demonstrada por 17,1% dos informantes que já possuem o título de mestre e 15,8% que estavam matriculados em algum programa de mestrado no momento da aplicação do questionário. Esses dados podem indicar também uma tendência progressiva de qualificação e ascensão acadêmica, o que poderá refletir como outro desenho em pesquisas futuras que venham a analisar o perfil formativo dos TILS.

Uma vez constatada essa tendência pela busca de formação além da graduação, analisamos, a seguir, as áreas de formação, conforme o nível de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado). No Gráfico 7, a seguir, listamos os cursos de especialização concluídos pelos informantes.

**Gráfico 7 - Áreas de formação (Especialização)<sup>11</sup>**

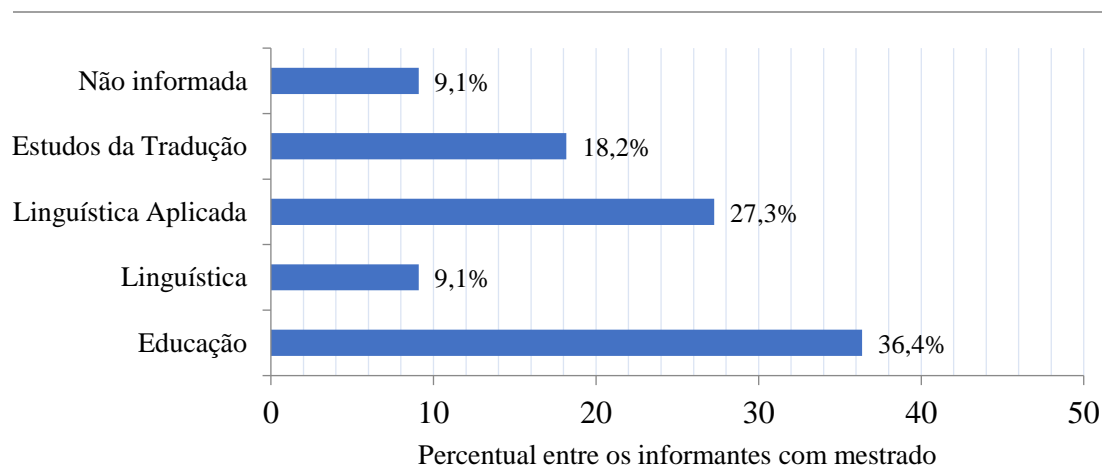
Fonte: elaborado pelo autor.

Esse gráfico aponta que cursos com foco no ensino da Libras, na modalidade especialização, foi o mais procurado pelos TILS (34,8%), seguido por cursos de Tradução e Interpretação em Libras (15,2%). Neste sentido, podemos afirmar que cerca de 50% da formação na modalidade especialização foi na área de Libras ou na área de TILS, ou seja, eles buscaram uma formação complementar diretamente relacionada à sua atuação profissional. É importante firmar também que, dentre os 24,4% informantes que cursaram Pedagogia (apontados no Gráfico 3), 13,3% deles buscaram formação na modalidade especialização em Libras ou em Tradução e Interpretação de Libras.

Com o objetivo de investigar as áreas de interesse em programas de mestrado, listamos, no Gráfico 8, as áreas de formação nesse nível, cursadas e concluídas pelos informantes.

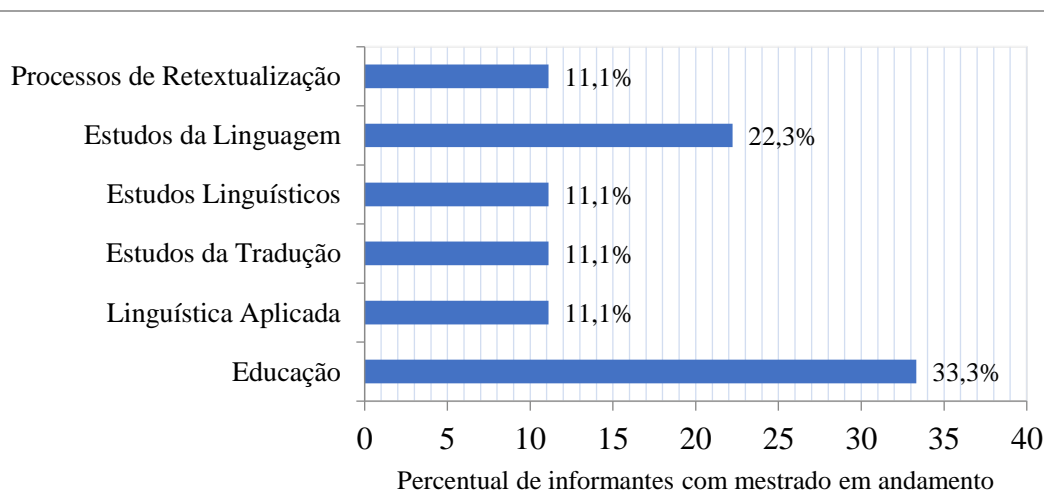
<sup>11</sup> Alguns dos informantes possuem mais de uma especialização concluída e esses cursos também entraram na contabilização desse Gráfico.



**Gráfico 8 - Áreas de formação (Mestrado)**

Fonte: elaborado pelo autor.

Dentre todos os informantes, 12 concluíram o mestrado. Assim, esse gráfico destaca a Educação como a área de formação da maioria dos informantes que cursaram o mestrado (36,4%); os demais ficam divididos entre as áreas Linguística Aplicada (27,3%), Estudos da Tradução (18,2%) e Linguística (9,1%). Se analisarmos na perspectiva da grande área, somados, temos 56,4% dos informantes com títulos de mestre na área da Letras. Encontramos essa mesma tendência ao analisar aqueles que estão com o mestrado em andamento, conforme explicitado no Gráfico 9.

**Gráfico 9 - Áreas dos mestrados em andamento**

Fonte: elaborado pelo autor.

Dentre os 11 informantes cursando o mestrado, mais uma vez a Educação ganha destaque como área de escolha prioritária (33,3%). No entanto, a área de Letras ainda é a

escolha da maioria enquanto grande área abarcando as subáreas de Estudos da Linguagem, Processo de Retextualização, Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução e Linguística Aplicada, totalizando 66,7%.

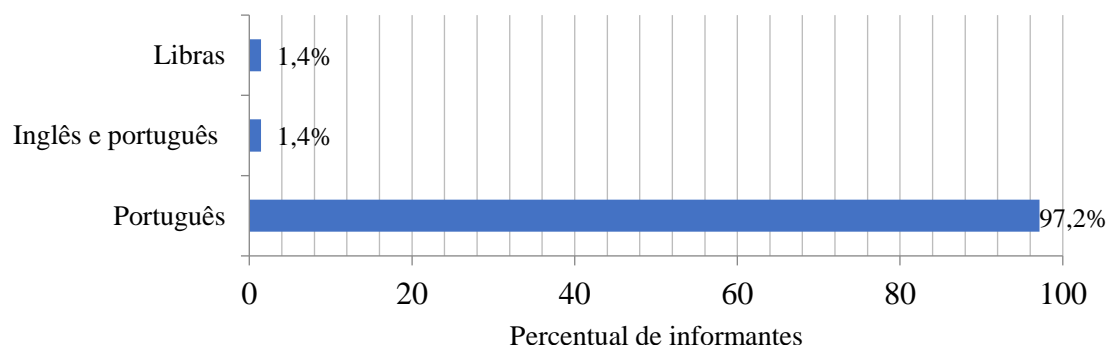
Por fim, como apontado no Gráfico 6, apenas um informante (1,4%) concluiu o doutorado, sendo esse na área de Linguística Aplicada. E outros 4 informantes (5,7%) estão com o doutorado em andamento, divididos nas áreas de Estudos da Tradução, Linguística, Linguística Aplicada e Psicologia.

Com as análises dos Gráfico 3, 4, 5, 6, 7 e 8, fica evidente que os TILS tendem a expandir sua formação para além da graduação. Mais do que isso, se compararmos os resultados dessa pesquisa com os de Lacerda e Gurgel (2011), percebe-se uma gradual mudança nas áreas de formação, antes concentrada mais na Pedagogia/Educação e agora mais voltada para estudos linguísticos das línguas envolvidas. Esses dados estão em consonância também com os estudos de Martins e Nascimento (2015), que constata uma mudança no perfil de TILS, em especial na última década, no que se refere à busca por uma formação que qualifique sua atuação com TILS, saindo de um processo histórico profissional marcado pelo caráter mais comunitário e migrando para uma formação mais acadêmica e institucionalizada, com foco nos estudos da linguagem, da tradução e interpretação (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

Uma vez apresentados os aspectos do perfil de formação dos TILS informantes dessa pesquisa, apontaremos, na seção a seguir, o seu perfil linguístico, no que tange à L1 e L2, a forma de aprendizado da Libras e quais possuem algum tipo de certificação, como o Prolibras por exemplo.

### ***3.1.2 Perfil Linguístico (L1 e L2)***

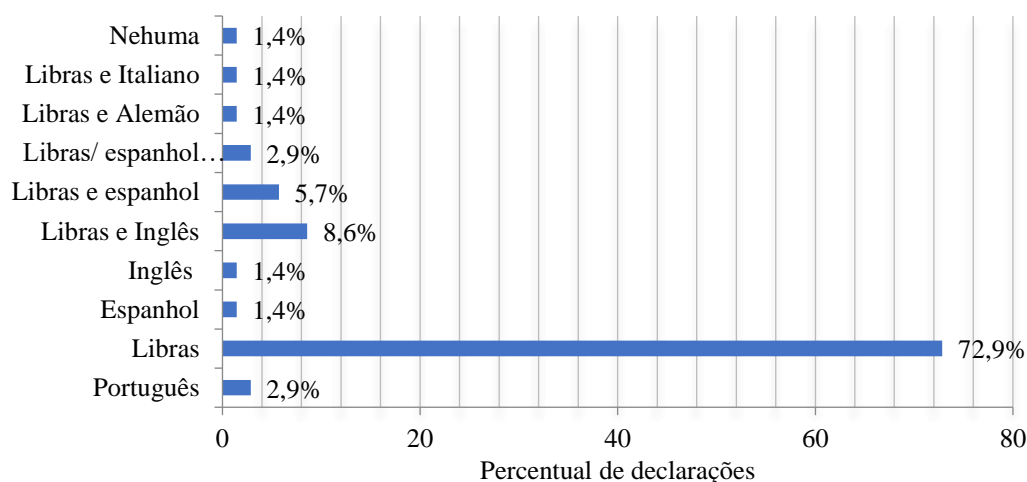
No intuito de investigar o perfil linguístico dos TILS e suas declarações sobre conhecimento e formas de aprendizagem das línguas envolvidas em sua atuação, perguntamos aos informantes: “Qual é a sua L1? (L1: língua materna e/ou língua adquirida na infância e de uso regular)”. As respostas encontram-se no Gráfico 10, a seguir.

**Gráfico 10 - Declaração de L1**

Fonte: elaborado pelo autor.

97,2 % dos informantes afirmaram ser somente o português sua L1, enquanto um dos participantes (1,4%) declarou ser o português e o inglês, concomitantemente, e um outro informante (1,4%) declarou ser a Libras sua L1. Nesse caso, constatamos que se tratava de uma informante CODA. Assim, poderia ter sido representado tendo Libras e português como L1. No entanto, preferimos apresentar esse dado conforme expresso pelo informante.

Sobre a L2, perguntamos especificamente: “Qual(is) é(são) sua(s) L2? [L2: língua adquirida, geralmente, a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo etc.)]”. As respostas dos informantes foram tabuladas e listadas no Gráfico 11, a seguir.

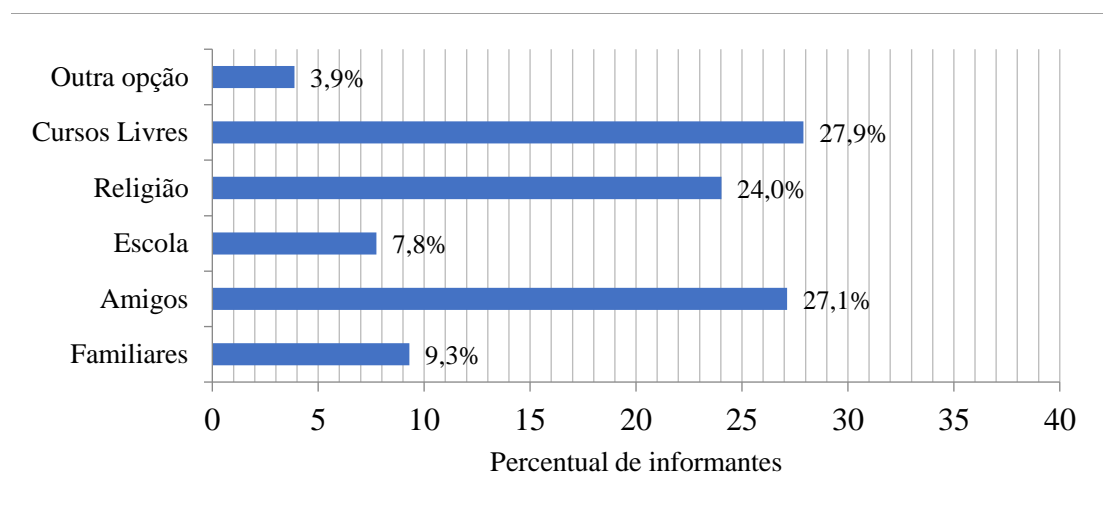
**Gráfico 11 - Declaração de L2**

Fonte: elaborado pelo autor.

Para que pudéssemos atingir o nosso objetivo com essa pergunta, optamos por explaná-la e exemplificar o conceito de L2 na formulação, pressupondo que talvez muitos deixassem de responder o questionamento ou o respondessem de maneira equivocada. A maioria dos informantes declarou ser somente a Libras sua L2 (72,9%). No entanto, houve algumas respostas que incluíram, além da Libras, outras L2: 8,6% dos declararam ser o inglês e a Libras, 5,7%, a Libras e o espanhol, 1,4%, a Libras e o alemão, e 1,4%, a Libras e o italiano, enquanto 2,9% declararam ser a Libras, o espanhol e o inglês sua L2. 2,9% declararam como L2 o português; os demais declararam ser sua L2 o inglês (1,4%) e o espanhol (1,4%).

Uma vez listadas as autodeclarações de L1 e L2, procuramos investigar há quanto tempo os informantes estavam em contato com a Libras e as formas e os meios pelos quais os TILS aprenderam essa língua. Sobre o tempo de contato, com exceção dos CODAS, que têm contato com a língua desde a infância, 30 anos foi a declaração do informante que há mais tempo tem contato com a Libras e 2 anos foi a declaração do informante que há menos tempo tem contato com essa língua. Portanto, o tempo de contato varia consideravelmente entre os informantes, mas podemos afirmar que em média os TILS informantes dessa pesquisa têm contato com a Libras há cerca de 13 anos. Levantamos as formas e os meios pelos quais esses TILS aprenderam Libras, cujos resultados listamos no Gráfico 12, a seguir.

**Gráfico 12** - Formas de contato e aprendizado da Libras



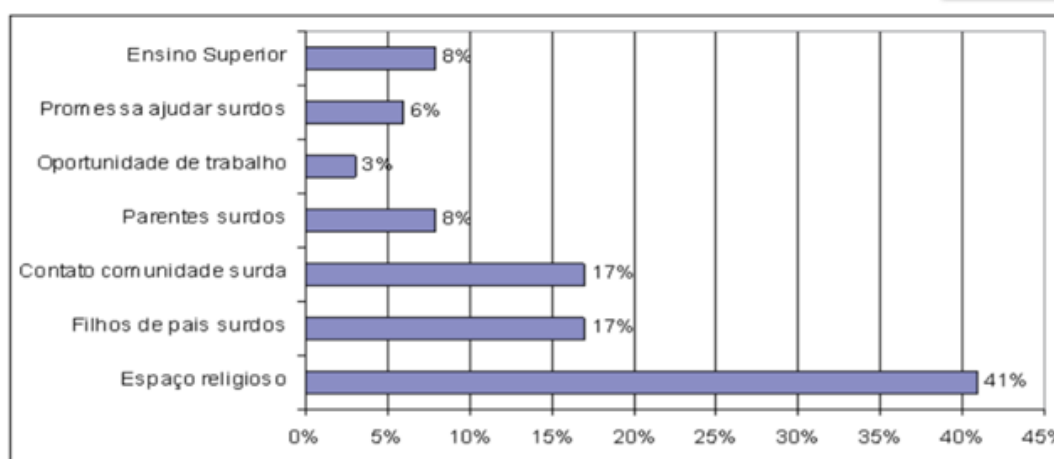
Fonte: elaborado pelo autor.

A opção “Cursos Livres” foi a mais marcada pelos informantes como forma de contato e aprendizado da Libras; o meio mais formal e acadêmico apontado nessa

pesquisa (27,9%). Na sequência, as opções mais indicadas foram “Amigos” (27,1%) e “Religião” (24%). Esses dados estão em consonância com pesquisas anteriores que dissertam sobre a aquisição da Libras por parte dos TILS (QUADROS, 2004; ROSA, 2005; MARTINS, 2009; GURGEL, 2010; LACERDA; GURGEL, 2011; CRUZ, 2016; SILVA; FERNANDES, 2018), as quais apontam para espaços de caráter mais comunitário e informal de aprendizado da Libras.

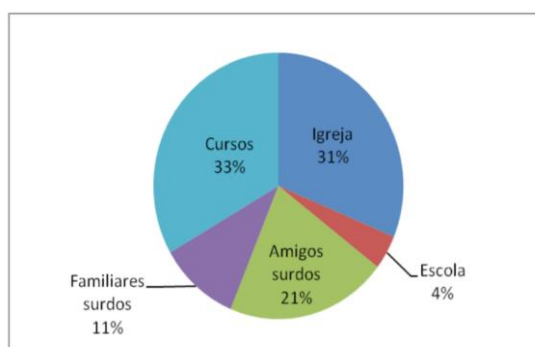
Os espaços religiosos, em especial, são um marco histórico de aprendizado, atuação ou contato inicial com a Libras. Isso pode ser analisado comparativamente em outras pesquisas que traçam perfis de TILS, a exemplo dos levantamentos feitos por Lacerda e Gurgel (2011) e Silva e Fernandes (2018), explicitados, respectivamente, nos Gráfico 13 e 14.

**Gráfico 13 - Como você começou ou se tornou TIL**



Fonte: Lacerda e Gurgel (2011, p. 488).

**Gráfico 14 - Onde Aprendeu Libras?**



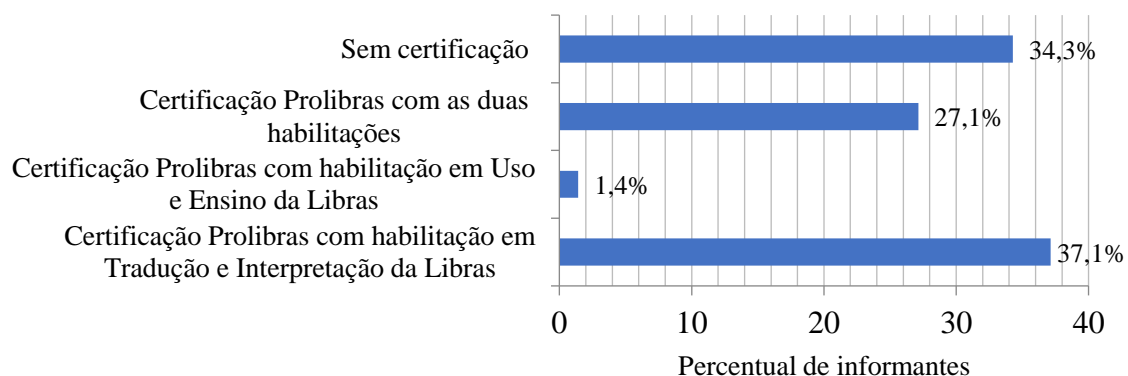
Fonte: Silva e Fernandes (2018, p. 42).

Quando comparamos os dados de Lacerda e Gurgel (2011) e os de Silva e Fernandes (2018) com os levantamentos de nossa pesquisa apontados no Gráfico 11, fica evidente esse caráter comunitário e informal de aprendizado da Libras, em especial os espaços religiosos, que têm sido, conforme apontado anteriormente, um marco e legado histórico dos TILS desde a década de 1980 (QUADROS, 2004).

Desde as primeiras interpretações de missas, cultos e/ou reuniões que os surdos frequentavam, as “facilitações” na comunicação entre surdos e ouvintes promovidas por quem mais tinha conhecimento e contato com a língua, marcam esse início de atuação do que podemos chamar aqui de intérpretes pioneiros, dentre os quais se destacam-se os CODAS. Esses intérpretes vão saindo da invisibilidade de sua atuação ao passo que os surdos começam a lutar por seus espaços e direitos, o que inclui o uso da Libras. É nesse cenário de luta que são instituídas e regulamentadas as leis que garantem esses direitos (BRASIL, 2002; 2005). Assim, progressivamente, há um aumento na visibilidade da Libras e um aumento na procura por intérpretes de Libras para atuarem, não mais de modo informal e/ou voluntário, mas profissionalmente. Nesse cenário, nasce o Prolibras.

O Prolibras — Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa — foi um programa criado para a emissão de certificação de proficiência na língua tanto para professores de Libras como para TILS. Instituído pelo Decreto nº 5.626/2005, que regulamentou a Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão. A primeira edição desse programa ocorreu em 2006, em que 740 profissionais foram certificados como tradutores e intérpretes em todo o Brasil, e sua última edição foi em 2015, ocasião em que 777 pessoas receberam essa certificação de TILS. (SANTOS; GONÇALVES; FONSECA, no prelo)

Nesta pesquisa, verificamos qual a porcentagem de informantes possui certificação do Prolibras e em quais habilitações. Os dados estão explicitados no Gráfico 15, a seguir.

**Gráfico 15** - Certificação do Prolibras

Fonte: elaborado pelo autor.

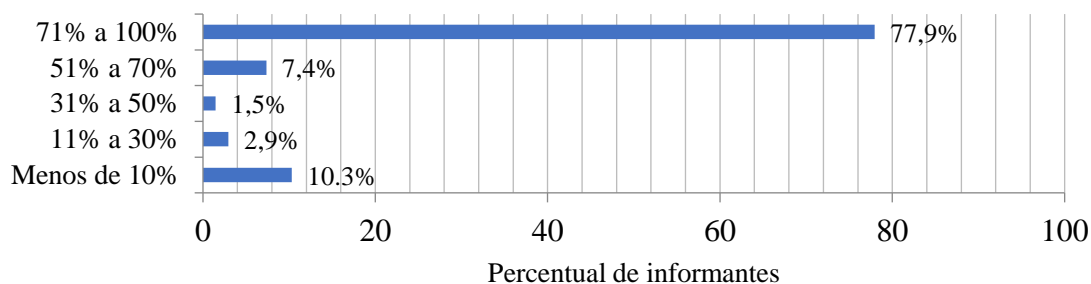
Do total de informantes, 37,1% possuem a certificação para Tradução e Interpretação de Libras, exatamente a habilitação que começou a ser exigida em alguns editais de concursos e processos seletivos que visavam à contratação de tradutores e intérpretes de Libras, a partir de sua primeira versão em 2006. 27,1%, além dessa habilitação, possuem também a habilitação para o ensino da Libras. No entanto, esses exames de proficiência não ocorrem mais desde sua última edição em 2015 e, desde então, são os cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação (especialização) na área de Tradução e Interpretação de Libras-português os responsáveis pela formação e habilitação de TILS. Parte dos informantes dessa pesquisa, que não possuem uma certificação pelo Prolibras, começou sua atuação como TILS posteriormente à extinção do Prolibras, esses buscaram o Letras Libras como forma de e certificação como TILS.

Com todos esses avanços e com maior visibilidade da profissão e da atuação dos intérpretes, em 2010, a profissão é regulamentada (BRASIL; 2010) e há uma ampliação na atuação dos TILS pelo Brasil. Com o objetivo de verificar aspectos de caráter mais trabalhistas como a carga horária semanal que esses profissionais gastam com o trabalho de Tradução e/ou de Interpretação de Libras-português e a renda advinda dessa atuação, incluímos, no questionário aplicado (Anexo A), perguntas que possibilitassem extrair essas informações. Assim, traçamos um perfil de atuação desses informantes, explicitado em detalhes na seção a seguir.

### 3.1.3 Perfil de Atuação

Como já mencionado, a Lei nº 12.319/2010 regulamentou a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras-português, o que possibilitou a formalização da profissão e a garantia da presença desse profissional em escolas, universidades e demais espaços públicos. A profissão e a atuação passam então da “informalidade à visibilidade” (ROSA, 2005), conseqüentemente, isso gera um impacto na renda desses intérpretes que passaram a ter o trabalho de interpretação e/ou tradução como sua principal fonte de renda. Isso pode ser constatado com os informantes dessa pesquisa, que declararam o percentual de renda advindo de sua atuação como TILS, conforme o Gráfico 16.

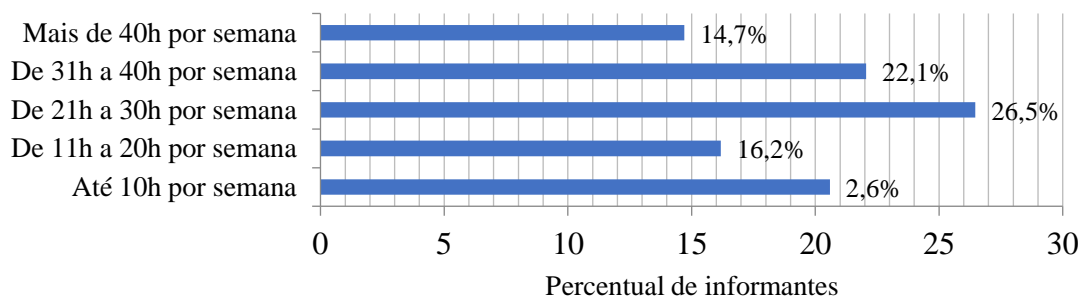
**Gráfico 16** - Porcentagem de renda advinda da atuação como TILS



Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos observar, cerca de 78% dos participantes têm a profissão de TILS como sua principal fonte de renda. Conseqüentemente, os TILS dispõem uma boa parcela de suas horas semanais de trabalho atuando em atividades de tradução e interpretação, conforme o Gráfico 17 a seguir.

**Gráfico 17** - Carga horária semanal dedicada à atuação como TILS

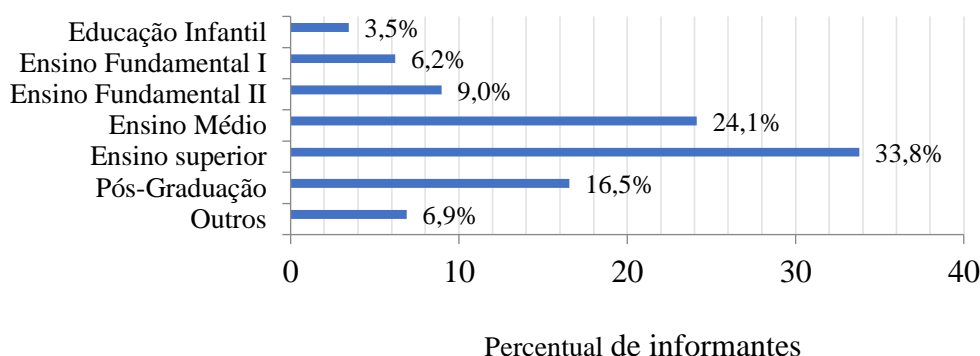


Fonte: elaborado pelo autor.



Ao analisar a carga horária semanal, é possível verificar que as duas opções mais selecionadas (entre 21h e 30h e entre 31h e 40h), juntas, somam 48,6 % do total de respostas. Essa média de carga horária equivale à carga horária de atuação para o cargo de Tradutor e Intérprete de Libras-português em instituições federais que ofertam cursos técnicos integrados ao ensino médio e cursos superiores, que são os níveis de maior atuação dos TILS informantes desta pesquisa, conforme o Gráfico 18.

**Gráfico 18** - Níveis de atuação



Fonte: elaborado pelo autor.

Cerca de 70% atuam em Instituições Federais de Ensino (IFEs) e são regidos pelo Plano de Carreira dos Cargos Técnicos-Administrativos em Educação (PCCTAE), que contempla em seu quadro os cargos de Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais e de Tradutor e Intérprete<sup>12</sup>, ambos com atuação fixada entre 30 e 40 horas semanais.

Uma vez apresentadas e analisadas as questões de atuação referentes ao percentual de renda, carga horária de trabalho e níveis de ensino em que os TILS atuam, apresentaremos a seguir alguns dados que possibilitam averiguar questões relacionadas à atuação em equipe.

### **3.1.4 Atuação e concepções sobre trabalho em equipe**

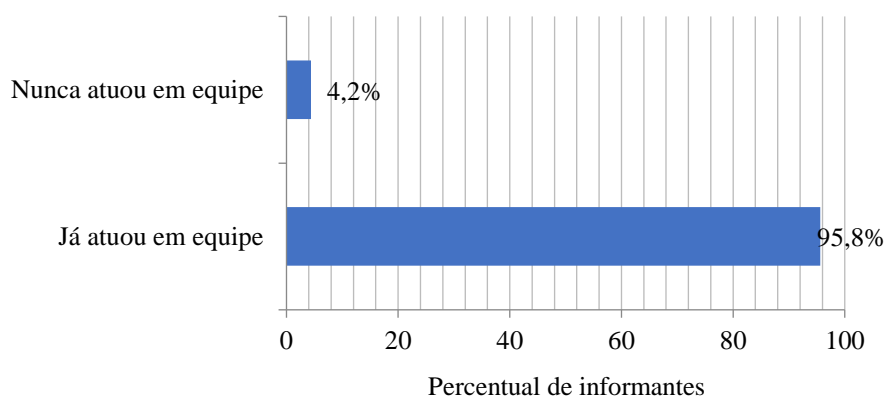
Como parte dos objetivos desse estudo, também abordamos no questionário de perfil questões relacionadas ao trabalho de tradução e interpretação em equipe. Essas perguntas possibilitaram uma análise preliminar sobre as formas de atuação e as concepções dos informantes sobre essas formas de atuação. Essas análises e discussões são feitas com base em autores que pesquisam a atuação em equipe (HOZA, 2010a;

<sup>12</sup> Cargo extinto pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019.

HOZA, 2010b; BRÜCK, 2011; NOGUEIRA, 2016), sendo esses, parte do arcabouço teórico desta pesquisa, apresentado no Capítulo 1.

Inicialmente, averiguamos a experiência dos TILS com atuação em interpretação simultânea em equipe. Neste sentido, questionamos, a priori, apenas se já tinham ou não alguma experiência com esse tipo de atuação. Os resultados são apresentados no Gráfico 19, a seguir.

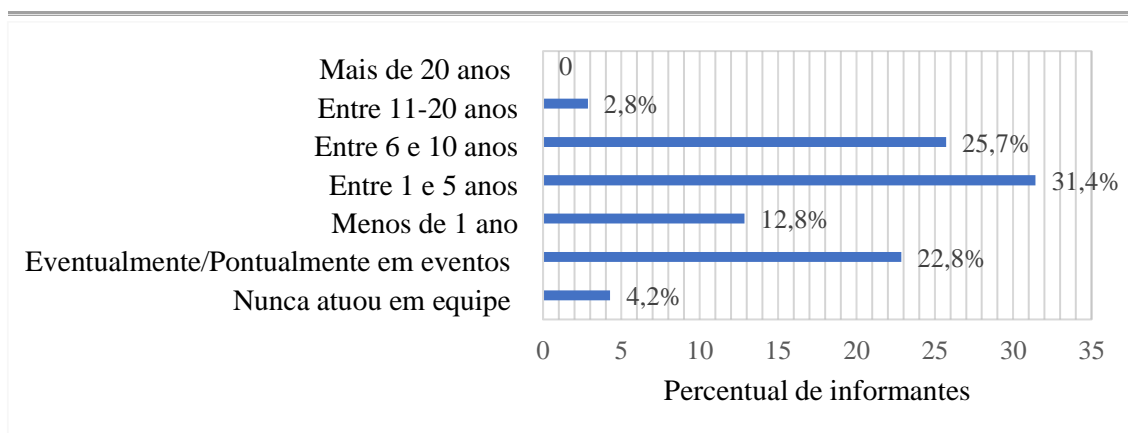
**Gráfico 19 - Atuação em equipe**



Fonte: elaborado pelo autor.

A expressiva maioria dos informantes (95,8%) declararam já ter atuado em interpretação simultânea em equipe. A princípio, analisando somente por esse viés, podemos afirmar que há uma certa contradição entre esses dados e o que alguns estudos apontam sobre a atuação em equipes em interpretação simultânea por TILS brasileiros (NOGUEIRA, 2016; NOGUEIRA; GESSER, 2018). Afinal, afirmamos no início deste estudo que a atuação em equipe, embora seja uma prática na atuação de intérpretes de línguas da modalidade vocal-auditiva, não é recorrente na atuação dos TILS.

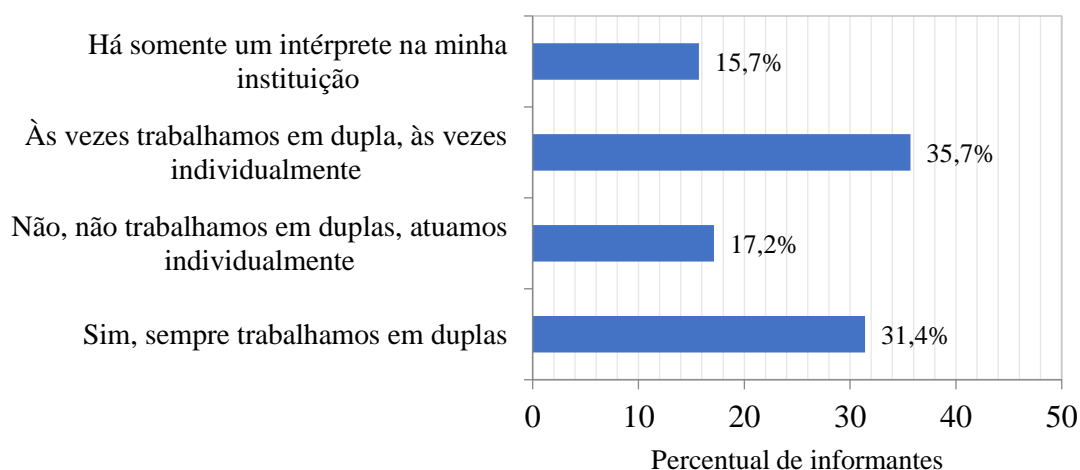
Nesse sentido, investigamos mais profundamente essas informações com a análise das respostas às perguntas seguintes do questionário. O tempo de experiência com atuação em interpretação simultânea em equipe foi o questionamento subsequente, cujas respostas apresentamos no Gráfico 20, a seguir.

**Gráfico 20** - Experiência com interpretação simultânea em equipe

Fonte: elaborado pelo autor.

Com essas informações, é possível perceber que, além dos que declararam nunca ter atuado em equipe (4,2%), outros participantes explicitaram que sua experiência com atuação em equipe se resume a eventos esporádicos (22,9%), ou seja, ela não faz parte de sua prática profissional cotidiana. O tempo de experiência com essa modalidade de atuação declarado pelos demais participantes variou de 12,9%, que afirmaram ter menos de um ano; 31,4%, que afirmaram ter entre 1 e 5 anos; 25,7%, entre 6 e 10 anos; e 2,8%, que afirmaram ter entre 11 e 20 anos de experiência com interpretação simultânea em equipe.

A partir desses dados, começamos a entender que, embora a afirmação de já ter experiência possa ser de uma maioria, a interpretação em equipe como prática profissional rotineira não é exercida por cerca de 25,7% dos informantes. No entanto, ao analisar as diversas respostas dadas ao questionamento anterior, percebemos que, por se tratar de um questionamento aberto, os informantes poderiam responder que tinham um determinado tempo de experiência, por considerar o tempo em que iniciou essa prática em sua atuação profissional, porém esses dados apontados no Gráfico 20 não significam, especificamente, que os TILS atualmente realizam o trabalho em equipe em suas respectivas instituições. Isso pode ser inferido ao analisarmos esses dados com os dados do Gráfico 21. Nesse gráfico, listamos as respostas dos TILS ao seguinte questionamento: “Na instituição na qual você trabalha é usual o trabalho em equipe (duplas, trabalho com intérprete de apoio)?”.

**Gráfico 21** - Frequência de atuação em equipe na instituição em que os TILS trabalham

Fonte: elaborado pelo autor.

A análise dos resultados apontados no Gráfico 21 evidencia que a prática frequente de atuação em equipe de TILS ocorre nas instituições em que apenas 31,4% dos informantes trabalham. Em uma análise mais detalhada dos dados percebemos que desse total de informantes que declararam atuar sempre em equipes, 76% são servidores de Universidades Federais Brasileiras.

Porém, nas instituições em que 68,6% dos informantes atuam, o trabalho em equipe acontece com pouca frequência ou não ocorre. Sendo assim, é possível afirmar, corroborando os estudos de Nogueira (2016) e de Nogueira e Gesser (2018), que atuar em equipe não é uma prática cotidiana na atuação dos TILS brasileiros, que pode ser decorrente de várias razões.

Uma dessas razões é o que aponta o Gráfico 20 na opção “Há somente um intérprete na minha instituição”, ou seja, 15,7%, por serem os únicos contratados em suas respectivas instituições, já ficam, por si só, impedidos de atuar em equipe, ainda que essa seja sua preferência. Analisando os dados mais profundamente, constatamos que desse total de informantes que afirmam serem únicos em suas instituições, 81% deles são servidores de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) espalhados pelo Brasil.

A opção das contratantes (públicas ou privadas) por apenas um TILS está relacionada, muitas vezes, às questões econômicas e/ou de valorização profissional (NOGUEIRA, 2016). Esse dado evidencia, também, um desconhecimento de questões técnicas, referentes a possíveis problemas de saúde relacionados a um grande período de

atuação sem pausas e revezamentos, o que já justificaria a atuação em equipes, conforme aborda Powell (2013) em um estudo de caso sobre as condições de atuação de intérpretes de línguas de sinais:

A formação de equipes geralmente envolve dois intérpretes revezando a cada 15-20 minutos afim de aliviar o estresse na parte superior do corpo e o “enfraquecimento do cérebro” isso ocorre na necessidade de interpretar material de alto nível por qualquer período. (POWELL, 2013, p. 301).<sup>13</sup>

Nesse estudo, Powell aponta, por exemplo, a dificuldade das instituições de ensino superior da Nova Zelândia em recrutar bons intérpretes e em quantidade que possibilitasse a execução de um trabalho em equipe. Isso não é diferente das instituições de ensino brasileiras que, em seus editais de concursos e processos seletivos, muitas vezes, visam à contratação de apenas um TILS.

Cabe ressaltar também que, em contrapartida, a atuação individual de TILS em algumas instituições pode ocorrer por opção do próprio intérprete que, muitas vezes, desconhece a finalidade e o funcionamento de atuações em equipes, justamente por essa não ser uma prática cotidiana em instituições de ensino brasileiras (NOGUEIRA; GESSER, 2016).

Nesse sentido, para analisarmos as questões relacionadas à preferência dos informantes desta pesquisa sobre a atuação em equipes ou individualmente, perguntamos: “Em trabalho de interpretação simultânea em sala de aula e eventos, você prefere trabalhar sozinho ou em equipe? Justifique brevemente sua resposta”. 91,6% dos informantes declararam sua preferência incondicional pela atuação em equipe; 7,0% dos informantes condicionaram a atuação individual ou em equipe a depender do gênero interpretativo (sala de aula/ eventos); e uma informante (1,4%) declarou sua preferência pelo trabalho individual.

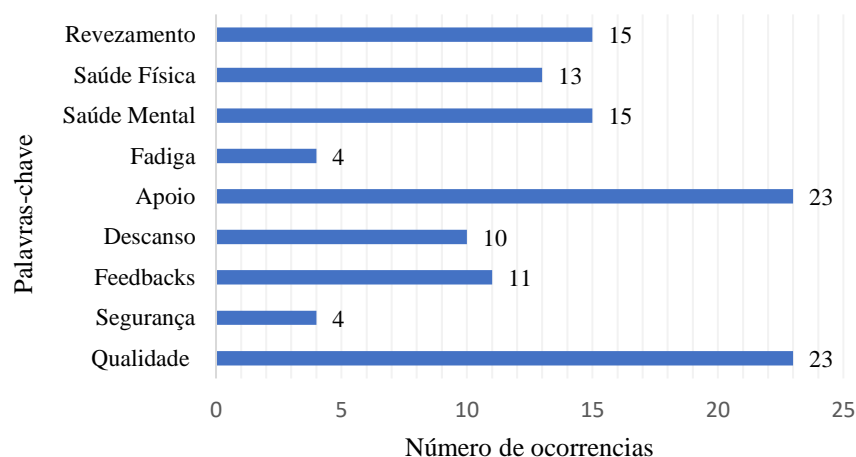
As justificativas dos informantes que apontaram sua preferência pela atuação em equipe foram bem diversas. Para uma maior percepção e análise dessas justificativas, listamos palavras-chave contidas em suas respostas e contabilizamos o número de ocorrência delas na totalidade de respostas dos informantes que indicaram essa preferência. Essa metodologia de análise, de caráter majoritariamente quantitativo, possibilitou identificar tendências sobre concepções do trabalho em equipe, tendo como

---

<sup>13</sup> Nossa tradução para: “Teaming usually involves two interpreters rotating every 15-20 minutes to alleviate both the stress on the upper body and the “brain fade” that occurs if required to interpret high-level material for any length of time.”

referência os modelos estabelecidos por Hoza (2010a). Ressaltamos que se trata de um indicativo de tendências gerais, pois a análise, neste momento, não levou em conta cada resposta em seus detalhes, mas unicamente o número de ocorrências de palavras-chave. Apresentamos o resultado da consolidação dessas palavras-chave no Gráfico 22, a seguir.

**Gráfico 22** - Justificativa de preferência pelo trabalho em equipe



Fonte: elaborado pelo autor.

Partindo das justificativas apresentadas, quando analisamos as ocorrências de palavras-chave e a frequência com que elas aparecem isoladamente, identificamos as possíveis concepções dos TILS sobre o trabalho em equipe, levando em consideração os modelos estabelecidos por Hoza (2010a): (a) *on/off*, (b) monitoramento/apoio e (c) interdependente. É importante salientar que todos esses são modelos de concepções sobre a atuação em equipes e destacam também a forma como os intérpretes entendem e atuam em equipe ao longo da história (HOZA, 2010b). O autor aponta para um modelo de atuação em equipe ideal ou mais recomendado, o interdependente, sendo esse inclusive o modelo que não exclui o revezamento e o descanso como partes dos objetivos do trabalho em equipe. Esse modelo vai além desses objetivos, uma vez que Hoza (2010a) salienta que o trabalho em equipe num processo de interpretação, em especial a simultânea, é um trabalho que deve ser feito de forma colaborativa, em prol de um objetivo comum: a qualidade da interpretação, em consonância com a preservação da saúde mental e física dos participantes da equipe.

As palavras-chave “revezamento”, “descanso”, “fadiga”, “saúde mental” e “saúde física”, se isoladas, estão mais relacionadas ao modelo de trabalho em equipe descrito por Hoza (2010a) como *on/off*. Nesse modelo, o conceito de interpretação em equipe é focado

única e simplesmente no revezamento a cada 20 a 30 minutos de interpretação simultânea. Como se de fato o intérprete do turno estivesse “ligado” e o intérprete do apoio “desligado”. Para os TILS que atuam com esse conceito de interpretação em equipe, a interpretação torna-se um processo individualizado em que “dois profissionais independentes se revezam na execução do trabalho, a fim de evitar o cansaço que pode prejudicar a saúde dos intérpretes, bem como os efeitos do cansaço na precisão da mensagem interpretada” (HOZA, 2010b, p.11)<sup>14</sup>

As palavras “*feedback*”, “apoio” e “segurança”, citadas 11, 23 e 4 vezes, respectivamente, nas justificativas dos TILS, são palavras-chave que podem ser associadas ao conceito do segundo modelo estabelecido por Hoza (2010a), o de monitoramento/apoio. Nesse modelo, os intérpretes continuam com o processo de revezamento, no entanto, quando o intérprete do turno muda para a posição de apoio, ele não “desliga”; ele se mantém atento à interpretação do TILS do turno “e alimenta com informações ou faz correções, conforme necessário. Além disso, o intérprete monitor geralmente fornece *feedback* para o outro intérprete após a interpretação” (HOZA, 2010b, p.12)<sup>15</sup>. Ainda segundo Hoza, esse é o modelo que representa a visão mais adotada pelos intérpretes que atuam em equipes nos últimos tempos.

Por fim, a palavra-chave “qualidade do trabalho/ qualidade da interpretação” apareceu frequentemente nas justificativas dos TILS informantes desse estudo, 32 ocorrências, e sempre no sentido de justificar a preferência pelo trabalho em equipe visando ao sucesso da interpretação. Entendemos que os TILS podem visar à boa qualidade de uma interpretação simultânea em equipe, ainda que ela não seja interdependente. No entanto, ao destacar o último modelo de interpretação em equipes, o interdependente, Hoza (2010b) o coloca como sendo o modelo em ascensão e que tende a substituir o modelo de monitoramento/ apoio. Nesse modelo interdependente o autor salienta que “[a] formação de equipes é mais que apenas aliviar a fadiga de outro intérprete e é mais que monitorar e garantir a precisão da interpretação de outro intérprete.

---

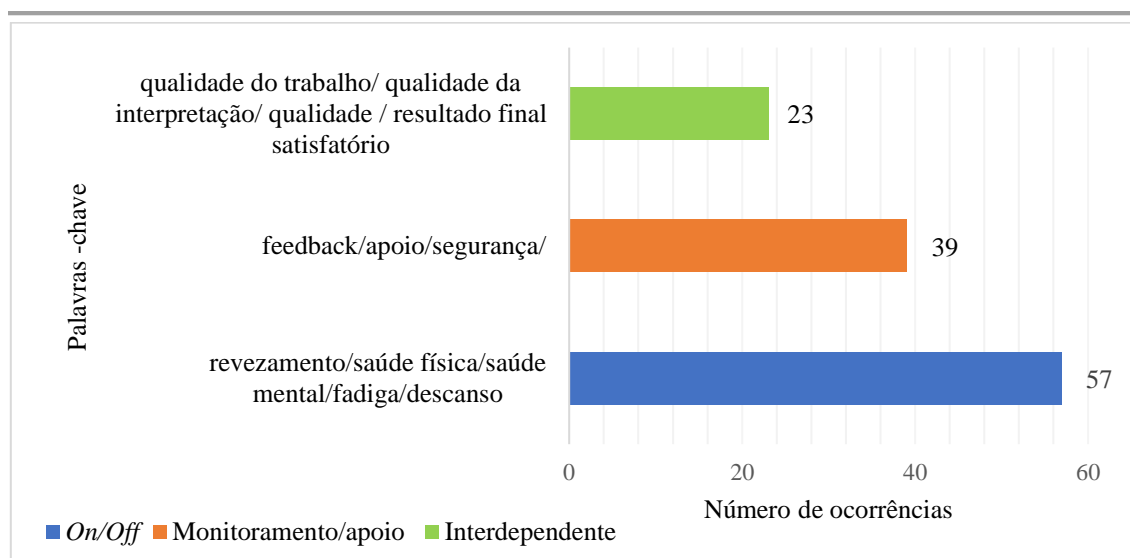
<sup>14</sup> Nossa tradução para: “[...] two independent practitioners taking turns doing the work in order to avoid fatigue that can harm the interpreters' health, as well as to avoid the effects of fatigue on the accuracy of the interpreted message.”

<sup>15</sup> Nossa tradução para: “[...] and feeds information or makes corrections, as needed. In addition, the monitor interpreter often provides feedback to the other interpreter after the interpretation.”

A interpretação da equipe envolve o trabalho em conjunto para um evento interpretado com sucesso” (HOZA, 2010b, p. 14)<sup>16</sup>.

Feita a análise por agrupamentos dos números de ocorrências das palavras chave, que, isoladas, podem ser associadas aos respectivos modelos de Hoza, optamos por reuni-las em três categorias, para que possamos, dessa forma, traçar uma aproximação das respostas dos TILS informantes desta pesquisa aos modelos estabelecidos por Hoza (2010a). Tal enquadramento encontra-se detalhado no Gráfico 23, seguir.

**Gráfico 23** - Agrupamento de palavras-chave aos modelos de Hoza (2010a)



Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme apontado nesse Gráfico, é possível afirmar, pelo número de ocorrências de palavras-chave contidas nas justificativas dos TILS sobre a preferência pelo trabalho em equipe, que as concepções desses informantes sobre a atuação em equipe indica a preponderância de elementos observados no modelo *on/off*, ou seja, esses TILS, no conjunto de suas respostas, demonstram a compreensão da necessidade do trabalho em equipe, predominantemente, pelo seu caráter de revezamento e oportunidade de descanso para alívio da fadiga e preservação da saúde física e mental. Vale lembrar que, embora não seja uma visão errada, essa é ainda uma visão limitada sobre as possibilidades de um trabalho em equipe (HOZA, 2010b).

<sup>16</sup> Nossa tradução para: “Teaming is more than just relieving another interpreter's fatigue, and it is more than monitoring and ensuring accuracy of another interpreter's interpretation. Team interpreting involves working together for a successful interpreted event.”



Como dito anteriormente, Hoza, como base em seus estudos, afirma que o modelo de monitoramento/ apoio é a visão predominante, hoje, sobre a atuação em equipe. No entanto, essa constatação não converge com os nossos resultados que, pelo número de ocorrências de palavras-chave por categoria, evidencia uma predominância de concepção pelo modelo *on/off*. Embora seja expressivo o número de ocorrências de palavras-chave do modelo monitoramento/ apoio (39), o que pode evidenciar uma progressão nas concepções dos TILS sobre atuação em equipe, os informantes dessa pesquisa parecem ainda não ter uma visão interdependente sobre o trabalho de interpretação em equipe, ou seja, uma visão mais abrangente e completa comparada ao modelo de monitoramento e apoio. Essa visão mais ampla do modelo interdependente comparado ao de apoio/ monitoramento é destacada por Nogueira e Gesser (2018, p. 128), que acrescentam “[n]ós entendemos que trabalho de apoio é uma ação dentro do trabalho em equipe que corresponderia a uma ação maior de atuação e envolveria outras atividades durante o processo de interpretação”.

Esse conceito de interdependência e colaboração do trabalho em equipe parece não ser conhecido ainda entre os informantes se levarmos em conta a ocorrência de palavras-chave que se enquadram nesse modelo (23).

Esses resultados podem apontar para a necessidade de uma ampliação nas discussões sobre o trabalho de interpretação em equipe nos cursos de formação de TILS. É essa abordagem durante a formação que proporcionará a eles o conhecimento sobre os diversos modelos de interpretação em equipe e sua abrangência em uma atuação simultânea.

Tendo levantado e analisado as justificativas dos TILS que incondicionalmente declararam sua preferência pela atuação em equipe, analisemos agora as justificativas daqueles que preferem atuar individualmente (1,4%) ou que condicionam a atuação em equipe ou individual a alguns fatores como público-alvo (sala de aula/ eventos), que é o caso de seis informantes (7,0%). Como trata-se de um número reduzido, adotamos como método a análise das respostas na íntegra, conforme as transcrições a seguir, começando pela justificativa da participante que declarou sua preferência pela atuação individual.

“Sozinha. Porque as vezes o outro não tem ética fica apontando erros sem humildade.” (Andrea<sup>17</sup>)

---

<sup>17</sup> Os nomes dos informantes, aqui utilizados, são fictícios a fim de preservar o anonimato deles.

A justificativa de Andrea pela preferência por atuar individualmente parece evidenciar um incômodo pelo *feedback* (correções vocabulares, indicações de sinais e/ou demais apontamentos) que podem ocorrer em uma atuação em equipe ou podem evidenciar um incômodo com a forma como esse *feedback* é fornecido. De qualquer maneira, sua justificativa evidencia o seu desconhecimento sobre um trabalho em equipe colaborativo e interdependente conforme descrito por Hoza (2010a).

Esse tipo de incômodo com a presença e/ ou atuação do outro TILS da equipe demonstra um trabalho que ocorre simplesmente em dupla, não afinado, sem objetivos comuns quanto à construção de uma interpretação simultânea. Um trabalho interdependente envolve mais que trabalhar junto e fornecer *feedback* durante uma interpretação simultânea; “a interpretação em equipe é centrada no processo de trabalho conjunto e esse processo pode ocorrer em três momentos principais: durante a pré-sessão, durante a interpretação e durante a pós-sessão”<sup>18</sup> (HOZA, 2010a, p. 161). Esse tipo de afinamento da equipe quanto a um objetivo comum é o que evitaria os problemas apontados por Andrea em sua justificativa.

A importância desse conhecimento sobre atuação em equipe e a forma de executá-lo adequadamente se apoia também no conceito de CT composto por suas subcompetências e por fatores psicofisiológicos (HURTADO ALBIR, 2005; PACTE, 2003), conforme abordamos detalhadamente no Capítulo 1.

No caso da justificativa de Andrea, podemos perceber a importância dos fatores psicofisiológicos, apontados por PACTE (2003), em um processo de atuação em equipe, pois exige dos TILS aspectos atitudinais ao administrar o relacionamento interpessoal na composição da equipe, além do espírito crítico, que pode ser determinante ao se pensar as escolhas num processo de interpretação simultânea e a forma positiva de lidar com o *feedback* para a reformulação de um bom texto da língua fonte para a língua alvo, por exemplo.

Como descrito, anteriormente, alguns dos informantes desta pesquisa, circunstanciam sua preferência pela atuação individual ou em equipe; suas justificativas são colocadas a seguir.

---

<sup>18</sup> Nossa tradução para: “[...] team interpreting is not just about what is produced as the product (the target language), even though a dynamically equivalent TL rendition is the goal of the team. Rather, team interpreting is centered on the *process* of working together, and this process can occur at three main times: during the pre-session, during the interpretation, and during the post-session”.

“Em sala, sozinha, por causa da escassez de profissionais na instituição. É preferível trabalhar sozinha em um turno do que revezando em dois turnos. Em eventos em equipe, claro.” (Betina)

“Sala de aula sozinha, eventos equipe. No médio integrado teria que ter quatro intérpretes para trabalhar em duplas, como seria impossível, se optássemos por isso teríamos que trabalhar mais de oito horas por dia. Preferimos manter a jornada flexibilizada.” (Cláudia)

Em sala de aula prefiro sozinha, já tentei trabalhar em dupla e os resultados foram confusos e os surdos sentiram-se prejudicados pelas trocas. Disseram que o raciocínio fora quebrado com as trocas. Em eventos prefiro trabalhar em equipe e trocar respeitando os assuntos abordados, normalmente as falas não são muito extensas. Se for um palestrante só eu prefiro ditar o ritmo e combinar um sinal para a troca. Preciso de um tempo para pegar o ritmo da interpretação e quando sinto que estou cansada sinalizo para outro da equipe.” (Denise)

“Em sala de aula sozinha e em eventos em equipes pois, a sala de aula o trabalho pode fluir de forma mais tranquila o que não ocorre em eventos nos quais a tradução deve ser mais dinâmica. Em eventos pode ocorrer de escapar ao Intérprete alguma informação ou sinal mais apropriado assim, o apoio é essencial”. (Ester)

“Depende de quem seria a dupla. Às vezes a dupla oferece um apoio nos momentos de dúvida ou má compreensão. Às vezes a dupla pode atrapalhar a concentração.” (Fabrícia)

As justificativas apresentadas por Betina e Cláudia estão relacionadas à nossa análise do Gráfico 20, que abordou a quantidade de TILS em uma instituição e a escolha do próprio intérprete pela atuação individual. Nos dois casos, fica evidente que as intérpretes optam por atuar sozinhas, pois restam duas alternativas: trabalhar em duplas em uma carga horária diária de 8 horas, que envolve pelo menos dois períodos do dia (diurno/ vespertino/ noturno), ou trabalhar em uma jornada flexibilizada de 6 horas diárias em que é possível optar somente por um período.

Esses dois relatos envolvem uma discussão ampla que vem sendo feita nos últimos anos no âmbito da atuação dos servidores Técnicos Administrativos Educacionais (TAEs), que incluem os TILS, das diversas IFs com base no decreto nº 1.590 de 10 de agosto de 1995, que dispõe sobre a jornada de trabalho dos servidores da Administração Pública Federal direta. Nesse Decreto, em seu artigo 3º, menciona-se a possibilidade de a jornada desses servidores ser flexibilizada na forma de 06 (seis) horas diárias, perfazendo o total de 30 (trinta) horas semanais, sem intervalo para refeição e sem prejuízo da remuneração.

Em instituições em que há surdos nos diversos períodos de funcionamento das instituições, os TILS, caso haja mais de um na instituição, terão que fazer as escolhas

entre as opções dadas à Betânia e à Cláudia. Neste sentido, não é nosso foco fazer juízos de valor acerca de um direito trabalhista das informantes.

No entanto, é perceptível a não compreensão de muitas das instituições contratantes, neste caso, as IFs, sobre a necessidade de contratar/ selecionar profissionais TILS em um quantitativo que permita possibilidades de uma atuação em equipes (NOGUEIRA 2016) e que, ao mesmo tempo, garanta o direito de uma jornada flexibilizada, como é garantida aos demais servidores, o que, por consequência, geraria possíveis reflexos positivos na qualidade das interpretações e também na saúde física e mental desses profissionais (POWELL, 2013). Essa realidade profissional dos TILS que trabalham nas IFEs do Brasil é semelhante à apontada por Powell (2013). Em seus estudos, a autora salienta que as condições dos TILS servidores de instituições de ensino superior da Nova Zelândia às vezes são diferentes das dos demais servidores. Ela acrescenta que “as instituições parecem ver apenas o custo de contratar intérpretes para formar equipes e se opõem fortemente a ter de pagar duas pessoas quando acham que uma é suficiente”<sup>19</sup> (POWELL, 2013, p. 301).

Denise, por sua vez, faz sua ponderação pela atuação em equipe ou individual a depender do público-alvo, ou seja, em eventos. Ela prefere atuar em equipe, mas em sala de aula justifica sua preferência pela atuação individual. Segundo ela, “os surdos reclamam das trocas”, se referindo ao revezamento feito entre o intérprete de apoio e o intérprete do turno. De fato, um argumento semelhante é apontado no estudo de Brück (2011), em que os surdos informantes afirmaram preferir a atuação de apenas um intérprete em sala. Brück afirma que as diferentes “assinaturas de interpretação”, ou seja, a forma, o jeito de executar uma interpretação, são um incômodo para alguns surdos.

No entanto, várias questões podem justificar essa diversidade de “assinaturas” nas interpretações, como a experiência com interpretação e com atuação em equipe, tempo de contato com as línguas envolvidas e a formação. Essas diferenças, porém, podem ser amenizadas se os TILS atuarem de forma interdependente, o que sugere uma colaboração mútua entre os membros da equipe antes, durante e após uma interpretação (HOZA, 2010a). Esse tipo de atuação interdependente é o que pode proporcionar a “fluidez” que Ester aponta em sua justificativa. Essa fluidez poderá

---

<sup>19</sup> Nossa tradução para: “Institutions seem to only see the cost of employing interpreters for teaming, and they object strongly to having to pay two people when they think one is sufficient.”

amenizar ou mesmo cessar de “atrapalhar a concentração” do companheiro de equipe, fator apontado por Fabrícia como impeditivo para uma atuação em equipe.

Esses afinamentos possibilitarão a sequência de três indispensáveis em uma interpretação colaborativa e interdependente (HOZA, 2010a): (i) a padronização de sinais e a escolha das formas de apoio pela equipe (pré-sessão); (ii) o monitoramento e apoio com *feedback*, sinais, auxílio nas escolhas de interpretação e vocabulário (durante a sessão); e (iii) avaliação da interpretação executada, *feedback* e projeções para próximas atuações (pós-sessão),

Por fim, algo em comum chama a atenção nas justificativas de Betina, Cláudia, Denise e Ester. Todas elas circunstanciaram sua atuação individual ou em equipe ao contexto de interpretação, ou seja, preferem trabalhar individualmente se for em sala de aula e em equipe se for em eventos.

É fato que esses diferentes contextos exigirão dos TILS uma atuação que se adeque ao público-alvo e ao gênero discursivo inerentes a esses contextos. Há estudos específicos que tratam sobre a atuação de intérpretes educacionais (LEITE, 2004; MIRANDA, 2010; ALBRES; RODRIGUES, 2018) bem como estudos que abordam a atuação de intérpretes de conferência (RODRIGUES, 2010; NOGUEIRA, 2016; NOGUEIRA; GESSER, 2018). Contudo, essa justificativa de atuação em equipe ou individual em um contexto em detrimento do outro não é embasada em estudos e pesquisas sobre atuação de TILS em equipe. Ao contrário, Hoza (2010), ao relatar as situações que demandam a atuação de uma equipe, destaca:

Reuniões e aulas prolongadas<sup>20</sup> (mais de uma hora); Cursos avançados, conferências profissionais, discussões de alto nível e grandes reuniões em grupo; Atribuições que envolvem pessoas surdocegas, pessoas que possuem dificuldades cognitivas ou emocionais e pessoas que podem usar o discurso não-padrão ou com forte sotaque; Grandes conferências, e onde a capacidade de ver e/ou ouvir a interpretação é limitada, onde os intérpretes estão posicionados em um local para atender às necessidades de todos; e Sessões de psicoterapia intensiva ou situações que são de alta complexidade (HOZA, 2010a, p. 1)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Grifo nosso.

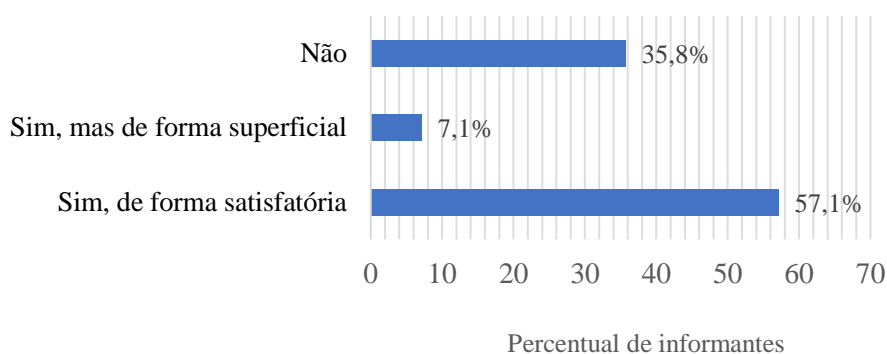
<sup>21</sup> Nossa tradução para: “[...] meetings and classes that are over an hour long; advanced courses, professional conferences, high-level discussions, and large group meetings; assignments that involve Deaf-blind persons, persons who have certain cognitive or emotional challenges, and persons who may use non-standard or heavily accented speech or sign; large conferences where the ability to see and/or hear the interpretation is limited where interpreters are positioned throughout the venue to meet everyone’s needs; and intense psychotherapeutic sessions or situations that are highly charged.”

A partir dessas constatações, é possível identificar até o momento algumas divergências nas concepções e preferências dos TILS acerca da atuação em equipe no processo de interpretação simultânea. Essas divergências podem estar relacionadas à formação dos TILS e é esse aspecto que abordaremos na seção a seguir.

### 3.1.5 Abordagem da temática “Atuação em equipe” na formação acadêmica

Por fim, questionamos aos informantes se houve a abordagem da temática atuação em equipes de TILS durante sua formação acadêmica. As respostas foram tabuladas e listadas no Gráfico 24, a seguir.

**Gráfico 24** – Abordagem da temática “Atuação em equipe” na formação acadêmica



Fonte: elaborado pelo autor.

Do total de informantes, 57,1% declararam ter sido abordada a temática de atuação em equipe durante sua formação acadêmica de forma satisfatória. 7,1% informaram que as discussões foram feitas de forma superficial durante a sua formação e 35,8% informaram não ter tido essa discussão ao longo de sua formação acadêmica. Esses resultados apontam que boa parte dos TILS (42,9%) não tiveram contemplada em suas formações, ou tiveram de forma superficial, as discussões em torno do trabalho em equipe. Isso é um indicativo de que, muitas vezes, os TILS, embora atuem em equipe, não o fazem com base em reflexões teóricas, sendo toda sua atuação em equipe feita de forma intuitiva ou baseada em experiências positivas e negativas que se acumulam com o tempo de exercício da atuação em equipe.

Hoza (2010b) salienta a importância de cursos de formação de TILS discutirem a temática com base nas teorias sobre atuações em equipe e as diversas concepções e configurações de equipes de intérpretes ao longo da história. Neste sentido, o autor salienta a importância de cursos de formação alinharem a teoria à prática.

A abordagem dessa temática em cursos de formação de TILS no Brasil foi um dos aspectos levantados pelos TILS em uma sessão de entrevistas que executamos com alguns participantes, selecionados dentre os informantes do questionário de perfil. A análise e a discussão dessas entrevistas são detalhadas na seção que segue.

### **3.2 Entrevistas – uma análise mais aprofundada sobre as concepções do trabalho em equipe**

Com o objetivo de investigar e descrever mais a fundo o perfil de TILS e suas concepções sobre trabalho de interpretação simultânea em equipe, formulamos seis perguntas dirigidas aos TILS em forma de uma entrevista semiestruturada, conforme destacado em pormenores no Capítulo 2.

Selecionamos, a princípio, dentre os informantes do questionário de perfil, 16 TILS, estabelecendo como critério o tempo de atuação com interpretação em equipe. Enviamos o convite para a participação na entrevista por e-mail e aguardamos o prazo de uma semana para a resposta com aceite ou recusa. Reiteramos o convite mais uma vez e, por fim, aceitaram participar das entrevistas seis informantes, com os perfis de formação e tempo de experiências como TILS e com atuação em equipes descritos no Quadro 1.

Conforme é possível perceber, embora se trate de uma amostra pequena, os informantes desta pesquisa representam a diversidade de formação, tempo e tipo de experiência como TILS e tempo de atuação em equipe.

Quanto à formação, dois dos participantes possuem graduação na área da Tradução e Interpretação de Libras-português, mais especificamente no curso de Letras Libras. Dentre esses dois, Robson tem especialização em Libras e mestrado em Letras/Estudos da Linguagem, e Gustavo tem mestrado em Estudos da Tradução, cursando doutorado em Estudos da Tradução. Um deles possui formação em Pedagogia, curso que, conforme análise do questionário de perfil, representa a área de formação de muitos TILS, (LACERDA; GURGEL, 2011; SILVA; FERNANDES, 2018).

**Quadro 1** - Perfil dos entrevistados

Nome	Área de formação				Tempo de experiência como TILS	Tempo de experiência com atuação em equipe
	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado		
Robson	Bacharel em Letras Libras	Libras	Letras: Estudos da Linguagem	-	6	5
Estéfano	Tecnologia de Alimentos	Libras	-	-	10	4
Douglas	Licenciatura em Química	-	Cursando- Estudos da Tradução	-	5	4
Wesley	Licenciatura em Pedagogia	Cursando Libras/Braile	-	-	7	5
Alan	Fonoaudiologia	-	Linguística Aplicada	Linguística Aplicada	-	10
Gustavo	Bacharel em Letras Libras	-	Estudos da Tradução	Cursando- Estudos da Tradução	15	10

Fonte: elaborado pelo autor.

Um dos informantes, Alan, é formado em fonoaudiologia, área que tem interfaces com a tradução e interpretação de Libras-português no que tange à surdez, neste caso, por seu aspecto patológico, não necessariamente o linguístico. Essa graduação é complementada pelo mestrado e doutorado concluído em Linguística Aplicada. Dois dos participantes possuem graduação em áreas bem distintas da tradução e interpretação de Libras-português. Douglas possui licenciatura em Química e é mestrando em Estudos da Tradução; Estéfano possui graduação em Tecnologia de Alimentos e especialização em Libras. Sendo assim, o que podemos perceber é que todos eles, ainda que não possuam uma graduação na área de Libras ou de Tradução e Interpretação de Libras-português, buscam ampliar essa formação em cursos de pós-graduação em áreas afins em relação à atuação profissional.

Quanto ao tempo de experiência como TILS, o participante Alan é o que tem menos tempo (5 anos), e o participante mais experiente, Gustavo, 15 anos. Referente ao tempo de experiência como TILS em equipe, o participante menos experiente, Estéfano, possui 4 anos de atuação nessa modalidade, e os mais experientes, Alan e Gustavo, dez anos.

O agendamento das entrevistas com os participantes foi feito por e-mail. Nos respectivos dias agendados para a entrevista, os participantes foram orientados sobre os procedimentos da entrevista e sobre o TCLE. Após terem lido o TCLE e consentido com



a participação, responderam oralmente, utilizando a plataforma *Google Meet*, às seis perguntas da entrevista, que visavam investigar suas concepções e experiências sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe. Essas perguntas, listadas a seguir, estão agrupadas em três módulos conforme o Quadro 2. As respostas de cada participante a essas perguntas encontram-se nos respectivos módulos nos Quadros 3, 4 e 5.

**Quadro 2 - Módulos e perguntas da entrevista**

<b>Módulos</b>	<b>Itens da entrevista</b>
(I) Concepções sobre Trabalho em equipe	1. Na sua opinião, o que é um trabalho de interpretação simultânea em equipe?
	2. Para você, quais os principais objetivos do trabalho em equipe em um processo de interpretação simultânea?
	3. Para você, quais devem ser os procedimentos, condições, cuidados e atitudes para que um trabalho de interpretação em equipe se realize de forma mais efetiva e bem-sucedida?
(II) Experiência com Trabalho em equipe	4. Você já teve alguma experiência de interpretação simultânea em equipe em que o trabalho desenvolvido pelos intérpretes contribuiu para um resultado muito bem-sucedido? Relate como foi essa experiência bem-sucedida.
	5. Você já teve alguma experiência de interpretação simultânea em equipe em que o trabalho desenvolvido pelos intérpretes não contribuiu para um bom resultado ou até mesmo prejudicou? Relate como foi essa experiência negativa.
(III) Observações adicionais	6. Você teria alguma outra consideração ou comentário sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe que gostaria de acrescentar?

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 3 - Concepções sobre o trabalho em equipe<sup>22</sup>**

<b>Modulo 1 – CONCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO EM EQUIPE</b>		
<b>[Continua....]</b>		
<b>Itens</b>	<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<b>1. Na sua opinião, o que é um trabalho de interpretação simultânea em equipe?</b>	Robson	É um trabalho que é primeiro social, cognitivo e textual, tem essas três perspectivas. É um trabalho que envolve duas ou mais pessoas, em que a equipe trabalha unida para que, de forma simultânea, consigam produzir um novo texto alvo a partir de um texto fonte.
	Estéfano	Trabalho feito quando está em evento, palestra ou sala de aula e você faz uma interpretação do discurso oral para a língua de sinais ou da língua de sinais para língua oral com a participação de equipes como apoio, revezamento e controle de tempo, que conta com a participação de equipes.
	Douglas	Sobre ser simultânea diz sobre a transposição linguística em um ínfimo intervalo de tempo onde se assimila, processa e transpõe para a outra língua. Em equipe é importante ao menos mais de uma pessoa, onde terá o intérprete do turno e o intérprete de apoio que estará a postos auxiliando o intérprete do turno.
	Wesley	Quando dois ou mais intérpretes se juntam em um momento de trabalho, como profissionais para interpretar um evento ou um curso que seja na área educacional, o qual eles não tiveram acesso antecipado ao material. Tem uma maior margem de erros, por isso a importância do apoio para auxiliar na hora, e como não tem recurso de pesquisa e busca por sinais a equipe é importante.
	Alan	Um trabalho que considera pelo menos dois intérpretes no qual um assume o turno da interpretação e o outro assume o apoio, isso na língua de sinais que é diferente da língua de sinais. A ideia de equipe está na sinergia dessas duas posições e não na separação das atividades. Quanto um que está no turno vai para o apoio ele continua na interpretação.
	Gustavo	Um processo de interpretação cognitivo textual e comunicativos, pois você tem um tempo muito curto de ouvir a informação processá-la e produzir ela em outra língua, também tem uma função comunicativa. Algumas características é que quando ele erra aparece para o público pois ele tem pouco tempo para as escolhas, a equipe acaba sendo um trabalho importante por conta dessas características do trabalho de interpretação simultânea. Um fica no turno e o outro no apoio, e há um revezamento das funções. Pode ser dois ou mais, uma dupla pode ser uma equipe, mas a equipe não necessariamente é uma dupla. O apoio Ele é também um revisor que pode contribuir ali com o intérprete do turno.

<sup>22</sup> Optamos, ao colocar os trechos das respostas dos participantes, por não interferir nas questões gramaticais e nas marcas da língua falada.

**Modulo 1 – CONCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO EM EQUIPE**

[Continua....]

Itens	Entrevistados	Respostas
<p><b>2. Para você, quais os principais objetivos do trabalho em equipe em um processo de interpretação simultânea?</b></p>	Robson	Para mim interpretar em equipe é produzir, em equipe, um texto adequado para o público-alvo e estando em equipe compartilha-se o conhecimento para produzir o melhor texto, que seria melhor do que a individual.
	Estéfano	Tanto resguardar o trabalho laboral quanto o cognitivo e garantir a qualidade da interpretação até o final para não ter grandes perdas.
	Douglas	Um dos motivos é o suporte linguístico seja em qualquer direção da língua. A troca também é importante por causa do cansaço mental e físico, também a questão do espaço físico como auxiliar o TILS com sugestões de apontamento, espaço. Resumindo, serve para o apoio linguístico, pessoal e o ambiental.
	Wesley	Evitar as falhas, pois quanto menos falhas menores. Sabemos que a interpretação não é 100%, mas a equipe vai ajudar a fazer o melhor possível e o surdo vai ser melhor atendido.
	Alan	Fazer uma divisão da tarefa devido a carga cognitiva, essa divisão está para que o colega ofereça certa ajuda e apoio para interpretação, também objetiva fazer um revezamento e na possibilidade de garantir uma maior qualidade para a interpretação.
	Gustavo	A Atividade de interpretação em equipe é complexa e desafiadora, por isso é importante não estar sozinho. Numa modalidade consecutiva é mais fácil revisar, consultar. No caso da simultânea a complexidade da modalidade acrescida do tema ou também do contexto a sua volta que sozinho torna a interpretação mais difícil. Por trabalhar com modalidades diferentes essa equipe não atrapalha. É importante para casos de falta de bagagem cultural, a ajudar a decodificar léxicos que se desconhece. O apoio não é uma muleta é um trampolim para que a interpretação ganhe uma propulsão.

**Modulo 1 – CONCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO EM EQUIPE**  
[Conclusão]

Itens	Entrevistados	Respostas
<p><b>3. Para você, quais devem ser os procedimentos, condições, cuidados e atitudes para que um trabalho de interpretação em equipe se realize de forma mais efetiva e bem-sucedida?</b></p>	Robson	Primeiro as pessoas precisam saber interpretar e em segundo lugar trabalhar em equipe, partindo do princípio: qual o objetivo da equipe, saber quem é o público alvo e as condições de produção do texto fonte. Em questões técnicas, mais concretas, ter um lugar adequado a equipe precisa saber onde interpretar e se posicionar. Não se traduz sozinho o público alvo faz parte desse processo, sendo assim a equipe precisa saber o briefing. Quando possível saber o conteúdo do texto, se der tempo de fazer uma pesquisa paralela para buscar referências. Penso na avaliação como parte importante do processo de trabalho em equipe
	Estéfano	Deve ser bem pré-estabelecido, conhecer o parceiro, saber onde você pode dar o apoio e como para não acabar atrapalhando, cada um ter respeito e responsabilidade por sua parte.
	Douglas	Pelo menos 3 etapas, primeiro um agendamento com quem será a dupla ou o trio, e a partir daí saber com quem vai trabalhar para definir estratégias de como será o trabalho em equipe, exemplo: se for um trio, não faz sentido que os outros dois fiquem como apoio para feedbacks pois o do turno não saberá a quem recorrer. Outro momento a partir dos combinados passa-se ao evento em si e aí os combinados como o “tocar” ou “olhar” para que os feedbacks auxiliarem na interpretação. E o último seria a avaliação da equipe para falar o que deu certo ou errado o que pode ter contribuído ou atrapalhado na interpretação.
	Wesley	A equipe precisa estar em harmonia, um deve estar apoiando o outros, deve ter o conhecimento não só da língua, mas a cultura, saber sobre o que está interpretando, também tem o revezamento, eu estou acostumado de 20 em 20 minutos. Também tem o feedback, não é para o outro intérprete descansar, ele deve estar ajudando como alguma palavra ou com algum sinal da Libras.
	Alan	Tem que ter um acordo entre os profissionais da equipe, se ela for uma equipe grande precisa de um coordenador, pois se eu considerar uma dupla como equipe o funcionamento é um: neste caso deve se considerar como serão acordadas as formas de apoio, as trocas de turno, as formas de recebimento de apoio, a liberdade em aderir ou não a sugestão do apoio. No caso de equipes com mais de dois intérpretes vai depender do gênero, pois em uma <i>live</i> por exemplo é já foi oportuno que os dois intérpretes que estavam em apoio produzissem feedbacks para o intérprete do turno, o mesmo caso não cabe em interpretação de uma conferência, por exemplo. Em suma: acordos prévios, respeito e levar em conta o contexto e gênero de interpretação.
	Gustavo	Primeiramente saber qual o contexto que vai ser interpretado para saber o quantitativo de pessoas que vão compor a equipe. Também escolher quem serão partes da equipe, deixando de lado questões pessoais, pois a equipe deve ser composta por pessoas que tem competência e não necessariamente quem tem afinidade com você na vida. Se as pessoas envolvidas souberem trabalhar em equipe e desenvolver essa competência tem chances de o trabalho dar certo. Preparação: ambiente, iluminação, vestimenta e Estudo: Terminologia, vocabulário. Muitos elementos a se pensar antes da atuação. Para o trabalho em si os TILS precisam afinar como deve acontecer o apoio.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 4 - Experiências com o trabalho em equipe**

<b>Modulo 2 – EXPERIÊNCIAS COM TRABALHO EM EQUIPE</b> [Continua....]		
<b>Itens</b>	<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<p><b>4. Você já teve alguma experiência de interpretação simultânea em equipe em que o trabalho desenvolvido pelos intérpretes contribuiu para um resultado muito bem-sucedido? Relate como foi essa experiência bem-sucedida.</b></p>	Robson	Eu já trabalho em equipe há muitos anos, ou melhor, eu trabalho produzindo interpretação com outras pessoas já há algum tempo, mas nem sempre essas pessoas estão empenhadas em trabalhar em equipe. Já trabalhei em um curso de mestrado em que o trabalho da equipe como um todo contribuiu. O desejo da equipe para que o texto ficasse adequado, a estrutura fornecida pela instituição ajudou, a aluna surda ajudou em algumas construções, mas o principal foi o trabalho em equipe de fato, as trocas e construções.
	Estéfano	Em um evento, eu estava como apoio de uma TILS. O palestrante usou uma palavra mais desconhecida na época, “FAKE NEWS” ele fez uma datilologia rápida e eu pude ajudar a intérprete do turno contribuindo com o apoio do que ele tinha soletrado, caso ela não tivesse esse apoio e não soubesse a palavra todo o sentido da palestra seria perdido.
	Douglas	Sim, foi importante e construtiva uma interpretação que fiz pela estratégia que desenvolvemos antes, como: se eu precisar eu vou te tocar ou eu vou olhar e já aconteceu de ser um trabalho importante e eu como TILS do turno não acatar os feedbacks do apoio.
	Wesley	Sim, tive várias aulas e palestras que demoraram mais de duas horas que se fosse para eu interpretar sozinho eu teria cometido várias falhas e o surdo teria ficado prejudicado. Agora no isolamento estamos fazendo revezamento nas reuniões e se não fosse esse revezamento tudo seria pior, pois agora o nosso trabalho fica gravado, o que não comumente.
	Alan	Sim, tive muitas experiências. No congresso da [...] naquela experiência, nenhum de nós sabia o que era atuar em cabine. Tínhamos um bom coordenador. No entanto, tínhamos poucas normas e tivemos que ir construindo durante a atividade de apoio, os feedbacks foram muito positivos. Outra experiência foi da Live artística, que foi nova para mim, a equipe tinha um “espírito de equipe” muito bom. Como foi em estúdio apesar de não termos um público a equipe fazia esse papel com cada escolha correta, boas interpretação e o mesmo acontecia quando era necessário dar apoio com sugestões, foi muito bom, foram 10 horas de trabalho que todos estavam juntos em prol de um trabalho.
	Gustavo	A interpretação se qualifica se os dois de fato trabalharem em equipe. Lembro de uma palestra que fomos chamados em cima da hora e ao falar como palestrante ele nos disse que faria o uso de uma metáfora e nos deu uma prévia que em uma tradução literal seria assim “EU E A RAINHA DA INGLATERRA QUANDO VAMOS AO BANHEIRO FAZEMOS COCO” ai fiquei pensando junto com a equipe como falar isso em um congresso em um evento de uma forma mais significativa de transmitir aquilo que foi dito em Libras para o português usando palavras adequadas ao tipo de evento. Aí uma amiga veio e deu a sugestão: “Eu e a Rainha da Inglaterra quando vamos ao banheiro sentamos no mesmo trono”. Aí pensamos: é isso! então quem tiver no turno vai falar isso. É o porquê da escolha? Pois falar “cocô” em Língua de sinais não é ofensivo não soa estranho o sinal é bem descritivo e transmite a mensagem, já em português além de soar estranho

**Modulo 2 – EXPERIÊNCIAS COM TRABALHO EM EQUIPE**  
[Conclusão]

Itens	Entrevistados	Respostas
<p><b>5. Você já teve alguma experiência de interpretação simultânea em equipe em que o trabalho desenvolvido pelos intérpretes não contribuiu para um bom resultado ou até mesmo prejudicou? Relate como foi essa experiência negativa.</b></p>	Robson	<p>Eu tive uma experiência com uma colega de trabalho que não conseguia trabalhar em equipe, ela não era aberta para trabalhar em equipe, ela trabalhava junto, mas tinha sempre problemas com o colega que estava ali, ela muitas vezes negava o apoio fornecido pelo apoio. Por exemplo, às vezes ela perdia uma palavra falada pelo professor, ela preferia parar a interpretação e perguntar ao docente do que pegar o sinal com o intérprete. E acho que um dos maiores problemas era que ela não gostava de participar do momento de avaliação da interpretação, que para mim faz parte do processo de interpretação e talvez um dos momentos mais importantes para melhoria do trabalho. Não recebia bem críticas de sugestões de melhora fornecida pela equipe toda. Tirado esse caso específico, a equipe com que eu trabalho hoje eu acho que não funciona como equipe, as vezes acho que são apenas 4 intérpretes trabalhando, as vezes em dupla às vezes mais, mas muitas vezes trabalhando de forma a produzir sua interpretação individualmente</p>
	Estéfano	<p>Estava como intérprete principal em um evento e precisei do meu apoio, mas não tive pois o intérprete estava no celular, como não peguei o sentido da sentença tive que esperar o palestrante concluir para iniciar a tradução a partir de uma nova sentença.</p>
	Douglas	<p>O resultado final não foi ruim, pois eu consegui filtrar muita coisa, aconteceu que com uma intérprete, por mais que nós tivéssemos combinados anteriormente, ela falava o tempo todo jogando palavras a ponto de me atrapalhar, chegou a um momento que eu tive que atrapalhar, Vejo que isso ocorreu pois a TILS ansiava mostrar que estava fazendo o papel de apoio.</p>
	Wesley	<p>Sim, em uma palestra que eu estava sozinho era uma palestra grande, uma das pessoas que estava assistindo a palestra se identificou como TILS e se voluntariou para trabalhar comigo, no entanto foi a pior coisa que eu fiz pois ela cometeu muitos erros de interpretação e eu não sabia se prestava atenção no conteúdo da palestra ou se tentava corrigir os muitos erros dela, o erro dela me levou a errar também e recebemos muitas críticas, a falta de preparo da TILS contribuiu para que esse trabalho em equipe não fosse bem sucedido.</p>
	Alan	<p>Sim, eu atuei num evento em que uma equipe maior estava sob uma coordenação que estipulou algumas regras como o revezamento em cerca de 20min. E um dos intérpretes ao assumir o turno ainda que solicitado pela colega que seria a próxima do turno, não quis sair do turno pois disse que para ele estava bom, que ele dava conta de continuar. Ao perceber a permanência do intérprete sem o revezamento, o coordenador veio questionar a equipe que informou que o próprio intérprete optou por não revezar, o coordenador ordenou que ele saísse, pois isso era um acordo prévio para o funcionamento da equipe e prezar a qualidade da interpretação.</p>
	Gustavo	<p>Eu tive muitas experiências ruins. Em um semestre eu trabalhei junto com um colega que era bem difícil, nós tínhamos concepções diferentes de trabalho em equipe, eu entendia o trabalho em equipe como um processo em conjunto e para ele o trabalho em equipe era descanso. Então ele colocava o celular para despertar em 20 minutos para trocar comigo, e como o espaço era pequeno, ficamos meio que um do lado do outro para ficar de frente para o aluno. Dava os 20 minutos o celular despertava e ele trocava de posto comigo, no descanso ele literalmente desligava, abaixava a cabeça e até mesmo dormia. Isso é muito ruim, pois você está sozinho, E o interessante é que quando ele se perdia na interpretação ele olhava para mim e eu dava o apoio, mas no meu turno eu ficava sozinho. Essa dinâmica era diferente com outros colegas, pois padronizamos sinais e com ele não tinha diálogo e a interpretação não tinha uma interpretação. Foi só mais tarde que eu descobri que a concepção dele de trabalho em equipe era para descansar, diferente da minha.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 5 - Observações adicionais**

**Modulo 3 – OBSERVAÇÕES ADICIONAIS**

Itens	Entrevistados	Respostas
<p align="center"><b>6. Você teria alguma outra consideração ou comentário sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe que gostaria de acrescentar?</b></p>	Robson	Eu não sei se ainda entendemos o que é trabalhar em equipe, acho que estudamos pouco sobre isso, acho que demanda um desprendimento muito grande, e eu me coloco nisso, é necessário aceitar críticas e sugestões. Eu vejo que há falhas na formação dos intérpretes, pelo menos na minha formação, no meu curso de graduação não houve a abordagem e aprofundamento dessa temática. Vejo também a importância da avaliação como parte importante do processo de trabalho em equipe, onde você vai se autoavaliar e os outros membros da equipe também vão avaliar o seu trabalho.
	Estéfano	Sem observações adicionais
	Douglas	Sem observações adicionais.
	Wesley	Os intérpretes precisam aprender a trabalhar em equipe e ter estratégias e estudos para isso, pois sozinho ninguém consegue traduzir um evento.
	Alan	Interpretação em equipe é extremamente importante e precisa estar alçada em cursos de formação seja ele se for livre, especialização ou graduação o tema trabalho em equipe precisa ser trabalhado, pois muitos dos TILS ainda não sabem como trabalhar em equipe, deixando de lado a competição e trabalhar com sinergia com espírito de trabalho e equipe.
	Gustavo	Sem observações adicionais.

Fonte: elaborado pelo autor.



### 3.2.1 *Concepções sobre o Trabalho em Equipe*

Com as perguntas 1, 2 e 3, buscamos investigar quais as concepções intuitivas e/ou teóricas os TILS entrevistados têm sobre o trabalho em equipe. O objetivo foi investigar se, por meio de suas falas, há reflexões de cunho mais teórico e/ou prático. Inúmeras análises podem ser feitas a partir das respostas fornecidas na entrevista. Por esse motivo, não é possível nem é nosso objetivo esgotar todas as possibilidades neste estudo.

Neste sentido, encontramos nas falas explícitas de todos os entrevistados o entendimento de que uma equipe pode ser formada por dois ou mais TILS (HOZA, 2010a; HOZA, 2010b; NOGUEIRA, 2016; NOGUEIRA; GESSER, 2018). Esse conceito fica evidente ao citarem em suas respostas expressões ou palavras-chave como “duas ou mais pessoas”; “dois ou mais intérpretes”; “pelo menos dois intérpretes”. Esse aspecto é importante, pois parece indicar que os TILS entendem que o trabalho em equipe é mais do que uma atuação em dupla, embora seja esse, geralmente, o quantitativo de membros de uma equipe. Partindo de um princípio de interdependência (HOZA, 2010a), salientamos ainda que mesmo ocorrendo em duplas o trabalho em equipe leva esse nome pelo seu princípio teórico e ter uma consciência de que ele pode ocorrer com mais de duas pessoas pode indicar uma evidência desse entendimento, em consonância com a definição de Nogueira (2016, p. 81): “modalidade de interpretação simultânea requer dos intérpretes a atuação de, no mínimo, duplas, formando assim uma equipe”.

Podemos perceber uma possível proximidade de Robson, Alan e Gustavo com as discussões teóricas sobre a atuação em equipe tanto por questões de nomenclatura, ao citarem termos como “intérprete do turno e interprete apoio”, como também quando analisamos as definições deles sobre atuação em equipe, as quais estão relacionadas a um trabalho colaborativo, como nas falas a seguir:

“[...] duas ou mais pessoas, em que a equipe trabalha unida para que, de forma simultânea, consigam produzir um novo texto alvo.” (Robson)

“A ideia de equipe está na sinergia dessas duas posições e não na separação das atividades.” (Alan)

“[...] uma dupla pode ser uma equipe, mas a equipe não necessariamente é uma dupla.” (Gustavo)

Além disso, essas falas evidenciam uma concepção de trabalho em equipe mais interdependente e colaborativa, conforme o terceiro modelo de Hoza (2010a).

Nessa perspectiva, podemos perceber na fala de Estéfano, ao responder à pergunta 1, a predominância de termos ligados ao modelo *on/off*: “revezamento e controle de tempo”. Nas falas de Douglas e Wesley, é possível constatar uma possível compreensão de trabalho em equipe associada ao modelo de monitoramento/ apoio quando eles utilizam termos como

“[...] o intérprete de apoio que estará a postos auxiliando o intérprete do turno.”  
(Douglas)

“[...] por isso, a importância do apoio para auxiliar na hora, e como não tem recurso de pesquisa e busca por sinais a equipe é importante.” (Wesley)

No modelo de monitoramento/ apoio proposto por Hoza (2010a), a função do intérprete de apoio é justamente o que as falas desses participantes destacam, ou seja, estar a postos e fornecer *feedback*.

Ao informar sobre os objetivos dos trabalhos de interpretação em equipe em resposta à pergunta 2 da entrevista, alguns participantes relacionam a atuação em equipe a uma melhor qualidade do processo e do produto de uma interpretação simultânea. Isso fica evidente em falas como:

“[...] é produzir, em equipe, um texto adequado para o público-alvo e estando em equipe compartilha-se o conhecimento para produzir o melhor texto.”  
(Robson)

“[...] garantir a qualidade da interpretação até o final para não ter grandes perdas.” (Estéfano)

“[...] equipe vai ajudar a fazer o melhor possível.” (Wesley)

Porém, é preciso analisar o que é esse apoio para a qualidade da interpretação que os participantes citam em suas respostas. Quando esse suporte deve ser dado? Somente durante o processo de interpretação simultânea? Como deve ser configurado um trabalho em equipe para a obtenção de um resultado bem-sucedido ao final de uma interpretação? Quais os procedimentos a serem seguidos? Para investigarmos essas percepções dos entrevistados, nós estruturamos a terceira pergunta deste módulo: “Para você, quais devem ser os procedimentos, condições, cuidados e atitudes para que um trabalho de interpretação em equipe se realize de forma mais efetiva e bem-sucedida?”

Ao analisarmos as respostas à pergunta 3, começamos a perceber várias colocações que alocam o conceito dos entrevistados sobre a atuação em equipe em estudos sobre tradução e interpretação. Robson, por exemplo, parece fazer menção à CT

(HURTADO ALBIR, 2005; PACTE, 2003) quanto destaca que, dentre os procedimentos e condições para se trabalhar em equipe, “[p]rimeiro as pessoas precisam saber como interpretar e, em segundo lugar, trabalhar em equipe”. Isso está relacionado à subcompetência sobre conhecimentos em tradução, que segundo PACTE (2003) envolve o entendimento sobre funções de tradução, tipos de unidades de tradução, os processos necessários, métodos e procedimentos utilizados bem como conhecimento relacionado à prática profissional envolve os conhecimentos sobre a profissão de tradutor e intérprete enquanto a prática. A fala de Robson relaciona-se ainda com a subcompetência estratégica, que, dentro outras funções, atua na solução de problemas de tradução. É um conhecimento procedimental que garante a eficiência do processo tradutório, neste caso, tanto sobre a interpretação simultânea quanto sobre a atuação em equipe. Nesse sentido, parecem convergir com a fala de Robson as seguintes colocações de outros entrevistados sobre a CT (PACTE, 2003).

“[...] saber onde você pode dar o apoio.” (Estéfano)

“[...] saber com quem vai trabalhar para definir estratégias de como será o trabalho em equipe.” (Douglas)

“[...] deve ter o conhecimento não só da língua, mas a cultura, saber sobre o que está interpretando.” (Wesley)

“[...] acordos prévios, respeito e levar em conta o contexto e gênero de interpretação.” (Alan)

“[...] saber qual o contexto que vai ser interpretado para saber o quantitativo de pessoas que vão compor a equipe. [...] a equipe deve ser composta por pessoas que têm competência e não necessariamente quem tem afinidade com você na vida.” (Gustavo)

Ao falar sobre o modelo interdependente e colaborativo, Hoza (2010a) salienta que a interpretação em equipe é um processo de trabalho conjunto que pode ocorrer durante a pré-sessão, a interpretação e a pós-sessão. Partindo dessa perspectiva, pudemos perceber, com a análise das respostas ao terceiro questionamento da entrevista, que alguns dos entrevistados estão conscientes de que uma atuação em equipe não se resume ao momento da interpretação e que esse processo pode abranger desde o agendamento da equipe, a preparação, o contexto, acordos prévios, o posicionamento até a avaliação, dentre outros aspectos:

“[...] qual o objetivo da equipe, saber quem é o público-alvo e as condições de produção do texto fonte [...] ter um lugar adequado a equipe precisa saber onde interpretar e se posicionar [...] penso na avaliação como parte importante do processo de trabalho em equipe.” (Robson)

“Deve ser bem pré-estabelecido, conhecer o parceiro.” (Estéfano)

“Pelo menos 3 etapas, primeiro um agendamento com quem será a dupla ou o trio [...] definir estratégias de como será o trabalho em equipe[...] Outro momento a partir dos combinados passa-se ao evento em si [...] E o último seria a avaliação da equipe para falar o que deu certo ou errado.” (Douglas)

“Tem que ter um acordo entre os profissionais da equipe [...] Em suma: acordos prévios, respeito e levar em conta o contexto e gênero de interpretação.” (Alan)

“Primeiramente saber qual o contexto que vai ser interpretado para saber o quantitativo de pessoas que vão compor a equipe [...] Preparação: ambiente, iluminação, vestimenta e Estudo: Terminologia, vocabulário. Muitos elementos a se pensar antes da atuação.” (Gustavo)

Essas declarações evidenciam que esses TILS reconhecem a importância de uma pré-sessão para organização da equipe no que diz respeito à escolha dos membros, às formas de apoio, ao *briefing* da temática do evento, à padronização de sinais, dentre outros fatores de ordem técnica, como posicionamento do TILS do turno e iluminação adequada. Somente após esses pré-ajustes, é que se dá início à sessão de interpretação simultânea, com o desenvolvimento do apoio acordado, monitoramento da interpretação, revezamento de turnos e, por fim, o último passo, a avaliação, que deve ser feita na pós-sessão com a troca de *feedback* e as mudanças que podem ser feitas em possíveis atuações futuras (HOZA, 2010a; NOGUEIRA, 2016).

O entrevistado Wesley traz em sua resposta elementos que reduzem a atuação dos TILS ao revezamento de 20 em 20 minutos para descanso, o *feedback* e o monitoramento. Todas essas características se enquadram no segundo modelo de atuação em equipes, estabelecido por Hoza como o de monitoramento/ apoio.

Até aqui, conseguimos analisar o que os TILS entendem por interpretação simultânea em equipe e como esse trabalho deve ser configurado. No entanto, a prática pode indicar muito sobre nossas concepções. Nessa perspectiva, estruturamos um módulo de perguntas para investigar as experiências práticas com o trabalho de interpretação simultânea. A análise é feita na seção a seguir.

### **3.2.2 Experiência com Atuação em Equipe**

Nesta seção, faremos análises baseadas nas experiências positivas e negativas que os TILS entrevistados relataram<sup>23</sup>, listadas no Quadro 4. O objetivo desse módulo,

---

<sup>23</sup> As experiências não foram colocadas na íntegra e alguns pontos que pudessem gerar a identificação dos participantes (nome de instituições e eventos) foram omitidos.

envolvendo as perguntas 4 e 5, foi conseguir inferir, por meio dos relatos de experiências, questões como: a) O que pode ser uma problemática em um trabalho de interpretação em equipe para os TILS?; b) O que eles entendem como uma experiência bem sucedida?; d) Quais os principais elementos que esta ou aquela experiência [positiva ou negativa] têm?; e) De que forma essas experiências convergem com os resultados e considerações de estudos sobre interpretação simultânea em equipe, como os de Hoza (2010a), Brück (2011) e Nogueira (2016)?

É possível perceber algo em comum nos relatos de experiências positivas e bem-sucedidas pelos entrevistados Robson, Estéfano, Douglas e Wesley. Todas estão relacionadas às trocas de conhecimento técnico e teórico como um destaque para o sucesso de uma equipe. Na experiência de Robson, podemos perceber que até mesmo a estrutura institucional contribuiu para uma boa atuação da equipe. No caso do Estéfano, fica evidente um clássico exemplo de monitoria da interpretação, pois ele não conseguiria dar o apoio com a palavra perdida pela intérprete do turno se ele não estivesse atento à atuação de sua companheira de equipe. Douglas, por sua vez, relata que uma boa pré-sessão com afinamento da equipe fez com que a equipe executasse um bom trabalho. Wesley ressalta que as falhas seriam muito maiores em aulas e palestras que durassem cerca de duas horas se ele estive sozinho. Assim, observamos, mais uma vez, o destaque para o monitoramento. Vale ressaltar que Hoza (2010b) considera que o trabalho de monitoramento/apoio é o que predomina nas atuações de equipes de intérpretes, mas que há uma tendência a progredir, ou ao menos espera-se que progrida para uma atuação interdependente e colaborativa.

Neste sentido, gostaríamos de destacar as experiências positivas de Alan e Gustavo. Um dos exemplos citados por Alan foi uma *Live* em que foi possível constatar, por suas descrições, os aspectos de uma equipe que trabalha de forma interdependente e colaborativa (HOZA, 2010a).

“[...] a equipe tinha um ‘espírito de equipe’ muito bom [...] os TILS do apoio vibravam com cada escolha correta do TILS e com as boas interpretações ao mesmo tempo; estavam ali quando era necessário dar apoio com sugestões; foi muito bom. Foram 10 horas de trabalho que todos estavam juntos em prol de um trabalho.” (Alan)

Esse “espírito de equipe”, descrito em detalhes por Alan, não diz respeito à proximidade pessoal que os TILS devem ter para trabalhar em equipe, mas trata-se, sobretudo, de um objetivo comum da equipe na execução de um trabalho. Um trabalho

interdependente, além de bem-sucedido, contribui para um resultado que atenda as expectativas do público-alvo.

Essas constatações são mais confirmadas com a experiência relatada por Gustavo. Nessa experiência, Gustavo e sua equipe se deparam com um dos maiores desafios de um TILS que atua em uma interpretação simultânea, as figuras de linguagem, nesse caso a metáfora, conforme o Quadro 04. Tão grande é o desafio que existem pesquisadores que se dedicam exclusivamente ao estudo das suas traduções e/ou interpretações (FARIA, 2003; OLIVEIRA, 2011; COSTA, 2015).

Nesse caso, em especial, o palestrante (sinalizante) apresentou um *briefing* na língua-fonte de uma metáfora que ele usaria na palestra. Qual foi, nesse caso, o desafio da equipe? Fazer a interpretação de forma a traduzir a essência ou a intenção para uma língua-alvo daquilo que é/ foi expresso na língua-fonte e no seu contexto cultural (ECO, 2007), produzindo um efeito adequado em termos pragmáticos. Ou seja, o desafio era fazer uma tradução para o português, com um vocabulário adequado à envergadura do evento e ao público-alvo, de uma frase sinalizada pelo palestrante que no seu sentido literal dizia: “Eu e a rainha da Inglaterra quando vamos ao banheiro fazemos cocô”. Gustavo salienta que foi o pensar em equipe que fez emergir a melhor possibilidade de tradução da expressão. Embora a solução tenha sido fornecida por um membro, a equipe concordou que o intérprete que estivesse no turno naquele momento vocalizaria a sinalização feita pelo palestrante da forma combinada pela equipe na pré-sessão. Sendo assim, a tradução “Eu e a Rainha da Inglaterra quando vamos ao banheiro sentamos no mesmo trono” é resultado do trabalho de uma equipe que atuou de forma colaborativa e interdependente.

Tanto a experiência de Alan como a experiência de Gustavo reafirmam as assertivas de Hoza (2010a) ao listar quatro objetivos principais para uma atuação em equipe:

- (1) aliviar o outro pelo revezamento na produção do texto na língua alvo; (2) apoiar um ao outro por meio do monitoramento da produção; (3) atuar de forma interdependente durante o trabalho de interpretação; e (4) funcionar como uma única unidade, colaborando e realizando as mesmas decisões que são feitas por um intérprete que está trabalhando sozinho. (HOZA, 2010a, p. 2).

Essas duas experiências mostram que uma atuação em equipe é mais do que um revezamento e trocas de turno, mais do que apoio com *feedback*; trata-se de uma unidade de colaboradores em prol de uma interpretação simultânea bem-sucedida.

Na pergunta 4, coletamos relatos de experiências mal sucedidas com atuação em equipe. Pudemos constatar que os problemas relatados não resultaram, necessariamente, dos intérpretes saberem ou não trabalhar em equipe, mas, sim, da concepção de trabalho em equipe de cada um dos TILS, observadas a partir das experiências relatadas sobre esse tipo de atuação.

As experiências de Estéfano e de Gustavo são exemplos disso, pois atitudes de um TILS na posição de apoio, como ficar no celular, dormir, sair do espaço onde está sendo realizada a interpretação, demonstram que esse TILS concebe o trabalho em equipe única e simplesmente para o descanso e o revezamento, ou seja, se encaixam no primeiro modelo de atuação em equipe estabelecido por Hoza, o *on/off*. Assim como afirmado pelo próprio entrevistado, não se trata de não saber trabalhar em equipe; antes, trata-se de concepções distintas. No entanto, segundo Hoza (2010a), o modelo *on/off* é ineficaz para uma interpretação que vise resultados satisfatórios.

Os relatos de Robson, Douglas e Wesley são evidências dos resultados de uma equipe que naquele momento não estava afinada e que trabalhava de forma individualizada. Além do mais, essas experiências negativas reforçam os aspectos que já citamos sobre a importância da aquisição de subcompetências tradutórias, em especial a subcompetência estratégica, que envolve escolher o método mais adequado em um processo tradutório, avaliar o processo e os resultados de acordo com os objetivos pré-estabelecidos (PACTE, 2003).

Por fim, perguntamos aos entrevistados se eles gostariam de fornecer alguma informação adicional sobre a temática da interpretação simultânea em equipe para que de fato a entrevista cumprisse com o objetivo de coletar do informante o que ele “sabe, crê ou espera, sente ou deseja” (SELLTIZ, 1967, p. 273) e que talvez não tenha sido contemplado nas demais perguntas. As respostas descritas no último módulo mostram as angústias e as observações de três dos entrevistados (Robson, Wesley e Alan). Basicamente, elas apontam a necessidade de uma formação para a atuação em equipe. Robson que cursou Letras Libras relata:

“Eu não sei se ainda entendemos o que é trabalhar em equipe. Acho que estudamos pouco sobre isso. Acho que demanda um desprendimento muito grande, e eu me coloco nisso; é necessário aceitar críticas e sugestões. Eu vejo que há falhas na formação dos intérpretes, pelo menos na minha formação; no meu curso de graduação não houve a abordagem e aprofundamento dessa temática.” (Robson)

Alan acrescenta:

“Interpretação em equipe é extremamente importante e precisa estar alçada em cursos de formação seja ele se for livre, especialização ou graduação. O tema trabalho em equipe precisa ser trabalhado, pois muitos dos TILS ainda não sabem como trabalhar em equipe, deixando de lado a competição e trabalhar com sinergia com espírito de trabalho e equipe.” (Alan)

Neste sentido, após a análise dos dados de perfil coletados pelo questionário e após a análise em pormenores das entrevistas, podemos afirmar que urge à amplificação da temática interpretação simultânea em equipe nos cursos de formação de TILS.

Pelos relatos de muitos dos entrevistados, é possível perceber que as atuações em equipe, por vezes, ocorrem de forma intuitiva sem reflexões ou embasamentos teóricos que apontem e direcionem para um formato funcional e efetivo de atuações em equipe.

Uma vez analisadas as concepções de forma detalhada, é possível afirmar que Douglas, Wesley e Estéfano têm uma percepção de trabalho em equipe que se enquadra no modelo de monitoramento/ apoio, é evidente em suas respostas às perguntas e nos relatos de experiência a recorrência predominante de temas que remetem ao apoio como *feedback* durante a interpretação, o auxílio linguístico, o revezamento etc.

Já Robson, Alan e Gustavo, embora tenham apresentado também justificativas e relatos que parecem evidenciar um modelo de monitoramento/ apoio, não limitam o trabalho em equipe a isso. Em especial, ao analisar as respostas à pergunta 1, é possível ver uma visão mais ampla sobre a atuação em equipe, ao citarem expressões como: “É um trabalho que envolve duas ou mais pessoas em que a equipe trabalha unida”; “Quando um que está no turno vai para o apoio ele continua na interpretação”; “Uma dupla pode ser uma equipe, mas a equipe não necessariamente é uma dupla”. Essas expressões evidenciam características de um trabalho em equipe colaborativo e interdependente, tais aspectos são constatados também em seus relatos de experiências positivas com a atuação em equipe.

Neste sentido, no Quadro 6 fizemos um enquadramento dos entrevistados nos modelos de interpretação em equipe propostos por Hoza (2010a), além disso, levantamos os dados de formação, tempo de experiência como TILS e tempo de experiência com trabalho em equipe e analisamos possíveis relações entre esses dados.



**Quadro 6** - Enquadramento aos modelos de interpretação em equipe de Hoza (2010a)

Modelos de Interpretação em equipe (Hoza, 2010)	Entrevistado	Formação	Tempo de experiência como TILS	Tempo de experiência com o trabalho em equipe
Monitoramento/apoio	Douglas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graduado em Química (Licenciatura)</li> <li>• Cursando mestrado em Estudos da Tradução</li> </ul>	5	4
	Wesley	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graduado em Pedagogia (Licenciatura)</li> <li>• Cursando especialização em Libras/Braille</li> </ul>	7	5
	Estéfano	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graduado em Tecnologia de Alimentos (Tecnólogo)</li> <li>• Especialista em Libras</li> </ul>	10	4
Interdependente/colaborativa	Robson	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graduado em Letras-Libras (Bacharel)</li> <li>• Especialista em Libras</li> <li>• Mestre em Estudos da Linguagem</li> </ul>	6	5
	Alan	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graduado em Fonoaudiologia (Bacharel)</li> <li>• Mestre em Linguística Aplicada</li> <li>• Doutor em Linguística Aplicada</li> </ul>	15	10
	Gustavo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graduado em Letras-Libras (Bacharel)</li> <li>• Mestre em Estudos da Tradução</li> <li>• Cursando Doutorado em Estudos da Tradução</li> </ul>	15	10

Fonte: elaborado pelo autor.

Percebemos que Douglas, Wesley e Estéfano são graduados em áreas diferentes à área de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, um deles (Estéfano) possui uma formação no nível de pós-graduação concluída, nesse caso a especialização em Libras. Os três são os que possuem o menor tempo de experiência com atuação em equipe. Esses dados de formação e experiência podem justificar o fato de tais entrevistados se enquadrarem no modelo de monitoramento e apoio.

Robson, Alan e Gustavo são os entrevistados com maior tempo de experiência com trabalho em equipe, os três possuem uma formação a nível de mestrado em áreas relacionadas à Letras. Em uma busca curricular desses participantes na plataforma Lattes do CNPq constatamos que todos eles são pesquisadores da área de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais.

Diante destas constatações feitas com uma amostra de informantes do questionário de perfil, é possível perceber uma relação entre o tempo de experiência com a atuação em equipes e a formação (nível e áreas) com as concepções sobre tal atuação. Os dados apontam para a tendência de uma maior reflexão teórica por parte dos TILS com maior nível de formação acadêmica e maior tempo de experiência com o trabalho em equipe.

Os dados parecem evidenciar também uma possível relação da formação e do tempo de experiência com os termos conceituais sobre trabalho em equipe, o que nos possibilitou fazer um enquadramento dos entrevistados nos modelos de Hoza (2010a).

Assim, percebemos que TILS com maior nível de formação na área de Tradução e Interpretação e maior tempo de experiência com trabalho em equipe tendem a ter uma visão mais ampla sobre esse tipo de atuação, já os TILS com menor tempo de experiência e com menor nível de formação e/ ou com formação em áreas diferentes à Tradução e Interpretação tem também uma boa conceituação sobre a atuação em equipes, porém não tão ampla, entendendo a importância do apoio no processo de atuação em equipes, mas não visualizando as potencialidades de um trabalho interdependente e colaborativo.

Os TILS por diversas vezes apontam em suas justificativas a preferência pela atuação em equipe para a qualidade do trabalho, o menor esforço cognitivo. Entretanto, como podem esses ser comprovados para além dos relatos e práticas?

É nessa perspectiva que este estudo propõe um desenho experimental que permita, por meio de rastreamento ocular, medir o esforço cognitivo despendido em tarefas de interpretação em equipe e individual. A proposição desse desenho visa contribuir com os estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, focalizando o trabalho em equipe. Essa proposta de desenho experimental visa possibilitar a coleta dados quantitativos que, pelas nossas hipóteses, apontem os benefícios de uma atuação em equipe e que possam subsidiar futuras pesquisas sobre a temática e, conseqüentemente, contribuir com fundamentos aplicáveis à formação dos TILS e, também, à sua atuação profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs primeiramente a mapear o perfil de tradutores e intérpretes de línguas de sinais (TILS) no contexto brasileiro, com o objetivos específicos de compreender suas concepções sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe, averiguar suas práticas e preferências quanto a esse tipo de atuação e, a partir daí, relacioná-las aos aspectos ligados à formação, tempo de experiência como TILS e tempo de experiência com atuação em equipe. Além disso, este estudo visou construir uma proposta de desenho experimental que possa investigar em trabalhos futuros algumas dessas questões a partir de uma abordagem processual. Como ressaltado, não pretendemos aqui esgotar as possibilidades de análises, no entanto, com os dados coletados e analisados, foi possível chegar a algumas conclusões sobre o tema.

Ao analisarmos o perfil de TILS, notamos que a amostra dessa pesquisa concentra um grupo bem específico desses profissionais, que pode ser caracterizado como estando em um momento de transição, tanto nos aspectos relacionados à formação quanto à atuação. Nesse sentido, podemos constatar pelo menos três tipos de perfis marcantes dentre os informantes desta pesquisa.

O primeiro perfil inclui intérpretes de Libras graduados em diversas áreas, diferentes das relacionadas à Letras e/ou Libras, que dominam a língua em média há 15 anos e que a aprenderam em contextos informais e comunitários. Esses, em sua maioria, buscaram uma certificação para sua atuação por meio do Prolibras (2006-2015) e ampliaram sua formação na área recorrendo a uma especialização em Libras. Esses são TILS que já atuavam profissionalmente ou informalmente antes da formação acadêmica.

O segundo perfil marcante é composto por TILS formados em áreas do conhecimento relacionadas à Letras e/ou Libras, que dominam a língua em média há 15 anos e que a aprenderam em contextos informais e comunitários. Diferentemente das características do primeiro perfil, esses TILS buscaram uma segunda graduação quase que em sua totalidade na área de Letras Libras. Muitos desses também buscaram uma complementação na formação fazendo uma especialização na área de Tradução e Interpretação de Libras.

Por fim, constatamos um perfil de TILS graduados na área de Letras Libras (como primeira graduação), que aprenderam Libras em contextos mais formais, como faculdade e cursos livres, que dominam essa língua há em média 8 anos e que tinham pouco ou

nenhum tempo de atuação anterior à sua formação como TILS. Embora não seja uma exclusividade, é nesse grupo que se concentra a maioria de TILS que buscam uma formação no nível de pós-graduação *stricto sensu*, além da especialização.

Sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipes e as diversas análises comparativas que fizemos em relação à atuação individual, verificamos alguns indícios de possíveis correlações entre três pontos altos dessa pesquisa: (i) a preferência por tipo de atuação (individual ou em equipe) (ii); a atuação em si; (iii) a formação acadêmica e/ou o conhecimento teórico.

Em nossa hipótese inicial, acreditávamos que TILS com maior nível de proficiência em Libras e que tinham mais tempo de experiência com o trabalho em equipe seriam os que tenderiam a manifestar preferência pela interpretação em equipe, em vez do trabalho individual. No entanto, com o levantamento e a análise dos dados, percebemos que o nível de proficiência e o tempo de experiência com o trabalho em equipe não estão necessariamente relacionados a essa preferência. A maioria dos nossos informantes expressaram sua preferência pela atuação em equipe, independentemente de seu perfil linguístico, de atuação ou de formação.

Porém, ao analisarmos mais profundamente os dados, entendemos que a discussão sobre a atuação em equipes, ou seja, sua atividade interpretativa cotidiana não estava relacionada à sua preferência, pois somente 31,4% dos informantes afirmaram atuar sempre em equipes. Nesse escopo, podemos destacar duas principais razões para a preferência por um dos tipos de atuação (individual ou em equipe) não estar relacionadas à atuação em si.

A primeira delas tem relação com as questões dos limites do contrato de trabalho ou dos critérios levados em consideração na seleção de um TILS. Isso pode ser evidenciado nos dados que apontam que 15,7% dos nossos informantes são intérpretes que atuam sozinhos nas instituições em que trabalham. Foi possível averiguar que, dentre esses intérpretes, 81% são servidores de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia espalhados pelo Brasil. Em contrapartida, percebemos que os TILS que afirmaram atuar sempre em equipe (76%) trabalham majoritariamente em Universidades Federais.

Assim, percebemos que o desconhecimento das instituições contratantes em relação aos benefícios e imperativos da atuação em equipes, tanto na qualidade do

trabalho como na saúde do profissional, faz com que muitas delas optem por contratar apenas um TILS (POWELL, 2013). Nesse sentido, constatamos a importância da ampliação de estudos como este e os de Nogueira (2016) e Nogueira e Gesser (2018) para que a atuação em equipe possa ser entendida como uma condição básica em atuações com mais de uma hora ininterrupta de duração, por exemplo.

Deste modo, para contribuir com a ampliação de pesquisas sobre a interpretação simultânea em equipe, a partir de uma perspectiva complementar e necessária como a dos estudos processuais da tradução e interpretação, propomos o desenho experimental base deste estudo. Nele, construímos um infográfico mais próximo possível das condições reais de interpretação simultânea em equipe para que, utilizando rastreamento ocular, com base no princípio da ligação olho-mente (JUST; CARPENTER 1980), seja possível investigar com um nível de rigor quantitativo e estatístico, por exemplo, o dispêndio de esforço cognitivo, por meio de medidas de fixação do olhar, em tarefas de interpretação simultânea executadas individualmente e em equipe. Espera-se que pesquisas como a que propusemos, conforme o desenho experimental descrito no Capítulo 2, possam, inclusive, servir como subsídio para corroborar a necessidade de TILS trabalharem em equipe e que isso se traduza em condições básicas laborais para a contratação nas diversas instituições.

Por fim, acerca do trabalho em equipe, outro importante achado desta pesquisa diz respeito à formação dos TILS. Conseguimos constatar que um percentual significativo dos informantes declarou não ter tido a abordagem da temática “atuação em equipe” durante a sua formação acadêmica. Dentre esses informantes, estão, inclusive, TILS graduados em Letras Libras. Esse aspecto ficou ainda mais evidente nos depoimentos dos entrevistados, que atribuíram à falta de uma formação adequada sobre essa temática, o que, possivelmente, explica a diversidade de concepções e/ ou limites observados em relação à atuação em equipe.

Esses limites ficaram perceptíveis nas declarações de alguns informantes que, ao responderem o questionário, manifestaram preferir a atuação individual por questões de relacionamento interpessoal ou mesmo por não compreender o que envolve uma atuação em equipe. Essas dificuldades conceituais se evidenciam também entre os TILS que condicionaram o trabalho em equipe ao contexto de atuação ou ao público-alvo, por exemplo.

Com base nisso, identificamos uma relação entre a atuação em equipes e algumas das subcompetências da CT (PACTE, 2003). A subcompetência conhecimento sobre tradução, que envolve o entendimento sobre os fundamentos do que é tradução, abrange o entendimento sobre funções de tradução, tipos de unidades de tradução, os processos necessários, métodos e procedimentos utilizados, bem como conhecimento relacionado à prática profissional, como se comportar como tradutor/ intérprete profissional. Na atuação em equipes essa subcompetência é importante pois esse tipo de atuação envolve saber atuar de forma profissional no trabalho em equipes, saber como dar e receber *feedback* e mais do que isso saber atuar em equipe de maneira colaborativa e interdependente.

A subcompetência estratégica também é necessária para atuação em equipes, pois essa subcompetência envolve selecionar o melhor método para o processo de tradução e para a avaliação do processo em relação ao objetivo final (PACTE, 2003). Neste sentido, tanto a experiência no campo profissional quanto os estudos científicos sobre o tema têm demonstrado que a atuação em equipe é sempre a melhor escolha para tarefas de interpretação com mais de uma hora, para que o objetivo final seja alcançado.

Enquadramos ainda nos aspectos de atuação e formação a constatação de uma tendência dos TILS informantes que trabalham em equipes adotarem um padrão que se aproxima do primeiro modelo de Hoza (2010a), o *on/off*. Vale destacar que essa constatação difere dos estudos de Hoza, que afirma que os intérpretes atuais tendem a atuar mais de acordo com o segundo modelo, de monitoramento/ apoio, e ressalta que, ao longo do tempo, a atuação em equipes, no geral, saiu do modelo *on/off* para o modelo de monitoramento/ apoio por meio das percepções práticas e estudos sobre como deve se dar uma atuação em equipe. Portanto, supomos que gradualmente tenda a ocorrer uma migração da atuação centrada no monitoramento/ apoio para a atuação mais interdependente e colaborativa.

Ainda sobre o perfil de formação dos TILS e a relação com o trabalho em equipe, em nossa hipótese inicial acreditávamos que TILS com formação na área da tradução e interpretação de Libras-português e que têm experiência com o trabalho em equipe tendem a preferir a interpretação em equipe, em vez do trabalho individual. Como já explicitamos acima, os dados não indicaram uma relação da formação acadêmica e do tempo de experiência com trabalho em equipe com a preferência por um tipo de atuação (individual ou em equipe). No entanto, conseguimos perceber relações entre o tempo de

experiência com o trabalho em equipe e o nível/ área de formação com as concepções de trabalho em equipe.

Nas entrevistas constatamos que o tempo de experiência e a formação tem uma expressiva relação com as concepções dos TILS sobre atuação em equipe. Com a amostra de informantes entrevistados, pudemos constatar uma tendência de adesão ao segundo modelo de Hoza (2010a), de monitoramento/ apoio, por parte dos entrevistados com menor nível de formação e menor tempo de experiência, e, por outro lado, uma concepção de atuação em equipe mais interdependente e colaborativa (associada ao terceiro modelo de Hoza) por parte dos entrevistados com maior tempo de experiência com atuações em equipe e maior nível de formação, conforme apontado no Quadro 6, no último capítulo.

Nesse aspecto, ressaltamos que é imperativo que cursos de formação de tradutores e intérpretes coloquem a temática do trabalho em equipe como parte central da formação dos TILS para que esse tipo de atuação passe a ser mais bem compreendida e adequadamente aplicada na profissão e, mais importante, que ela se torne uma prática mais interdependente e colaborativa, modelo mais apropriado de atuações em equipe segundo Hoza (2010a).

Em síntese, os dados e os relatos de experiências coletados nesta pesquisa, em interface com os estudos da interpretação simultânea em equipe, evidenciam que esse tipo de atuação envolve mais do que simplesmente trabalhar em duplas de TILS, é mais do que um processo de revezamento de turnos. É uma atividade complexa que exige ações que antecedem e que sucedem uma tarefa de interpretação simultânea. Por essa complexidade, é que entendemos que as possibilidades de análises e estudos sobre a interpretação simultânea em equipe não se esgotam aqui. Nesse sentido, esperamos que os dados relacionados aos perfis de TILS profissionais e sua forma de conceber e de trabalhar em equipe possam ser investigados de uma perspectiva processual, com a implementação do desenho experimental proposto no desenvolvimento desta dissertação.

Os dados levantados nesta pesquisa possibilitam ainda mais análises e constatações sobre a atuação em equipe e o perfil de TILS brasileiros. Tais possibilidades ficam abertas para aprofundamentos em futuros estudos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. *In*: PAGANO, A. (org.) **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG: 69-92. 2001.
- ALVES, F. Esforço cognitivo e efeito contextual em tradução: relevância no desempenho de tradutores novatos e expertos. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 5, p. 11-32, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/278](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/278). Acesso em: 05 ago. 2017.
- ALVES, F. O processo de tradução: delimitação de um objeto de estudo. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 10, p. 9-22, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6142/5700>. Acesso em: 14 dez. 2018.
- ALVES, F. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **DELTA** [online]. 2003, v.19, n.spe, p.71-108. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000300006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000300006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 out.2018.
- AVELAR, Thaís Fleury. **A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras - Libras da UFSC**: estudo descritivo e lexicográfico do sinal 'cultura'. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010, p. 110.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.
- BRASIL, Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Portal da Legislação**, Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004/2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004/2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 05 ago. 2017.
- BRASIL, Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 05 ago. 2017.
- BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Portal da Legislação**, Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm). Acesso em: agosto de 2017
- BRÜCK, P. **Austrian Perspectives of Team Interpreting**: The Views of Deaf University Students and their Sing Language Interpreters. University of Applied



- Sciences Magdeburg-Stendal. 2011. Disponível em:  
[http://www.academia.edu/8603248/Austrian\\_Perspectives\\_of\\_Team\\_Interpreting\\_The\\_Views\\_of\\_Deaf\\_University\\_Students\\_and\\_their\\_Sign\\_Language\\_Intérpreters](http://www.academia.edu/8603248/Austrian_Perspectives_of_Team_Interpreting_The_Views_of_Deaf_University_Students_and_their_Sign_Language_Intérpreters). Acesso em: 26 jan. 2019.
- CAMARGO, Patrícia Gimenez. Competência em interpretação: um breve estudo da interpretação em língua b. **TradTerm**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 13-33, set. 2014. Semestral. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/download/85506/88295/0>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- COSTA, A. C. L. da. **A sinalização de histórias em Libras: aspectos linguísticos e extralinguísticos**. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Cap. 3. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5120>. Acesso em: 05 jun. 2020.
- COSTA, K. P. R. da. O texto do intérprete de libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, 2008.
- DANKS, J. H. et al. (Ed.). **Cognitive processes in translation and interpreting**. London: Sage Publications, 1997. 276 p.
- ECO. U. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007, 458 p.
- EMMOREY, K.; THOMPSON R.; Colvin, R. Eye gaze during comprehension of American sign language by native and beginning signers. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 14, n. 2, p. 237-243, 2009.
- FARIA, S. P. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. 2003. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2003
- FONSECA, N. B. de L. Pós-edição monolíngue: uma análise de indicadores de dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Curso de Letras, Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em:  
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-AZQMPW>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- FREIRE, E. L. Teoria Interpretativa da Tradução e Teoria dos Modelos dos Esforços na Interpretação: proposições fundamentais e inter-relações. **Cadernos de Tradução**, v.2, n.22, 2009. 151-174.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995. p.150-190.

GONÇALVES, J. L. V. R. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. *In*: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Orgs.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.59-70

GONÇALVES, J. L. V. R. **O desenvolvimento da competência do tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental**. 2003. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GONÇALVES, J. L. V. R. **Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

GONÇALVES, J. L. V. R. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. *In*: A. PAGANO (org.) **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG: 13-39. 2001.

GONÇALVES, J. L. V. R.; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 45-69, 2006.

GÖPFERICH, S.; JAKOBSEN, A. L.; MEES, I. M. (Ed.). Copenhagen: Samfundslitteratur. **Copenhagen Studies in Language**, n. 36, 208 p., 2008.

GURGEL, T. M. A. Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior. 2010. 168 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UNIMEP. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185113>. Acesso em 23 mar. 2020.

HICKOK, G.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. A língua de sinais no cérebro. **Rev. Scientific American Brasil** [s. d]; Ed. esp. (4): 50-57.

HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies. *In*: VENUTI, L. (Org.) **The translation studies reader**. London: Routledge, 2000. cap. 13, p. 172-185.

HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press 2010a. 214 p.

HOZA, J. Principles and Practice: teaching team interpreting as collaboration and interdependence. *In*: 18th National Convention Conference of Interpreter Trainers, 18., 2010b, San Antonio. **Proceedings [...]**. Florida: Len Roberson And Sherry Shaw, 2010. v. 1, p. 3-28.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. *In*: PAGANO, A.; Magalhães, C.; Alves, F ...[eds] . **Competência em tradução. Cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005, p. 19-57.

HVELPLUND, K. T. **Allocation of cognitive resources in translation: an eye-tracking and key-logging study.** 2011. Tese (Department of International Language Studies and Computational Linguistics) – The Doctoral School of Language, Law, informatics, Operations Management and Culture, Copenhagen Business School, Copenhagen, 2011. Disponível em: [http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8314/Kristian\\_T\\_Hvelplund\\_SL.pdf?sequence=1](http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8314/Kristian_T_Hvelplund_SL.pdf?sequence=1). Acesso em: 21 dez. 2018.

HVELPLUND, K. T. J. Eye tracking and the translation process: reflections on the analysis and interpretation of eye-tracking data. *MonTI: monografías de traducción e Interpretación*, [s.l.], Special Issue 1, p. 201-223, 2014. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/MonTI/article/view/292854/381284>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

JÄÄSKELÄINEN, R. Translation assignment in professional vs. non-professional translation: A think-aloud protocol study. In: C. Séguinot (ed.). **The translation process.** Toronto: HG Publications. 1989a. p.87-98.

JÄÄSKELÄINEN. The role of reference material in professional vs. non-professional translation: A think-aloud protocol study. In: S. Tirkkonen-Condit & S. Condit (eds.). **Empirical studies in translation and linguistics.** Joensuu: University of Joensuu. 1989b. p.175-200.

JÄÄSKELÄINEN, R. Can experimental translation studies offer something to practising translators? In: **Synaps**, p. 35-41, 2008. Disponível em: <https://brage.bibsys.no/xmlui/handle/11250/2404116>. Acesso em: 11 nov. 2018.

JUST, M. A.; CARPENTER, P. A. A theory of reading: from eye fixations to comprehension. **Psychological Review**, Pittsburgh, v. 87, n. 4, p. 329-354, jul. 1980. Disponível em: <http://repository.cmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1731&context=psychology>. Acesso em: 01 dez. 2018.

KRINGS, H. P. **Was in den Köpfen von Übersetzernvorgeht: eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern.** Tübingen: Narr. 1986.

KUSSMAUL, P.; TIRKKONEN-CONDIT, S. **Think-Aloud protocol analysis in translation studies.** TTT: traduction, terminologie, rédaction, Montréal, v. 8, n. 1, p. 177- 199, 1995. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ttr/1995-v8-n1-ttr1482/037201ar.pdf>: Acesso em: 2 dez. 2018.

LACERDA, C. B. F. de; GURGEL, T. M. A. **Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil.** Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 17, n. 3, p. 481-496, Dec. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382011000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382011000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em 23 mar. 2020.

LORENZO, M. P. La traducción a una lengua extranjera: uno de los muchos desafíos a la competencia traductora. In: KELLY, D., MATÍN, A., NOBS, M-L., SÁNCHEZ, D.,

WAY, C. (Eds.). **La direccionalidad en traducción e interpretación: perspectivas teóricas, profesionales y didáticas**. Granada, 2003.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2016. 213 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167619>. Acesso em 25 jan.2019.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. 2018. **Translatio**, n. 15, p. 122-158. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326560131>. Acesso em 21 jun. 2019.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-português no contexto de Conferência: Uma descrição do Trabalho em Equipe e as Formas de Apoio na Cabine**. Florianópolis, SC. 2016. 213 p.

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 78-112, out. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p78>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MENDES, Regina Maria Russiano. Afinal: intérprete de língua de sinais, intérprete educacional, professor intérprete ou auxiliar? O trabalho de intérpretes na lógica inclusiva. In: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres (orgs). **Libras em estudo: tradução e interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 75-107.

O'BRIEN, S. Eye tracking in translation process research: methodological challenges and solutions. In: MEES, I. M.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (Eds.) **Methodology, technology and innovation in translation process research: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen**. Copenhagen studies in language, 38. *Samfundslitteratur*, Copenhagen, p. 251-266, 2009. Disponível em: [http://doras.dcu.ie/17157/1/CSL\\_38\\_Methodologies.pdf](http://doras.dcu.ie/17157/1/CSL_38_Methodologies.pdf). Acesso em: 18 ago. 2018.

O'BRIEN, S. Eye-tracking and translation memory matches. **Perspectives**, London, v. 14, n. 3, p. 185-205, 2006.

OLIVEIRA, P. H. **Metáfora conceitual e Libras: uma abordagem cognitiva da surdez**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

PACTE. Acquiring translation competence: hypotheses and methodological problems in a research project. In: BEEBY, A.; ENSINGER, D.; PRESAS, M. (Ed.). **Investigating translation**. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 99-106. Disponível em:

[https://ddd.uab.cat/pub/caplli/2000/158625/2000\\_Benjamins\\_PACTE.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/caplli/2000/158625/2000_Benjamins_PACTE.pdf). Acesso em: 18 ago. 2018.

PACTE. Building a translation competence model. *In*: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 43-66.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **Revista DELTA**: [online]. 2003, vol.19, n.spe, p. 209-236.

PAGURA, R. A teoria interpretativa da tradução (théorie du sens) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização. **TradTerm**, São Paulo, v.19, p.92-108, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47347/51084>. Acesso em: 12 jul. 2019.

PAVLOVIĆ, N.; JENSEN, K. T. H. Eye tracking translation directionality. *In*: PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Ed.). **Translation Research Projects 2**. Tarragona: Intercultural Studies Group, v. 2, p. 93-109, 2009.

PEREIRA, Maria C. p. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. *In*: Ronice Müller de Quadros (org.). Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, **Cadernos de Tradução**, 2010. v. 2, n. 2, p. 99-117

POWELL, Denise. **A Case Study of Two Sign Language Interpreters Working in Post-Secondary Education in New Zealand**. 2013. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1029136.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2020.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. ArtMed. Porto Alegre. 2004

QUADROS, R.; PERLIN, G. **Estudos Surdos 2**. Editora Arara Azul, 2007.

RIGO, N. S. Tradução de libras para português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 458-478, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p458>. Acesso em: ago. de 2017.

RODRIGUES, C. A. Abordagem Processual nos Estudos da Tradução: uma meta-análise qualitativa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 10, p. 23-57, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6143>

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. *In*: II CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2010.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos da modalidade e processos inferenciais**. 2013. 246 f. Tese (Doutorado em Linguística

Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9CXQ8L/rodrigues\\_\\_2013\\_\\_\\_tese\\_poslin.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9CXQ8L/rodrigues__2013___tese_poslin.pdf?sequence=1) Acesso em: 05 ago. 2017.

RODRIGUES, C. H. O uso de protocolos verbais na investigação do processo de interpretação simultânea do Português para Libras. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 48-70, 2015. Disponível em: <https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/9/8>. Acesso em: 04 dez. 2017.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17/30707>. Acesso em: 10 jul. 2019.

RODRIGUES, C. H.; SILVÉRIO, C. A interpretação na educação: quais conhecimentos e habilidades o intérprete educacional deve possuir? Espaço informativo Técnico-Científico do INES. Rio de Janeiro, n. 35, p. 42, jan/jun., 2011. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/244>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

ROMEIRO, S. A. L. V.; OLIVEIRA, I. N. de; SILVÉRIO, C. C. de P. O trabalho do tradutor e intérprete de libras-português nas universidades federais brasileiras. *In: IV CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA. Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2957.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Viva**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROSA, Andrea da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 205 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Estadual de Campinas. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190872>. Acesso em 23 jun. 2020.

SCHIMDT, A. Gruppenprotokolle - ein Einblick in die black box des Übersetzens? **TextContext** 9. 1994. p.121-146.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010, p. 75.

SELLTIZ, Claire; [et al.]. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Ed. Herder, 1967.

SHREVE, G. M; KOPY, G.S. What's in the "Black Box"? Cognitive Science and Translation Studies. *In*: DANKS, J. H. et al. (Ed.). **Cognitive processes in translation and interpreting**. London: Sage Publications, 1997. p. xi-xviii.

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester/UK: St. Jerome, p. 154-155.

SILVA, A. M. da. **Análise da participação dos alunos Surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérprete**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)- Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SJØRUP, A. C. **Cognitive effort in metaphor translation: an eye-tracking and key-logging study**. PhD Thesis. Copenhagen Business School. 2013.

SJØRUP, A. C. Compreensão da metáfora na tradução: questões metodológicas em um estudo piloto. **Copenhagen Studies in Language**, 2008. 53-77  
[ural.uv.cat/media/upload/domain\\_317/arxiu/TP2/jensenpavlovic.pdf](http://www.ural.uv.cat/media/upload/domain_317/arxiu/TP2/jensenpavlovic.pdf). Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVA, D.; FERNANDES, S. O tradutor intérprete de língua de sinais (TILS) e a política nacional de educação inclusiva em contextos bilíngues para surdos: um estudo da realidade da rede pública estadual paranaense. 2018. **Revista Educação Especial**, 31(60), 35-50. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X24814>. Acesso em: 23 mar.2020.

SILVA, Giselli Mara da. **Perfis Linguísticos de Surdos Bilíngues do Par Libras-Português**. 2018. 216 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AX8MK5?mode=full>. Acesso em: 24 jun. 2020.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance: communication and cognition**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1995. 326 p.

WEHRMEYER, J. E. Eye-tracking deaf and hearing viewing of sign language interpreted news broadcasts. **Journal of Eye Movement Research** 7, v. 1, n. 3, p. 1-16, 2014.

ZAMPIER, P. L. V. O. **Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-português**. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

**ANEXO A — QUESTIONÁRIO DE PERFIL**

1. Nome completo
2. Gênero
3. Data de nascimento
4. Você concluiu algum curso de graduação?

*Sim/Não*

- 4.1. Qual(is) cursos?
- 4.2. Com qual(is) habilitações?
- 4.3. Em qual(is) instituições?
- 4.4. Em qual modalidade?

Presencial/ semipresencial/a distância.

Obs:\_\_\_\_\_

5. Você está matriculado em algum curso universitário?

*Sim/Não*

- 5.1. Qual(is) cursos?
- 5.2. Com qual(is) habilitações?
- 5.3. Em qual(is) instituições?
- 5.4. Em qual modalidade?

Presencial/ semipresencial/a distância.

Obs:\_\_\_\_\_

6. Você fez especialização(ões) ou está cursando?

Já conclui/ Estou cursando/ Não fiz especialização

- 6.1. Em qual(is) curso(s)?
- 6.2. Em qual(is) instituição(ões)?

7. Você tem mestrado ou está cursando?

Já conclui/ Estou cursando/ Não fiz mestrado



- 7.1. Em qual(is) curso(s)?
- 7.2. Em qual(is) instituição(ões)?
8. Você tem doutorado ou está cursando?
- Já conclui/ Estou cursando/ Não fiz doutorado
- 8.1. Em qual(is) área(s)?
- 8.2. Em qual(is) instituição(ões)?
9. Você está cursando ou já cursou alguma disciplina ou curso livre da área de tradução? Se sim, qual(is)?
10. Qual é a sua L1? (L1: língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular)
- 10.1. Como você avalia seu nível de proficiência na L1? *Nenhuma proficiência/ Proficiência elementar / Proficiência profissional limitada / Proficiência profissional / Proficiência profissional plena / Proficiência nativa ou bilíngue.*
- 10.2. Você tem outra L1? Se sim, especifique.
11. Qual(is) é(são) sua(s) L2? [L2: língua adquirida, geralmente, a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo etc.)]
- 11.1. Como você avalia seu nível de proficiência na primeira L2?  
*Nenhuma proficiência/ Proficiência elementar / Proficiência profissional limitada / Proficiência profissional / Proficiência profissional plena / Proficiência nativa ou bilíngue.*
- 11.2. Como você aprendeu sua primeira L2?  
*Familiares / Amigos / Escola / Religião / Curso livre / Ensino superior / Outro.*
- 11.3. Há quantos anos você começou a aprender sua(s) L2?
- 11.4. Como você avalia seu nível de proficiência na sua segunda L2?

*Nenhuma proficiência/ Proficiência elementar / Proficiência profissional limitada / Proficiência profissional / Proficiência profissional plena / Proficiência nativa ou bilíngue.*

11.5. Como você aprendeu sua segunda L2?

*Familiares / Amigos / Escola / Religião/ Curso livre / Ensino superior / Outro.*

11.6. Você possui certificado(s) de proficiência em alguma L2? Se sim, especifique:

12. Você atua como tradutor(a) e intérprete de Libras-português? Se sim, há quanto tempo?

12.1. Com que frequência você faz traduções e/ou interpretações?

*Até 10 horas por semana / de 10 horas a 20 horas por semana / de 20 horas a 30 horas por semana / de 30 horas a 40 horas por semana / mais de 40 horas por semana*

12.2. Que porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de tradução e/ou interpretação?

*Menos de 10% / 11% a 30% / 31% a 50% / 51% a 70% / 71 a 100%*

12.3. Que tipo de tradução você geralmente faz? Marque todas as opções aplicáveis.

*Nenhuma / Tradução literária / Tradução técnica / Tradução acadêmica/ Tradução audiovisual/ Outros.*

12.4. Que tipo de interpretação você geralmente faz? Marque todas as opções aplicáveis.

*Nenhuma / Interpretação de eventos / Interpretação acadêmica/educacional / Interpretação audiovisual / Outros.*

13. Você já atuou como tradutor(a) e intérprete de Libras-português? Se sim, por quanto tempo?

14. Você já atuou fazendo trabalhos de traduções e ou interpretações simultâneas

em equipe (duplas, intérprete de apoio)?

14.1. Há quanto tempo você atua em equipe?

14.2. Na instituição na qual você trabalha é usual o trabalho em equipe (duplas, trabalho com intérprete de apoio)?

*Sim, só trabalhos em duplas/ Não, não trabalhamos em duplas, atuamos individualmente/ às vezes trabalhamos em dupla, as vezes individualmente/ Há somente um intérprete na minha instituição.*

14.3. Em trabalho de interpretação simultânea em sala de aula e eventos, você prefere trabalhar sozinho ou em equipe? Justifique brevemente sua resposta.

14.4. Durante sua formação, houve alguma disciplina ou discussão acerca da atuação em equipe de tradutores e intérpretes de Libras?

**ANEXO B — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(TCLE)**

Título da pesquisa: “Trabalho individual e em equipe: Análise de perfil de TILS e uma proposta de estudo experimental”.

Este termo de consentimento livre e esclarecido pode conter palavras que você não entenda. Peça ao(à) pesquisador(a) que explique as palavras ou informações que você eventualmente não compreenda.

1. Do convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “O trabalho em equipe na atuação de tradutores e intérpretes de língua de sinais: uma análise de perfil”. Se decidir participar desta pesquisa, é importante que leia as informações contidas neste documento a respeito do estudo e do seu papel nesta pesquisa. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para a sua relação com o pesquisador ou com a UFOP. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito ao final deste documento. Você poderá fazer todas as perguntas que precisar para entender os objetivos da pesquisa, esclarecer dúvidas acerca dos riscos, dos benefícios e outros. São-lhe garantidos esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia. Você receberá uma cópia fidedigna deste termo na qual constam as informações relativas à pesquisa bem como o telefone e endereço do pesquisador principal, por meio dos quais poderá entrar em contato para dirimir quaisquer dúvidas sobre o projeto e sua participação.

2. Dos pesquisadores e patrocinadores envolvidos

Esta pesquisa tem como pesquisadores responsáveis o Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves, Professor Associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras (POSLETRAS) da UFOP, a Profa. Dra. Norma Barbosa de Lima Fonseca, Professora do IFSP, campus Sorocaba e o Mestrando Johnny César dos Santos. Seu endereço é Rua do Seminário, s/n, CEP: 35420-000, Mariana (MG) – Brasil, Telefone: (31) 3557-9418.

3. Do objetivo e da justificativa

O objetivo deste estudo é mapear o perfil de tradutores profissionais e bilíngues, com vistas à caracterização desses perfis de participantes, observando-se, em particular, aspectos relacionados à competência tradutória e ao processo tradutório. Os resultados desta pesquisa fornecerão subsídios para o avanço das discussões sobre a competência tradutória, sobre a formação de tradutores e intérpretes e sobre o processo tradutório intermodal de Libras-português em equipe.

#### 4. Dos procedimentos de coleta

Se concordar em participar deste estudo, você será solicitado a responder de forma oral às perguntas feitas pelo pesquisador, são seis perguntas previamente selecionadas. A entrevista será realizada via Google Meet, as respostas serão gravadas para posterior análise dos pesquisadores supracitados. **Antes de iniciar a sessão de entrevista você receberá, por parte dos pesquisadores, todas as instruções e o passo a passo de como se dará o processo.**

#### 5. Dos desconfortos e riscos possíveis

Todos os procedimentos da entrevista, incluindo a leitura deste termo e os esclarecimentos sobre a pesquisa, demandarão entre 30 e 60 minutos de seu tempo. Possíveis desconfortos e riscos podem se relacionar: (i) ao eventual incômodo do participante em ser observado pelo pesquisador, durante a realização da entrevista; (ii) ao possível desconforto físico causado pelo tempo de atenção às perguntas feitas e às respostas dadas; Como forma de minimizar ou excluir esses riscos e desconfortos, salienta-se que esta pesquisa será realizada somente se você se sentir em boas condições físicas e emocionais para desenvolver todas as atividades solicitadas.

#### 6. Dos benefícios esperados

A sua participação nesta pesquisa não lhe trará benefícios de forma direta e imediata. Contudo, os resultados deste estudo serão relevantes para a compreensão do processo de interpretação, para a formação de tradutores e intérpretes de Libras-português e para os estudos acerca do trabalho de interpretação simultânea em equipe.

#### 7. Dos custos e reembolsos para o participante

Você não terá qualquer gasto em função de sua participação nesta pesquisa, portanto, não haverá necessidade de qualquer reembolso por parte dos pesquisadores. Sua participação deverá ser voluntária e espontânea, não havendo, assim, qualquer tipo de remuneração.

#### 8. Da confidencialidade da pesquisa

Será garantido sigilo absoluto para assegurar o anonimato e, conseqüentemente, a privacidade de todos os sujeitos participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Portanto, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Os dados dos experimentos, após a coleta e as devidas análises, serão arquivados e mantidos em sigilo por tempo indeterminado, sob a responsabilidade do pesquisador, em devidas mídias digitais. Serão observados critérios de confidencialidade no armazenamento desses dados que estarão disponíveis no Laboratório Experimental em Estudos da Linguagem (LEXEL) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP (Rua do Seminário, s/n, CEP: 35420-000, Mariana/MG, Brasil, Telefone: +55 (31) 3557-9418). Assim, ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você autoriza as inspeções em seus registros. Em caso de dúvidas relacionadas às questões éticas envolvendo esta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Ouro Preto, pelo telefone (31) 3559-1368, pelo e-mail [cep@propp.ufop.br](mailto:cep@propp.ufop.br) ou presencialmente na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP), no Centro de Convergência do Campus Morro do Cruzeiro, s/n, CEP: 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil.

#### 9. Da declaração de consentimento livre e esclarecido

Eu.....,RG....., CPF.....,

declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que fui devidamente informado(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre os procedimentos que serão utilizados, os riscos e desconfortos, os benefícios, o custo/reembolso dos participantes, a confidencialidade da pesquisa. Confirmando que toda a linguagem técnica utilizada na descrição desta pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Declaro ainda que me foi assegurado que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou a perda de benefícios. Confirmando ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dou meu consentimento de espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Assinatura do(a) participante:..... Data: / /2020.

Eu....., RG....., CPF.....,

atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação na pesquisa. Acredito que o(a) participante recebeu todas as informações necessárias, as quais foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível, e que o(a) participante compreendeu tais explicações.

Assinatura do(a) participante:..... Data: / /2020.

**ANEXO C — QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO**

- A. Qual o seu nível de satisfação com a interpretação que você acabou de realizar?

*Muito insatisfeito / Insatisfeito / Nem insatisfeito nem satisfeito / Satisfeito / Muito satisfeito.*

Justifique sua resposta.

- B. Qual será o provável nível de satisfação do leitor da sua interpretação?

*Muito insatisfeito / Insatisfeito / Nem insatisfeito nem satisfeito / Satisfeito / Muito satisfeito.*

Justifique sua resposta.

- C. Quais foram as suas dificuldades ao realizar a interpretação? O que você fez para resolvê-las?

- D. O que você teria feito de outra forma, se fosse possível refazer a interpretação?

- E. Qual tarefa de interpretação você gostou mais de realizar, em dupla ou individualmente?

Justifique sua resposta.

- F. Classifique o nível de dificuldade em realizar a tarefa de interpretação individual:

*Muito difícil / Difícil / Mais ou menos / Fácil / Muito fácil*

Justifique sua escolha.

- G. Classifique o nível de dificuldade em realizar a tarefa de interpretação em equipe:

*Muito difícil / Difícil / Mais ou menos / Fácil / Muito fácil*

Justifique sua escolha.



**APÊNDICE A — ENTREVISTA DE CONHECIMENTO E CONCEPÇÕES  
SOBRE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA EM EQUIPE**

Responda, de acordo com os seus conhecimentos, as perguntas a seguir:

1. O que é um trabalho de interpretação simultânea em equipe, em sua opinião?
2. Para você, qual o objetivo de se trabalhar em equipe em um processo de interpretação simultânea?
3. Como deve acontecer um trabalho de interpretação simultânea em equipe, para que ele seja efetivo?
4. Relate uma experiência bem sucedida em que o trabalho em equipe contribuiu para um bom resultado na interpretação simultânea
5. Relate uma experiência negativa em que o trabalho em equipe não contribuiu para um bom resultado na interpretação simultânea

**APÊNDICE B — QUESTIONÁRIO DE CONHECIMENTO SOBRE  
INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA EM EQUIPE**

Responda, de acordo com os seus conhecimentos, as perguntas a seguir:

1. O que é um trabalho de interpretação simultânea em equipe?
2. Qual o objetivo de se trabalhar em equipe em um processo de interpretação simultânea?
3. Como deve acontecer um trabalho de interpretação simultânea em equipe?

## **APÊNDICE C — ORIENTAÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROTOCOLO RETROSPECTIVO LIVRE**

Agora você vai assistir à gravação da tarefa que você acabou de realizar numa velocidade um pouco mais rápida para você comentar sobre o que quiser sobre ela. Você verá círculos que indicam onde você olhou enquanto fazia a tarefa. Você pode pausar o vídeo sempre que quiser. Lembre-se de que esse relato é espontâneo e você dizer o que desejar sobre a tarefa que acabou de executar. Não se censure. Sinta-se à vontade para falar sobre qualquer aspecto do seu processo de tradução.

**APÊNDICE D — ORIENTAÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO  
PROTOCOLO RETROSPECTIVO GUIADO**

Após a execução das duas tarefas experimentais, por favor, sinta-se à vontade para expressar suas sensações sobre os questionamentos a seguir:

1. Qual das duas tarefas de interpretação você preferiu fazer (e por quê)?
2. O que você achou mais difícil nas duas tarefas que você fez (e por quê)?
3. O que você achou mais fácil nas tarefas (e por quê)?
4. Com qual interpretação você ficou mais satisfeito/a? (e por quê)?